REVISTA ACADÊMICA DA Faculdade Canção Nova

v. 1 | n. 1 | 2025

ISSN 3085-8291

Canção Nova
FACULDADE

Sumário

UNIVERSIDADE E UNIVERSIDADE CATÓLICA: IDENTIDADE, ORIGEM HISTÓRICA E ATUALIDADE ..... Pág. 6

A TELA COMO ELEMENTO EXTENSIVO DA COMUNICAÇÃO RADIOFÔNICA ..... Pág. 20

ANÁLISE DA APLICABILIDADE DO MODELO MATEMÁTICO DA TEORIA GRAICUNAS NA AMPLITUDE DE CONTROLE ENTRE LÍDERES E LIDERADOS ..... Pág. 42

TEORIAS DE APRENDIZAGEM PARA A PRÁTICA DO ENSINO DE ENGENHARIA ..... Pág. 68

O SISTEMA ÉTICO-FILOSÓFICO DE MAX SCHELER E A ÉTICA CRISTÃ: A PERSPECTIVA FILOSÓFICO-TEOLÓGICA DE KAROL WOJTYLA ..... Pág. 82

SOCIEDADE E CULTURA: AS TROPAS COMO FATOR HISTÓRICO-CULTURAL NO CAMINHO VELHO DO OURO – EIXO PARATY-CUNHA-GUARATINGUETÁ ..... Pág. 101

Equipe Editorial

Editor Chefe

Dr. Roberto Marcelo da Silva

Conselho Editorial

Dr. Henrique Alckmin Prudente
Dr. Lino Rampazzo
Me. Élcio Henrique dos Santos
Me. Lúcio José Rangel
Me. Marcius Tadeu Maciel Nahur
Me. Darwin Rodrigues Mota
Me. Wilson Martins da Silva
Me. Patrícia Januária da Silva Cunha Barbosa
Me. Patrícia Adriana Corrêa Ferreira

Projeto Gráfico e Diagramação

Núcleo de Comunicação FCN

Prefácio

Apresenta-se, a seguir, o primeiro número da Revista Acadêmica da Faculdade Canção Nova. A iniciativa da Revista é uma resposta seja às exigências da Constituição da República Federativa do Brasil, como às diretrizes específicas das Universidades Católicas, entre as quais a Canção Nova está inserida na modalidade de uma Faculdade.

De fato, para ser universidade no Brasil, a Instituição precisa oferecer também programas de mestrado e de doutorado. Quando isso não acontece, a Instituição de Ensino Superior aparece como simples Faculdade, ou, tendo um maior número de cursos, também como Centro Universitário. Mesmo assim, as simples faculdades, dentro dos seus limites, têm que obedecer ao príncípio constitucional da 'indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão', conforme está expresso no art. 207 da Constituição de 1988. Na mesma linha, a Constituição Apostólica Ex corde Eccclesiae, publicada no ano de 1990, que é a Magna Charta das Universidades Católicas, define a universidade, já no seu primeiro número, como 'centro incomparável de criatividade e de irradiação do saber para o bem da humanidade'.

No ensino transmite-se o saber já adquirido e publicado através do qual o saber é irradiado. Na pesquisa há a produção de um novo saber e, por isso, estamos diante da criatividade. E, na extensão, o saber está colocado a serviço da comunidade. Por isso, fala-se de 'irradiação do saber para o bem da humanidade".

Quanto ao ensino, a Faculdade Canção Nova oferece cinco cursos de graduação: Administração, Filosofia, Jornalismo, RádioTV e Teologia. E há também cursos de pós-graduação lato sensu, como os atualmente oferecidos em 'gestão de pessoas' e 'bioética'.

Quanto à extensão, há atividades focadas em questões sociais de relevância. Entre as atividades realizadas, destacam-se simpósios, jornadas acadêmicas e cursos como Libras, liderança e formação teológica para leigos. Além disso, foram promovidas atividades de esporte, que demonstraram ser uma excelente forma de integração familiar, incentivando hábitos saudáveis e fortalecendo laços afetivos desde cedo.

E, por fim, quanto à pesquisa, ressalta-se a contratação da maioria dos professores desta Faculdade, tendo títulos de mestrado, doutorado e, em alguns casos, também de pós-doutoramento. Isso significa tratar-se de professores que, através de suas dissertações, teses, artigos publicados em revistas científicas e também de livros escritos, realizaram pesquisas científicas: o que vai se refletindo na qualidade das aulas ministradas e no estímulo para a pesquisa passado aos alunos. E, neste sentido, no ano de 2024, a Faculdade Canção Nova realizou o 9º Simpósio de Iniciação científica, com a sucessiva publicação dos resumos das pesquisas apresentadas seja por professores, como por alunos, inclusive de outras instituições de Ensino Superior.

A publicação da Revista se insere, pois, em tal linha.

Neste primeiro número são publicados seis artigos de professores da Faculdade, que desenvolvem os temas sinteticamente apresentados, a seguir.

O artigo 'Universidade e universidade católica: identidade, origem histórica e atualidade' lembra a origem histórica das universidades na Idade Média, com suas propriedades específicas e, sucessivamente, o surgimento tardio do Ensino Superior no Brasil. Em seguida apresenta a origem e as características das universidades católicas, ressaltando particularmente sua 'sua tarefa privilegiada de unificar existencialmente, no trabalho intelectual, duas ordens de realidade que, não raro, tendem a se opor, como se fossem antitéticas: a investigação da verdade e a certeza de conhecer, já, a fonte da verdade'.

O artigo 'Análise da aplicabilidade do modelo matemático da teoria Graicunas na amplitude de controle entre líderes e liderados' aborda conceitos voltados para as organizações que demandam aprimoramento do desempenho organizacional. Analisa o papel da liderança na estrutura organizacional; e, sucessivamente, os conceitos de delegação, centralização e descentralização, que são vertentes significativas

para o desenvolvimento empresarial, numa perspectiva crítica relativa ao modelo do citado matemático francês.

O artigo sobre 'O sistema ético-filosófico de Max Scheler e a ética cristã: a perspectiva filosófico-teológica de Karol Wojtyla' mostra como Karol Wojtyla, futuro Papa João Paulo II, analisou a adequação do sistema ético-filosófico scheleriano para interpretar a ética cristã, entendida como aquela que envolve verdades éticas reveladas por Deus e propostas pela instituição eclesiástica como princípios norteadores do comportamento moral das pessoas.

Ele reconhece que a ética fenomenológica é uma das principais correntes de pensamento ético contemporâneo e as suas matrizes teóricas trazem certos fundamentos para orientação da conduta moral nos tempos em curso. Mas critica o sistema scheleriano caracterizado por uma redução fenomenológica da pessoa à unidade da prática de atos em forma empírica de experiência, faltando-lhe a dimensão metafísica da pessoa.

O artigo 'Sociedade e Cultura: as tropas como fator histórico-cultural no caminho velho do ouro – Eixo Paraty-Cunha-Guaratinguetá', analisa o Caminho Velho do Ouro, no trecho entre Paraty-RJ, Cunha-SP e Guaratinguetá-SP, assim como antigas trilhas utilizadas pelos povos autóctones. Este trilho consistiu em ligação estruturante entre o litoral e o médio Vale do Paraíba desde o fim do Século XVI até meados do Século XX. As tropas são apresentadas dentro do contexto geográfico deste eixo, como fatores histórico-culturais, ancorando tanto iniciativas pedagógicas, contribuindo para o estudo do Brasil Colonial, como para a compreensão da identidade cultural de lugares potencializando o Turismo Regional, fator social inserido na contemporaneidade.

O artigo 'Teorias de Aprendizagem para a prática do Ensino de Engenharia' considera que o estudo das teorias de aprendizagem tem se mostrado essencial para a educação, incluindo o campo da engenharia. Aborda a aplicação de diferentes teorias de aprendizagem no contexto de cursos de engenharia, com o objetivo de auxiliar professores a entender e melhorar suas práticas pedagógicas. As teorias abordadas incluem Behaviorismo, Cognitivismo, Humanismo e a aplicação de abordagens híbridas, cada uma oferecendo perspectivas distintas sobre como os estudantes adquirem conhecimento e desenvolvem habilidades. A escolha da teoria mais apropriada para uma disciplina específica é um desafio central que é explorado ao longo do artigo. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, caracterizada por um estudo de caso realizado na disciplina de "Energia, Meio Ambiente e Sustentabilidade" do curso de Engenharia Elétrica da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo.

O Artigo 'A tela como elemento extensivo da comunicação radiofônica' considera que a conexão homem-tecnologia percorre um caminho cada vez mais profundo, possivelmente sem volta e cuja velocidade parece acelerar cada vez mais. Neste cenário, já presente há anos na sociedade, a tela e suas possibilidades tem desdobrado-se em potencialidades e ambientes ímpares. O que antes encontrava-se na sala de uma residência, a exemplo de uma televisão, hoje, já figura no pulso, no bolso e até mesmo à frente dos olhos dos indivíduos sociais. Apresenta-se, pois, um olhar sobre o uso das telas pelas emissoras radiofônicas como recurso de extensão de sua comunicação, essencialmente sonora. Aborda, como corpus de pesquisa, três programas radiofônicos distintos, de emissoras diferentes e transmitidos em seus devidos canais na plataforma YouTube.

Trata-se, pois, de um primeiro passo em que são apresentados artigos de professores desta Faculdade. Mas a divulgação deste número acaba sendo também um convite para pesquisadores de outras Instituições para que sejam parceiros nas publicações dos próximos números.

Lino Rampazzo

REVISTA ACADÊMICA DA Faculdade Canção Nova

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

UNIVERSIDADE E UNIVERSIDADE CATÓLICA: IDENTIDADE, ORIGEM HISTÓRICA E ATUALIDADE

Lino Rampazzo
Doutor em Teologia pela Pontificia Università Lateranense (Roma)
- Pós-Doutor em Democracia e Direitos Humanos pela Universidade de Coimbra
Professor nos Cursos de Filosofia e de Teologia da Faculdade Canção Nova

RESUMO

Este estudo procura analisar as circunstâncias históricas da origem do Ensino Universitário: o que aconteceu na Idade Média, com a iniciativa significativa da Igreja. Passa, em seguida, a considerar a demora no Brasil para chegar à fundação da primeira Universidade. Ressalta que nas últimas décadas houve, no Brasil, a multiplicação das Universidades, com uma legislação específica. Em seguida considera que o contato do cristianismo com o mundo da cultura sempre suscitou na Igreja o problema de integrar ciência e fé: o que se deu de maneira significativa com a criação da Universidade Católica, caracterizada por esta integração. Por fim destaca quatro características da Universidade católica, o papel dos professores e a colaboração respeitosa com os não católicos que se encontram nesta Instituição.

Palavras-chave: Surgimento da Universidade. Universidade no Brasil. Universidade Católica.

ABSTRACT

This study seeks to analyze the historical circumstances of the origin of University Education: what happened in the Middle Ages, with the significant initiative of the Church. It then goes on to consider the delay in the founding of the first University in Brazil. It emphasizes that in recent decades there has been a multiplication of Universities in Brazil, with specific legislation. It then considers that the contact of Christianity with the world of culture has always raised in the Church the problem of integrating science and faith: which occurred in a significant way with the creation of the Catholic University, characterized by this integration. Finally, it highlights four characteristics of the Catholic University, the role of professors and the respectful collaboration with non-Catholics who are in this Institution.

Keywords: Emergence of the University. University in Brazil. Catholic University..

REVISTA ACADÊMICA DA Faculdade Canção Nova

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

UNIVERSIDADE E UNIVERSIDADE CATÓLICA: IDENTIDADE, ORIGEM HISTÓRICA E ATUALIDADE

Lino Rampazzo
Doutor em Teologia pela Pontificia Università Lateranense (Roma)
- Pós-Doutor em Democracia e Direitos Humanos pela Universidade de Coimbra
Professor nos Cursos de Filosofia e de Teologia da Faculdade Canção Nova

1. INTRODUÇÃO

Quem somos nós? O que vamos fazer da nossa vida? Estas perguntas básicas, de cada ser humano consciente e maduro têm que ser aplicadas também na Instituição Universitária e, mais especificamente, também na Instituição Universitária Católica e nos correspondentes Institutos Superiores.

A partir disso, este artigo apresenta, antes de tudo, a situação histórica que levou ao surgimento das Universidades na Idade Média. Em seguida, expõe outros dados históricos relativos ao surgimento do Ensino Superior no Brasil. Passa-se depois a considerar a origem e as características específicas das Universidades Católicas, acrescentando, no fim, alguns destaques sobre as mesmas.

O assunto se justifica diante da necessidade de esclarecer a identidade e o papel destas Instituições, por parte seja dos dirigentes, dos educadores, dos alunos e dos responsáveis da sua administração, como também por parte dos que, por vários motivos, procuram tais esclarecimentos. A pesquisa realizada é apenas bibliográfica e documental, destacando-se a Constituição Apostólica sobre as Universidades Católicas, de 1990.

2. O SURGIMENTO DAS UNIVERSIDADES NA IDADE MÉDIA

Nossa cultura ocidental tem suas raízes na cultura greco-romana, com sucessivas contribuições da visão religiosa judaico-cristã e da influência árabe, particularmente através da utilização dos números.

Mas, ficando com a primeira destas raízes, todos nós sabemos que a maioria das palavras da língua portuguesa provém do latim, ou do grego. E isso se aplica também com a palavra *universidade*, que é de origem latina. Mas, para entender seu significado originário, precisa remontar ao período no qual as universidades foram criadas: exatamente na Idade Média. As universidades nasceram, pois, nas escolas da Igreja, na Idade Média. Como isso aconteceu?

A Idade Média pode ser caracterizada pela ação de *três vigorosas forças*: a cultura clássica, a influência germânica e o cristianismo. Carlos Magno (747-814) foi o primeiro monarca de origem bárbara que conseguiu criar um império compacto de vasta extensão. Percebeu, com clareza, que um povo, para ser forte, precisava possuir unidades de sentimento e de educação. Para isso, lançou mão da Igreja, sobretudo da vigorosa organização monacal. Chamou para sua corte sábios eminentes: Paulo, o Diácono, Pedro de Pisa, Rábano Mauro, o poeta Teodulfo, o historiador Eginaldo. O Papa colocou a sua disposição cantores, mestres de gramática, matemáticos. Porém, antes de mais nada, o maior executor da política educacional de Carlos Magno foi Alcuíno (735-804), um monge inglês beneditino de York.

A atividade educacional de Carlos Magno foi grande: numa contínua série de decretos legislativos, chamados “capitulares”, organizou o sistema de ensino. Preocupou-se, desde logo, com a cultura do clero e dos monges. Chegou a ordenar, em 802, que todos os seus súditos enviassem os filhos à escola.

Sob Carlos Magno, inspirado por Alcuíno, a educação se renovou no Ocidente, chegando a

REVISTA ACADÊMICA DA Faculdade Canção Nova

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

Lino Rampazzo
Doutor em Teologia pela Pontificia Università Lateranense (Roma)
- Pós-Doutor em Democracia e Direitos Humanos pela Universidade de Coimbra
Professor nos Cursos de Filosofia e de Teologia da Faculdade Canção Nova

possuir três graus:

a) educação elementar, ministrada pelo sacerdote de cada paróquia (escolas presbiterais ou paroquiais);

b) educação secundária, proporcionadas nos mosteiros e nas catedrais (escolas monásticas e catedrais);

c) educação superior, confiada a uma academia de sábios que instruíam na Escola Imperial ou "Palatina" (=palácio) e onde praticamente se preparavam os futuros funcionários. Esta escola era itinerante: seguia a corte em seus deslocamentos.

No século XII, as escolas monásticas e catedrais, com o auge dos estudos filosóficos e teológicos, experimentaram um extraordinário impulso, ao ponto delas se transformarem em institutos de ensino mais elevado. Para esse impulso, contribuiu, de maneira significativa, o encontro entre Oriente e Ocidente, ocorrido com o movimento das Cruzadas. De fato, nos séculos X-XII, a cultura árabe tinha atingido seu clímax. Havia instituições de ensino famosas: primeiro em Bagdá e no Cairo; depois em Córdoba, Toledo e Sevilha. Nestas instituições, além do estudo da língua, da filosofia e da teologia, cultivavam-se a física, a medicina e a matemática. Atraídos por tão brilhante desenvolvimento, sábios e estudantes cristãos dirigiam-se a esses "centros de estudo do mundo árabe". Foi através deste contato que Aristóteles e muitos clássicos gregos chegaram até a cultura ocidental.

Na organização gremial da Idade Média, o termo *universitas* (= universidade) indicava uma "classe social", ou uma "profissão. Então, no campo educacional, surgiu a *universitas magistrorum et scholarium*, quer dizer, uma corporação de mestres e alunos, conforme a Carta do Papa Alexandre IV à Universidade de Paris, 14 de abril de 1255 (Apud JOÃO Paulo II, 1990).

As novas instituições pedagógicas de nível superior, que se desenvolveram a partir do século XII, receberam inicialmente o nome de studium generale (= estudo geral): não no sentido que incluíssem todos os ramos do saber, mas porque, a diferença dos "estudos locais", eram dirigidas para todos os estudantes, sem distinção de raça e nacionalidade. A este respeito, é bom lembrar que, em toda a Europa, neste tempo, a língua oficial era o latim: as línguas nacionais ainda estavam em fase de formação. Por isso, os estudantes provenientes de outras "nações" não tinham problemas de comunicação entre eles.

A título de exemplo, D. Dinis criava a Universidade mais antiga de Portugal. Datado de 1290, o documento dá origem ao Estudo Geral, que é reconhecido no mesmo ano, no dia 9 de agosto pelo papa Nicolau IV, conforme afirma Pacheco:

> [...] O Papa Nicolau IV autoriza o Estudo Geral, alude às Faculdades existentes - das Artes, de Direito e de Medicina -, e expressa o privilégio do reconhecimento do jus ubique docendi (direito de lecionar em toda parte). A fundação do estudo Geral em Lisboa goza, assim, dum estatuto que o diferencia da maioria das universidades espanholas, quase sempre de fundação estritamente real. (PACHECO, 1997, p. 169).

REVISTA ACADÊMICA DA Faculdade Canção Nova

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

Lino Rampazzo
Doutor em Teologia pela Pontificia Università Lateranense (Roma)
- Pós-Doutor em Democracia e Direitos Humanos pela Universidade de Coimbra
Professor nos Cursos de Filosofia e de Teologia da Faculdade Canção Nova

Ressalta-se que o "direito de lecionar em toda parte" significava que o professor formado na universidade podia lecionar em toda a cristandade, com a autorização do papa.

Com o tempo, o nome *studium generale* foi designado para indicar o conjunto das ciências, o estudo geral, ou universal do saber. Só mais tarde, pelo fim do século XIV, o nome de *studium generale* foi substituído por *universitas*. Então, desde o século XIV, o termo "*universitas*" (universidade) passou a indicar aquela instituição que se consagrava ao serviço de todo o saber, nos seus diferentes campos de método de análise. Não existe, pois, nenhum campo de "ser" que não possa e não deva ser explorado.

A primeira universidade europeia foi a escola de medicina de Salerno (Itália). A ela, seguiu-se, ainda na Itália, a de Bolonha, dedicada especialmente ao estudo do direito e fundada, como a de Salerno, no século XII.

Mas nenhuma foi tão importante, para a cultura ocidental, como a de Paris, surgida da escola da catedral de Notre Dame, no século XIII, e que modelou as demais universidades europeias. Seguiram-se a ela, no mesmo século, as de Oxford e Salamanca e, mais tarde, muitas outras, até que pelo fim do século XV, a Europa contava umas oitenta.

A forma de nascimento das universidades é muito variada. Umas vêm pela autoridade e atração de um mestre (Paris, Salerno, Oxford); outras por fundação do Papa (Roma, Pisa e Montpellier); outras por edito do príncipe (Salamanca, Nápoles); e outras, o que é mais frequente, são criadas por ambos os poderes (Praga, Viena e Lisboa).

Em geral, umas e outras, passando algum tempo, recebiam privilégios dos papas e dos reis. Entre esses privilégios figuravam os de isenção de impostos, o de jurisdição interna para julgar os seus membros e, o mais importante, o direito de conceder graus.

O primeiro deles era o bacharel, uma espécie de auxiliar de ensino; o segundo, o da "licenciatura", que capacitava para ensinar; e o terceiro era o de "doutor" (LUZURIAGA, 1985).

O método da pedagogia universitária compreendia três momentos: *lectio* (lição), *quaestio* (repetição) e *disputatio* (discussão). A *lectio* consistia numa exposição de certos livros tomados como base de ensino (por exemplo, a Bíblia traduzida em latim por S. Jerônimo; e as "Sentenças" de Pedro Lombardo, para a teologia; as obras dos médicos Hipócrates e Galeno, para a medicina etc.). Depois vinham as repetições (*quaestio*), que eram explicações e os comentários das partes difíceis da lição, em forma de diálogo entre mestres e alunos. Na *disputatio*, que se verificava semanalmente, concorriam professores e alunos da faculdade. Um *magister* (mestre) pronunciava uma conferência; os demais professores apoiavam os pontos de vista da exposição (tese), ou lhes faziam objeção. A *disputatio* era um magnífico expediente para desenvolver a destreza dialética, mas não poucas vezes fomentou o formalismo de sutilezas inúteis.

As universidades se dividiam em *nationes* (= nações), que agrupavam os estudantes de diversos países, os quais, segundo a nacionalidade, costumavam hospedar-se na mesma casa ("*hospitia*") e tinham organização autônoma.

Outra divisão era a das "faculdades". A palavra *faculdade*, em seu sentido de corpo de

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

Lino Rampazzo
Doutor em Teologia pela Pontificia Università Lateranense (Roma)
- Pós-Doutor em Democracia e Direitos Humanos pela Universidade de Coimbra
Professor nos Cursos de Filosofia e de Teologia da Faculdade Canção Nova

professores e estudantes consagrados ao ensino e estudo de um ramo do conhecimento humano, originalmente concedia o direito (em latim *facultas*) que o graduado tinha de ensinar.

A universidade plenamente integrada compreendia quatro faculdades: teologia, medicina, direito e artes. O nome desta última provinha da expressão "artes liberais" (gramática, retórica, dialética, aritmética, geometria, música e astronomia) e se referia às disciplinas de estudo desta faculdade; daí possuírem o caráter de transmitir uma certa educação não profissional, e de servirem de introdução às outras três de caráter profissional e superior.

A presença da filosofia (nas "artes") e da teologia dentro da estrutura universitária era sinal da sociedade medieval, na qual a presença da Igreja era marcante e se procurava um integração entre a ciência e a fé.

A influência das universidades na Idade Média foi grande, tanto política como culturalmente; papas e reis contavam com esta instituição. Do ponto de vista cultural, **representaram** o ápice da sabedoria da época até a Renascença, período no qual começaram a declinar por ater-se às tradições escolásticas e não admitir, senão muito tardiamente, as novas ciências (LARROYO, 1974).

Aos poucos, então, foi-se definindo o objetivo da universidade, que pode ser indicado da seguinte maneira: tornar-se "um centro de criatividade e de irradiação do saber para o bem da sociedade" (JOÃO PAULO II, n. 1).

Para conseguir tal objetivo, a Universidade se consagra à investigação (= pesquisa), ao ensino e à formação dos estudantes (= ensino); e a diversos serviços prestados à comunidade (= extensão). Como se vê, trata-se das três funções básicas da universidade: ensino, pesquisa e extensão. Aliás, a Constituição da República Federativa do Brasil, de 1988, faz referência explícita a esses três objetivos: "As universidades... obedecerão ao princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão." (Art. 207).

3. O SURGIMENTO DO ENSINO SUPERIOR NO BRASIL

Diferentemente do que aconteceu na América Espanhola, no Brasil o Governo Português, em todo o período colonial, não fundou nenhuma universidade. Havia apenas cursos superiores para a formação dos futuros padres. Os que quisessem tornar-se médicos ou advogados, ou engenheiros, precisavam atravessar o Atlântico e estudar em Universidades europeias, geralmente em Coimbra, ou em Paris.

Esta diferença se percebe simplesmente ao considerar que a Universidade de São Marcos, no Peru, já tinha sido criada no século XVI, em 1551.

Mas a "política educacional" na colônia do Brasil foi outra. Desde a colonização, organizada por Dom João III, a partir de 1549, houve apenas a preocupação de catequizar os índios e de educar, num "curso de humanidades" os filhos dos colonos, sendo a atividade educacional confiada à ordem dos Jesuítas.

É preciso, pois, esperar os últimos anos da colonização para que se criem cursos superiores no Brasil. Isso acontece a partir da chegada de Dom João VI no país, em 1808. Era necessário preparar

REVISTA ACADÊMICA DA Faculdade Canção Nova

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

Lino Rampazzo
Doutor em Teologia pela Pontificia Università Lateranense (Roma)
- Pós-Doutor em Democracia e Direitos Humanos pela Universidade de Coimbra
Professor nos Cursos de Filosofia e de Teologia da Faculdade Canção Nova

a elite, desta vez no Brasil, que acabava de tornar-se a nova sede do poder português. Criaram-se, então, cursos superiores, com o objetivo de formar médicos, cirurgiões e engenheiros para o exército e a marinha.

Logo depois da independência, a Assembleia Constituinte de 1823 pretendia criar duas universidades, uma em São Paulo e outra em Olinda. Mas a dissolução da Constituinte sepultou este projeto. Em compensação, em 1827, são criados cursos jurídicos em São Paulo e Olinda: estes, mais tarde, na década de '50, passarão a denominar-se "faculdades".

Sucessivamente haverá um grupo de defensores do modelo universitário alemão, caracterizado pela plena liberdade de ensinar e aprender, sendo mantido pelo Estado, que, porém, respeita a autonomia administrativa e acadêmica. Mas a preocupação com a Abolição da escravidão e com a República, que já se anunciava, relegou para um segundo plano as questões educacionais.

Durante os trinta primeiros anos do regime republicano, apenas algumas vozes esparsas levantaram-se contra o descaso e a pouca frequência com que se propunha a questão da criação da universidade.

Precisa esperar o ano de 1915 para que se formalize, de maneira lacônica e simplificada, o projeto de criação da universidade: o que vai acontecer através do Art. 6° do Decreto n° 11.530 de 18 de março de 1915. Isso será efetivado em 1920, através de um outro decreto, o de n° 14.343, no qual se determinou que a Escola Politécnica, a Faculdade de Medicina e a Faculdade de Direito, todas do Rio de Janeiro, fossem reunidas na "Universidade do Rio de Janeiro". Na prática, esta Instituição rotulou com o nome de Universidade um agregado de escolas, chamadas de Faculdades.

Por outro lado, o modelo escolhido para a Universidade do Rio de Janeiro serviu de importante ponto de referência, tanto para verificar os pontos negativos da instituição em funcionamento, quanto para orientar o pensamento no sentido de estabelecer a autêntica organização universitária no país (ROMANELLI, 1987).

Mas foi em São Paulo que, aos poucos, foi pensada, planejada e instituída uma Universidade que não fosse uma simples agregação de faculdades. Destacaram-se, nessa reflexão, as contribuições de Fernando de Azevedo, Júlio de Mesquita Filho, Alcântara Machado, Raul Briquet e Lúcio Rodrigues: até que foi criada a Universidade de São Paulo, pelo Decreto n° 6.283, de 25 de janeiro de 1934, do então interventor federal no Estado de São Paulo, Armando de Salles Oliveira, considerado seu fundador.

O Art. 2° do citado Decreto diz:

> São fins da Universidade: a) promover pela pesquisa, o progresso da ciência; b) transmitir pelo ensino, conhecimentos que enriqueçam ou desenvolvam o espírito, ou sejam úteis à vida; c) formar especialistas em todos os ramos da cultura, e técnicos e profissionais em todas as profissões de base científica; d) realizar a obra social de vulgarização das ciências, das letras e das artes, por meio de cursos sintéticos, conferências, palestras, difusão pelo rádio, filmes científicos e congêneres. (SÃO PAULO, 1934).

REVISTA ACADÊMICA DA Faculdade Canção Nova

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

Lino Rampazzo
Doutor em Teologia pela Pontificia Università Lateranense (Roma)
- Pós-Doutor em Democracia e Direitos Humanos pela Universidade de Coimbra
Professor nos Cursos de Filosofia e de Teologia da Faculdade Canção Nova

Em poucos anos houve, no Brasil, a multiplicação das Universidades, com uma legislação que procurava definir suas características e suas modalidades de ação, especificamente nas Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1961 e 1996. Além das Universidades, desde 1997, apareceu também a modalidade dos "Centros Universitários": hoje mais de cem; e continuam as Faculdades Integradas, as Faculdades isoladas e os Institutos de Educação Superior.

A realidade da globalização e as exigências do mercado deram um considerável impulso ao Ensino Superior no Brasil, particularmente na rede privada.

Mas a Universidade hoje, no mundo inteiro, passa pela reformulação provocada seja pelos fenômenos da globalização e das novas tecnologias da informação, como pela reconsideração do caminho da ciência que precisa ser colocada a serviço do bem da humanidade: da humanidade toda e do homem em todas as suas dimensões.

Dessa maneira, voltando às lições do passado e direcionando o futuro para os valores mais humanos, a Instituição Universitária poderá renovar-se, sempre garantindo a "indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão".

4. UNIVERSIDADES CATÓLICAS: ORIGENS E CARACTERÍSTICAS

E como nasceram as Universidades Católicas?

O contato do cristianismo com o mundo da cultura sempre suscitou na Igreja o problema de integrar ciência e fé. Por isso, desde as origens, a Igreja foi promotora do saber, das ciências, das artes, da cultura. Já no século II d. C., apareceram sob o seu impulso centros de cultura cristã, os chamados *didascalia*, entre os quais sobressaíram os de Alexandria, no Egito, de Esmirna e de Edessa, na Ásia Menor, e de Roma.

Um momento importante na história da cultura universal — sem falar da contribuição dada pelas abadias beneditinas, na Idade Média — foi a fundação, a partir do século XII, das Universidades de Bolonha, Pádua, Paris, Oxford, Salamanca etc., promovida pela Igreja.

Com a presença marcante da Igreja na atividade educacional nos séculos XIIXIV, era normal que as universidades tivessem procurado uma integração, no saber, entre a ciência e a fé. Por isso, nesse período, a universidade plenamente integrada compreendia quatro faculdades: teologia, direito, medicina e artes.

A época da Renascença e do Iluminismo marca a crise deste modelo: o famoso *Institut Catholique* de Paris lembra, pelo termo, o fato que, por muito tempo na França uma instituição católica não podia receber o título de "Universidade".

Assim, quando os Estados tomaram como sua a missão de fundar universidades, a Igreja continuou promovendo a ciência e a cultura em centros acadêmicos próprios.

Historicamente, a primeira Universidade Católica foi fundada em Lovaina, na Bélgica, em 1834. Tratou-se de uma bela iniciativa, cheia de fé e audácia: um modelo para fundações posteriores. A partir de então, sucederam-se outras fundações que, no século XX, tornaram-se cada vez mais numerosas (MARTINS, 1991).

REVISTA ACADÊMICA DA Faculdade Canção Nova

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

UNIVERSIDADE E UNIVERSIDADE CATÓLICA: IDENTIDADE, ORIGEM HISTÓRICA E ATUALIDADE

Lino Rampazzo
Doutor em Teologia pela Pontificia Università Lateranense (Roma)
- Pós-Doutor em Democracia e Direitos Humanos pela Universidade de Coimbra
Professor nos Cursos de Filosofia e de Teologia da Faculdade Canção Nova

O diário católico italiano "*Avvenire*" publicou, no dia 20 de novembro de 2011, um artigo do jornalista Andrea Galli, apresentando números significativos a respeito das Universidades Católicas no mundo de hoje.

Atualmente, existem no mundo centenas de instituições universitárias católicas: 998 universidades e 211 institutos semelhantes, ou seja, escolas de perfil mais técnico, mas que concedem títulos universitários. Estima-se um total entre 3 e 4 milhões de estudantes matriculados. Eis a distribuição quantitativa destas instituições, por continentes: a) América Setentrional: 287; b) América Central: 21; c) América meridional: 155, das quais 47 no Brasil; d) Europa: 172; e) África: 25; f) Ásia: 533; g) Oceania: 16.

Com referência à América Latina, Andrea Galli destacava duas universidades, a saber: a Católica de Santiago e a PUC de Porto Alegre.

Eis o que ele escreveu, a respeito:

> O continente mais importante por impacto social e por prestígios dos ateneus é, de qualquer forma, aquele americano. No Chile as universidades nascidas no seio da Igreja representam o melhor que pode oferecer o País a nível acadêmico; e a Pontifícia Universidade Católica de Santiago foi avaliada como a segunda melhor universidade latino-americana, conforme a prestigiosa classificação do QS World University Rankings, publicada no mês passado. No Brasil, caracterizado por crescimento econômico febril, a Universidade de Porto Alegre, de propriedade dos maristas, inaugurou em 2003, o TECNOPUC, um parque tecnológico de vanguarda na energia fotovoltaica e na informática. (GALLI, 2011, p. 3).

No Brasil, a experiência da Universidade Católica começou em 1947, no Rio de Janeiro. De lá para cá nasceram muitas outras. Dentre elas destacam-se sete, que são também "pontifícias" (as "PUCs"): Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Campinas, Belo Horizonte, Curitiba e Goiânia. As universidades católicas pontifícias mantêm uma ligação ainda mais estreita com a autoridade central da Igreja por meio da Congregação para a Educação Católica. Entre as Universidades Católicas, que não são pontifícias, pode-se lembrar, a título de exemplo, a Universidade Católica de Pernambuco (Recife-PE), de Salvador (BA), de Pelotas (RS), a Universidade Dom Bosco (Campo Grande-MS), a Unisantos (Santos-SP), a Unisinos (São Leopoldo-RS), a Universidade São Francisco (Bragança Paulista-SP), a Universidade Católica de Brasília (DF). Há também Centros Universitários Católicos e Faculdades Católicas. Sempre a título de exemplo, há o Centro Universitário Sagrado Coração de Bauru (Unisagrado), o Centro Universitário Salesiano de São Paulo (Unisal), o Centro Universitário Teresa d'Ávila (Unifatea), o Centro Universitário São Camilo (São Paulo), o Centro Universitário do Leste de Minas Gerais (Coronel Fabriciano-MG), a Faculdade Canção Nova (Cachoeira Paulista -SP), a Faculdade Católica do Ceará (Fortaleza-CE), a Faculdade Católica de Rondônia (Porto Velho-RO), a Faculdade Salesiana Dom Bosco (Manaus-AM).

Mas qual é a função da universidade católica? Quais são seus objetivos principais?

Em 15 de agosto de 1990, as universidades católicas conseguiram uma espécie de Magna Charta — a Constituição Apostólica Ex corde Ecclesiae — aprovada pelo Papa João Paulo II, para

REVISTA ACADÊMICA DA Faculdade Canção Nova

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

Lino Rampazzo
Doutor em Teologia pela Pontificia Università Lateranense (Roma)
- Pós-Doutor em Democracia e Direitos Humanos pela Universidade de Coimbra
Professor nos Cursos de Filosofia e de Teologia da Faculdade Canção Nova

cuja redação contribuíram todas as universidades católicas do mundo, por meio de uma consulta que começou em 1986. Esta consulta tinha como objetivo aplicar os documentos do Concílio Vaticano II (1962-65) que diziam respeito seja à educação católica, como ao diálogo entre a fé e a cultura: particularmente o n. 1 da Declaração sobre a Educação "Gravissimum Educationis" e o capítulo da Constituição Pastoral "Gaudium et Spes" que analisa a relação entre fé e cultura (MARTINS, 1991).

Como todos os documentos oficiais da Igreja, este também tem por título as primeiras palavras do texto latino: Ex corde ecclesiae, quer dizer, (nascida) do coração da Igreja.

A análise do primeiro número deste documento pode nos ajudar a responder às perguntas feitas acima. Eis o texto:

> Nascida do coração da Igreja, a universidade católica insere-se no sulco da tradição que remonta à própria origem da universidade como instituição, e revelou-se sempre um centro incomparável de criatividade e de irradiação do saber para o bem da humanidade. Por sua vocação, a universidade se consagra à investigação, ao ensino e à formação dos estudantes livremente unidos com seus mestres no mesmo amor do saber. Ela compartilha, com todas as outras universidades, aquela 'alegria a respeito da verdade', tão a gosto de Santo Agostinho, isto é, a alegria de procurar a verdade, de descobri-la e de comunicá-la, em todos os campos do conhecimento. Sua tarefa privilegiada é unificar existencialmente, no trabalho intelectual, duas ordens de realidade que, não raro, tendem a se opor, como se fossem antitéticas: a investigação da verdade e a certeza de conhecer, já, a fonte da verdade.

Como se vê, o texto deste documento lembra, antes de tudo, a origem e a característica da universidade e, logo depois, indica a característica específica da universidade católica.

Existe, pois, um objetivo comum a todas as universidades, e um outro específico da universidade católica. Todas as universidades, católicas ou não, têm o objetivo de servir à verdade, em todos os campos do conhecimento. Como já foi comentado, o termo "universidade" indica uma "totalidade": a procura e a comunicação da verdade em todos os campos do conhecimento.

Mas a universidade católica tem uma tarefa privilegiada, a saber: a procura de uma integração entre ciência e fé.

"Ciência" e "fé" pertencem a "duas ordens de realidade que, não raro, tendem a se opor". E o texto indica o porquê desta oposição: o "método" diferente. A ciência tem como método a investigação da verdade; a fé aceita uma mensagem que contém já pronta a verdade, aliás, "tem a certeza de conhecer, já, a fonte da verdade".

Não há dúvida de que os métodos são bem diferentes. Existe, porém, para os cristãos, a seguinte convicção: Deus é a origem da natureza e, ao mesmo tempo, da revelação, manifestada particularmente em Jesus de Nazaré. O cientista, de um lado, estuda a manifestação de Deus na natureza, por meio da investigação racional, e o homem de fé (que pode também ser cientista) aceita, ao mesmo tempo, a outra revelação de Deus, que se realizou em Jesus Cristo. E Deus, origem de toda a realidade e totalmente perfeito, não pode contradizer-se.

A esse respeito, assim se expressa o documento "Ex corde Ecclesiae" no n. 17:

REVISTA ACADÊMICA DA Faculdade Canção Nova

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

UNIVERSIDADE E UNIVERSIDADE CATÓLICA: IDENTIDADE, ORIGEM HISTÓRICA E ATUALIDADE

Lino Rampazzo
Doutor em Teologia pela Pontificia Università Lateranense (Roma)
- Pós-Doutor em Democracia e Direitos Humanos pela Universidade de Coimbra
Professor nos Cursos de Filosofia e de Teologia da Faculdade Canção Nova

> A investigação metódica, em todo o campo do saber, se conduzida de modo verdadeiramente científico e segundo as leis morais, nunca pode encontrar-se em contraste objetivo com a fé. As coisas terrenas e as realidades s da fé têm, com efeito, origem no mesmo Deus. (JOÃO PAULO II, 1990).

Além disso, existe a convicção de que o diálogo entre ciência e fé favorece um enriquecimento recíproco, como podemos verificar no n. 19 do documento citado, que fala, por um lado, do contributo da teologia às ciências e, por outro, do enriquecimento que a Teologia recebe das outras disciplinas.

> A Teologia desempenha um papel particularmente importante na investigação de uma síntese do saber, bem como no diálogo entre fé e razão. Além disso, ela dá um contributo a todas as outras disciplinas na sua investigação de significado, ajudando-nos a examinar o modo como suas descobertas influirão sobre as pessoas e sobre a sociedade, mas também fornecendo uma perspectiva e uma orientação não contidas em suas metodologias. Por sua vez, a interação com as outras disciplinas e suas descobertas enriquece a Teologia, oferecendo-lhe uma melhor compreensão do mundo de hoje e tornando a investigação teológica mais adaptada às exigências de hoje. (JOÃO PAULO II, 1990).

Como consequência desta convicção, desde os primeiros séculos da sua história, houve, na Igreja, a preocupação de integrar a cultura e a fé. Assim, o apologista Justino, na primeira metade do século II d.C., desenvolveu a tese de que o *Logos* (= a sabedoria de Deus) estava presente em Moisés, nos *filósofos pagãos* e tinha-se encarnado em Cristo (GOMES, 1979, p. 67).
Hoje, o desenvolvimento dessa mesma tese leva à procura de integração entre a ciência e a fé, que encontra na Universidade Católica seu lugar privilegiado.

O termo "integração", porém, é utilizado no documento citado não só com referência ao diálogo entre a ciência e a fé, mas, de maneira mais ampla, na integração de todo tipo de conhecimento. Trata-se de uma tarefa árdua, pois hoje nos deparamos com o "fracionamento crescente do conhecimento" . (JOÃO PAULO II, 1990, n. 16). A procura desta integração, naturalmente, encontra seu espaço seja na Universidade Católica, como nas Evangélicas, devido à comum matriz cristã.

Por este motivo as Instituições de Ensino Superiores confessionais, na procura do bem-estar do ser humano integral, abrem um espaço para a formação humana, espiritual, religiosa e cristã, no pleno respeito das convicções filosóficas e religiosas de cada professor e de cada aluno. E um destes espaços é constituído pela ótica dos cursos oferecidos, seja em nível de graduação, como de pós-graduação. Trata-se da proposta de uma civilização alternativa, não tecnicista, consumista, individualista e destruidora, mas baseada nos grandes valores da verdade, da bondade, da beleza, da justiça, do amor, da solidariedade, do respeito ao ser humano e ao planeta, a serviço do homem todo e todos os homens, sem qualquer tipo de discriminação.

A procura desta integração, naturalmente, encontra seu espaço seja na Universidade Católica, como nas Evangélicas, devido à comum matriz cristã. Por este motivo as Instituições de Ensino Superiores confessionais, na procura do bem-estar do ser humano integral, abrem um espaço

REVISTA ACADÊMICA DA Faculdade Canção Nova

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

UNIVERSIDADE E UNIVERSIDADE CATÓLICA: IDENTIDADE, ORIGEM HISTÓRICA E ATUALIDADE

Lino Rampazzo
Doutor em Teologia pela Pontificia Università Lateranense (Roma)
- Pós-Doutor em Democracia e Direitos Humanos pela Universidade de Coimbra
Professor nos Cursos de Filosofia e de Teologia da Faculdade Canção Nova

para a formação humana, espiritual, religiosa e cristã, no pleno respeito das convicções filosóficas e religiosas de cada professor e de cada aluno. E um destes espaços é constituído pela ótica dos cursos oferecidos, seja em nível de graduação, como de pós-graduação. Trata-se da proposta de uma civilização alternativa, não tecnicista, consumista, individualista e destruidora, mas baseada nos grandes valores da verdade, da bondade, da beleza, da justiça, do amor, da solidariedade, do respeito ao ser humano e ao planeta, a serviço do homem todo e todos os homens, sem qualquer tipo de discriminação.

Do ponto de vista histórico, Galileu, no século XVII, teve o mérito de tornar-se o pai da ciência moderna, determinando o *objeto* específico da investigação e o método com o qual se atingia este tipo de conhecimento. Mas a ciência moderna, com seu método, reduzia o campo da análise do saber, limitando-se aos dados próximos, imediatos, perceptíveis pelos sentidos ou por instrumentos: quer dizer, os dados da ordem material e física. Além disso, esta "ciência" fazia nascer muitas "ciências", com campos de especialização sempre mais delimitados e uma consequente *fragmentação do conhecimento*. Hoje, é muito difícil contar o número de especializações criadas pela ciência moderna.

Se tudo isso, sem dúvida, foi uma riqueza para a humanidade e produziu o avanço científico e tecnológico, por outro lado, criou um cientista preso no seu campo de conhecimento, possuidor de um saber *parcial, desarticulado e incompleto*.

Num diálogo mais amplo que procura voltar à "unidade do saber", consequência da "unidade do ser", há a preocupação de receber contribuições de todo tipo de análise da realidade: seja por parte do saber popular, como também daquele filosófico, teológico, estético, mítico etc. E a análise da realidade é acompanhada pela humilde convicção de que nunca sabemos tudo: nosso atual conhecimento se realiza "como num espelho, confusamente." (1 Coríntios 13,12).

A triste experiência de uma ciência que, deixada a si mesma, acabava destruindo a natureza e, particularmente, o homem levou a questionar também o *objetivo do saber*. Este, pois, justifica-se somente quando é colocado a serviço do homem, e nunca contra ele; *do homem todo e de todos os homens*, conforme a feliz expressão de Paulo VI (PAULO VI, 1967, n. 14, grifo nosso).

O saber é, pois, um produto do homem: sai do homem e para ele volta, mas para servi-lo. Aqui entra a importância da ética, sobre a qual assim se expressa o documento citado: "É essencial convencermo-nos da prioridade da ética sobre a técnica, do primado da pessoa sobre as coisas, da superioridade do espírito sobre a matéria" (JOÃO PAULO II, 1990, n. 18).

5. UNIVERSIDADES CATÓLICAS: ALGUNS DESTAQUES

Apresentam-se, a seguir, alguns destaque da Constituição Apostólica citada, a saber, as quatro características da Universidade Católica, o papel dos professores e a colaboração respeitosa com os não católicos que se encontram nesta Instituição.

O n. 13 deste documento indica as seguintes quatro características essenciais das Universidades Católicas:

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

Lino Rampazzo
Doutor em Teologia pela Pontificia Università Lateranense (Roma)
- Pós-Doutor em Democracia e Direitos Humanos pela Universidade de Coimbra
Professor nos Cursos de Filosofia e de Teologia da Faculdade Canção Nova

1. uma inspiração cristã não só dos indivíduos, mas também da Comunidade universitária enquanto tal;
2. uma reflexão incessante, à luz da fé católica, sobre o tesouro crescente do conhecimento humano, ao qual procura dar um contributo mediante as próprias investigações;
3. a fidelidade à mensagem cristã tal como é apresentada pela Igreja;
4. o empenho institucional ao serviço do povo de Deus e da família humana no seu itinerário rumo àquele objetivo transcendente que dá significado à vida.

A partir disso, apenas a título de exemplo, precisa verificar se no PDI (Plano de Desenvolvimento Institucional), nos PPCs (Projetos Pedagógicos dos Cursos), nas ementas e nas bibliografias das disciplinas se refletem estas características. Caso contrário, o adjetivo 'católica' da instituição não corresponde à realidade.

Quanto aos professores da Instituição, o n. 22 do mesmo Documento fala de um chamado 'a ser testemunhas e educadores duma autêntica vida cristã, a qual manifeste a integração conseguida entre fé e cultura, entre competência profissional e sabedoria cristã', com inspiração nos ideais académicos e nos princípios duma vida autenticamente humana.

Em seguida, no n. 26, há uma importante referência aos não católicos da comunidade universitária, incluindo não somente os que pertencem a outras Igrejas e a outras religiões, como também o que não professam nenhum credo religioso. No princípio da liberdade religiosa e do dialogo, reconhece-se que 'estes homens e estas mulheres contribuem, com a sua formação e experiência, para o progresso das diversas disciplinas académicas ou para a realização de outras tarefas universitárias'.

Naturalmente, é importante ressaltar também o compromisso dos não católicos nestas instituições, indicados no art. 4. no apêndice do documento. Estes 'têm a obrigação de reconhecer e respeitar o carácter católico da Universidade'.

E, para não pôr em perigo tal identidade católica da Universidade ou do Instituto Superior, precisa evitar que, mais especificamente, os professores não católicos venham a constituir a maioria no interior da Instituição, a qual é e deve permanecer católica.

REVISTA ACADÊMICA DA Faculdade Canção Nova

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

Lino Rampazzo
Doutor em Teologia pela Pontificia Università Lateranense (Roma)
- Pós-Doutor em Democracia e Direitos Humanos pela Universidade de Coimbra
Professor nos Cursos de Filosofia e de Teologia da Faculdade Canção Nova

6. CONCLUSÃO

Procurou-se, neste artigo, refletir, antes de tudo, sobre o que é uma Universidade em geral, e, especificamente, o que é uma Universidade Católica.

Viu-se que a *Universidade* nasceu na Idade Média, como Instituição que se consagrava ao serviço de todo o saber, nos seus diferentes campos e métodos de análise, ao ponto dela poder ser definida como um centro de criatividade e de irradiação do saber para o bem da sociedade.

Para o cristão, porém, existe o problema de integrar a sua experiência racional com aquela da fé. E a Universidade Católica é um lugar privilegiado para o diálogo entre essas duas dimensões da existência: diálogo que pode favorecer um enriquecimento recíproco. Por um lado, a teologia ajuda a razão, oferecendo uma perspectiva e uma orientação nova; por outro, a investigação racional oferece à teologia uma melhor compreensão do mundo de hoje, tornando a investigação teológica mais adaptada às exigências atuais.

Esta integração fé-razão estimula também o diálogo entre as disciplinas (interdisciplinaridade) e, particularmente, das disciplinas com a ética, na convicção da necessidade de reconhecer o primado da pessoa sobre as coisas, e da ética sobre a técnica.

Espera-se, assim, que a sociedade seja enriquecida de maneira competente e ética sela por parte das Universidades, em geral, como, na sua especificifade, pela Universidades Católicas.

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

Lino Rampazzo
Doutor em Teologia pela Pontificia Università Lateranense (Roma)
- Pós-Doutor em Democracia e Direitos Humanos pela Universidade de Coimbra
Professor nos Cursos de Filosofia e de Teologia da Faculdade Canção Nova

7. REFERÊNCIAS

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. 29. ed. atual. e ampl. São Paulo: Saraiva, 2002

GALLI, Andrea. Università Cattoliche, rete globale. **Avvenire**, Roma, 20 nov. 2011. Agorá, p. 3.

GOMES, Cirilo Folch. **Antologia dos Santos Padres**. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1979.

JOÃO PAULO II. **Constituição Apostólica *Ex Corde Eccclesiae***. 15 ago. 1990. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_constitutions/documents/hf_jp-ii_apc_15081990_ex-corde-ecclesiae.html. Acesso em: 14 set. 2023.

LARROYO, Francisco. **História Geral da Pedagogia**. Tradução de Luiz Aparecido Caruso. 2. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1974. Tomo I.

LUZURIAGA, Lorenzo. **História da educação e da pedagogia**. Tradução de Luiz Damasco Penna; J. B. Damasco Penna. São Paulo: Nacional, 1985. (Atualidades pedagógicas, v. 59).

MARTINS, José Saraiva. **A identidade e a Missão das Universidades Católicas**. Campinas: PUC, 20 de agosto de 1991. Palestra Proferida. Digitado.

PACHECO, Maria Cândida Monteiro. Trivium e Quadrivium. In: RAMOS, Luís A. de O; SERRÃO, Joel Serrão; OLIVEIRA, Antônio de. **História da Universidade em Portugal (1290-1536)**. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1997. v. I.

PAULO VI. **Carta Encíclica *Populorum Progressio***. 26 mar. 1967. Disponível em: http://www.vatican.va/holy_father/paul_vi/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_26031967_populorum_po.html. Acesso em: 10 set. 2023.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da educação no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1987.

SÃO PAULO. **Decreto n.º 6.283 de 25 de janeiro de 1934**. Disponível em: http://citrus.uspnet.usp.br/leginf/criacao/decreto6283.htm. Acesso em: 14 set. 2023.

REVISTA ACADÊMICA DA Faculdade Canção Nova

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

A TELA COMO ELEMENTO EXTENSIVO DA COMUNICAÇÃO RADIOFÔNICA

Danielson de Oliveira Freire
Mestre pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Docente da Faculdade Canção Nova nos Cursos de Comunicação Social, Rádio e Televisão, e Jornalismo.

RESUMO

Há muito a conexão homem-tecnologia percorre um caminho cada vez mais profundo, possivelmente sem volta e, cuja velocidade parece acelerar cada vez mais. Neste cenário, já presente há anos na sociedade, a tela e suas possibilidades tem desdobrado-se em potencialidades e ambientes ímpares. O que antes encontrava-se na sala de uma residência, à exemplo de uma televisão, hoje, já figura no pulso, no bolso e até mesmo à frente dos olhos dos indivíduos sociais. E nela, conteúdos diversos, para além do audiovisual, tem se aproveitado para coexistir e fazer-se presente na sociedade contemporânea. Este artigo científico intenta apresentar um olhar sobre o uso das telas pelas emissoras radiofônicas como recurso de extensão de sua comunicação, essencialmente sonora. Por método, opta-se pelo qualitativo comparativo com aplicação da técnica de pesquisa de observação não-participante cuja proposta visa observar e apontar elementos da possibilidade dessa extensão comunicacional. Este artigo aborda, como corpus de pesquisa, três programas radiofônicos distintos, de emissoras diferentes e, transmitidos em seus devidos canais na plataforma YouTube. Responder tal intento é o percurso a que este trabalho se propõe.

Palavras-chave: Audiovisual; Comunicação radiofônica; Hipermídia; Tela.

ABSTRACT

The human-technology connection has long been on an increasingly deep path, possibly with no return, and whose speed seems to be accelerating more and more. In this scenario, which has been present in society for years, the screen and its possibilities have unfolded into unique potentialities and environments. What used to be found in the living room of a home, such as a television, is now on the wrist, in the pocket and even in front of the eyes of social individuals. And on it, diverse content, beyond audiovisual, has been taken advantage of to coexist and be present in contemporary society. This scientific article intends to present a look at the use of screens by radio stations as a resource for extending their communication, essentially audio. The method chosen is a qualitative comparative study with the application of the non-participant observation research technique, whose proposal aims to observe and point out elements of the possibility of this communicational extension. This article addresses, as a research corpus, three different radio programs, from different stations and broadcast on their respective channels on the YouTube platform. Responding to this intent is the path that this work proposes.

Keywords: Audiovisual; Radio communication; Hypermedia; Screen.

REVISTA ACADÊMICA DA Faculdade Canção Nova

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

A TELA COMO ELEMENTO EXTENSIVO DA COMUNICAÇÃO RADIOFÔNICA

Danielson de Oliveira Freire
Mestre pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Docente da Faculdade Canção Nova nos Cursos de Comunicação Social, Rádio e Televisão, e Jornalismo.

1. INTRODUÇÃO

Da madrugada para a proximidade de um amanhecer, inúmeros olhos se abrem, corpos se levantam, madrugam, se aprontam e partem para mais um dia de atuações entre discursos, afazeres, gestos, realizações e, conexões. É possível observar cabeças baixas e olhares fixos em seus conectores de mundo perfeitamente encaixados em suas mãos ou corpos nas muitas praças de transpiração humana, sentados ou de pé, clicando e digitando longos signos e significados. Uma simples observação atual de uma cena num metrô ou no caminhar da calçada por uma quadra aponta – por exemplo –, a quantidade de smartphones 'vivos', alimentados e alimentando a rede local e global gerada pelos zumbis[1] que os manipulam. A sociedade contemporânea se vê permeada de computadores, notebooks e tantos outros gadgets[2] constituintes do cotidiano midiático atual. O que Castells (2005, p. 40) apontava como interação em rede por meio dos computadores num crescente, em sua visão de 'sociedade em rede' antes dos anos 2000, indicando "novas formas e canais de comunicação, moldando a vida e, ao mesmo tempo, sendo moldadas por ela", parece apresentar-se hoje como a mais pura realidade social.

O avanço tecnológico vem proporcionando transformação social tão profunda que já não se enxerga o homem sem a interação tecnológica e midiática (NEGROPONTE, 1995; LÉVY, 1999; JENKINS, 2009). Bem observou Lévy (1999, p. 22) essa impossibilidade de separação do homem com tudo o que o cerca ou o material, relacionando também os signos e as imagens em que o homem "atribui sentido à vida e ao mundo". Essa interação homem, tecnologia e meios, fruto, possivelmente, da convergência apontada por Jenkins (2009) em que a forma de produção e de consumo dos meios de comunicação seriam afetados, especialmente na usabilidade da internet, proporcionou ao rádio e sua comunicação, uma certa reconfiguração em seu modelo existencial. Movimento que permitiu, além de transformações nas estruturas componentes do veículo, o agregar de ferramentas com a possibilidade de um maior crescimento em sua abrangência comunicacional sonora, talvez, melhorando sua sobrevida social.

No campo digital já se enxergava, como uma das perspectivas, a produção de conteúdo, a programação, a distribuição e o consumo, elementos componentes da cadeia de valores do rádio (MAGNONI, 2010, p. 136), num caminho de descentralização, expandindo o poder de ação e, consequentemente, obtendo tal crescimento. E uma das ferramentas agregadas pelo veículo neste novo modelo de se fazer rádio, no sentido amplo da palavra, foi a tela ou, mais propriamente, a possibilidade de transmissão do conteúdo radiofônico, essencialmente sonoro (CÉSAR, 2009; BIANCO, 2012; PRATA, 2012), também pelo meio do audiovisual. Para além da multimídia, agregando elementos como textos, imagens e vídeos (LEÃO, 1999, p. 16), a realidade de criar e transmitir conteúdo radiofônico na internet, no atual universo hipermidiático por entre formas lineares e não

1 - Ver em DEUZE, Mark. Viver como um Zumbi na Mídia (é o único meio de sobreviver). Matrizes, v.7, n. 2, p. 113-129, 2013. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/69409/71980>. Acesso em: 02 mar. 2024.
2 - Traduz-se por aparelho, dispositivo. (DICTIONARY OXFORD, 2009, p. 482).

REVISTA ACADÊMICA DA Faculdade Canção Nova
ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

Danielson de Oliveira Freire
Mestre pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Docente da Faculdade Canção Nova nos Cursos de Comunicação Social, Rádio e Televisão, e Jornalismo.

lineares, podendo ser acessado por qualquer gadget ao redor do mundo, permite valorizar e construir relações antes impensadas ao veículo.

Precisamente neste percurso, este estudo pretende investigar a usabilidade da tela como possibilidade extensiva da comunicação radiofônica. Intenta traçar aspectos de entendimento sobre o contexto atual da presença do rádio no campo audiovisual, o que possivelmente possibilitará apontamentos que favoreçam maior eficácia na comunicação do veículo no universo hipermidiático presente. Para tanto, como desenvolvimento da pesquisa, o quadro conceitual proposto consta do entendimento de linguagem audiovisual em Rodríguez (2006), a visão de linguagem radiofônica em Ferraretto (2014) em referência à mensagem própria do rádio, o conceito de hipermídia explanado por Santaella (2007) e a teoria das hipermediações em Scolari (2008).

Como metodologia, optou-se pelo qualitativo comparativo com aplicação da técnica de pesquisa de observação não-participante (LAKATOS, 2003), delimitando a investigação, como corpus da pesquisa, à três programas radiofônicos, um por emissora, vinculados em seus devidos canais do *YouTube*. A observação e análise realizou-se no período diurno (manhã e tarde) no primeiro semestre de 2024, com acesso livre aos canais e programas de cada emissora via computador. O objetivo centrou-se em analisar a linguagem radiofônica no audiovisual e, as demais – possíveis – linguagens hipermidiáticas presentes/agregadas pelo veículo na tentativa de entender seu modo comunicacional no novo campo de atuação.

O recorte e/ou corpus da pesquisa foi idealizado a partir de pesquisa de ranking[3] das emissoras FM mais acessadas no estado de São Paulo, um dos principais polos radiofônicos do país, gerada pelo site radios.com.br, cujo foco centrou-se no entretenimento e público jovem, visando a publicação destes programas na plataforma YouTube. As emissoras escolhidas são Rádio Transamérica no programa Conectados, Rádio Mix FM no programa Agora o Bicho vai Pegar e, Rádio Metropolitana no Programa do Chupim.

A tela, na proposta de objeto de acesso do conteúdo radiofônico ao formato audiovisual, parece apresenta-se na possibilidade de agregar tal valor. Em 2006, Íris Paternostro (2006, p. 68) já vislumbrara o "acessar" o rádio, a televisão, os jornais, os livros, os filmes, de forma digital, com um único display, que pode ser a tela de um PC, um personal computer, ou de um celular, ao mesmo tempo receptor e transmissor de informações". A autora (2006, p. 68) recorda o quanto a internet permitiu todo este processo de "ouvir música, ler jornal e revista, ver TV, tudo ao mesmo tempo, na mesma hora, no mesmo lugar" além de que, com "velocidade, mobilidade e interatividade: você tem o que quer, onde estiver, disponível no aparelho que preferir". Este cenário hipermidiático, tão discutido e estudado na atualidade, "englobando o universo fluido e sempre mutável [...], gerados no seio do computador para serem visualizados na tela" (SANTAELLA, 2007, p. 392), tem sido campo de assimilação e atuação do rádio, agregando a constante construção de seu processo de "radiomorfose". (PRATA, 2012, p. 79).

3 - Acesso à pesquisa de ranking no primeiro semestre de 2024.

REVISTA ACADÊMICA DA Faculdade Canção Nova

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

Danielson de Oliveira Freire
Mestre pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Docente da Faculdade Canção Nova nos Cursos de Comunicação Social, Rádio e Televisão, e Jornalismo.

2. CAMINHOS PARA... ASSISTIR RÁDIO?

Até alguns anos atrás era comum ter um rádio e uma TV, uma calculadora, um relógio de parede e tantos outros 'um' numa casa, escolher a hora e o momento de utilização. Hoje, a avançada tecnologia agregou num único *device*[4] as funcionalidades da grande maioria dos aparelhos da época. Neste processo de constante evolução da pós-modernidade, a sociedade, parece, vê-se cercada ou mesmo cerca-se, quase que de maneira natural, de toda tecnologia possível que possibilite atuar em suas diversas ações diárias. Observando o cotidiano de uma capital, por exemplo, é possível reparar o quanto a sociedade caminha numa verdadeira "inflação de telas". (LIPOVETSKY, 2009, p. 255). O ator social desperta, recebe seus alertas diários, ouve suas músicas preferidas, acompanha seu programa de TV, notícias em textos, fotos ou vídeos, fotografa, cria vídeos, joga games e comunica-se com os demais atores sociais por meio de um único aparelho. Elementos que denotam um processo de evolução tecnológico.

Lipovetsky (2009, p. 256) apontou que o homem do futuro se veria ligado aos inúmeros "conjunto das telas", nomeando este indivíduo de "Homo ecranis", indicando esta interconexão do homem com as telas e, consequentemente, com o mundo. O autor (2009, p. 257) escreve que esta "rede telânica transformou nossos modos de vida, nossa relação com a informação, o espaço-tempo, as viagens e o consumo" relacionando a existência do indivíduo a esta ligação com a tela e a conexão nas redes. A tela que antes servia de objeto para a transmissão do audiovisual, amadureceu.

Na contemporaneidade telânica, no constante emaranhado de (r)evolução cultural, digital e midiático (CANCLINI, 1997; LEMOS, 2013; SANTAELLA, 2003), no qual perpassa as muitas linguagens dos meios, distintas e ao mesmo interconectadas, fluidas, integrada numa linguagem maior – a saber, a linguagem digital –, cabe anotar as características de uma importante linguagem que contribui em parte dessa ascensão comunicacional atual, identificada na diversidade das telas, como linguagem audiovisual.

A linguagem audiovisual é entendida por Rodríguez (2006, p. 27) como o "conjunto das formas de organização artificial da imagem e do som que utilizamos para transmitir ideias ou sensações, ajustando-nos à capacidade humana de percebê-las e compreendê-las". Embora se assemelhe com a informação natural – que é "gerada pelo ambiente sem nenhuma intervenção consciente do homem" (RODRÍGUEZ, 2006, p. 28) – o audiovisual apenas simula a informação artificialmente, ou seja, procura reproduzir elementos característicos da realidade e/ou ambiente natural.

Tal linguagem tem por principais características, partir como vontade prévia de um emissor visando o estimular no receptor "séries organizadas de percepções naturalistas simuladas"; a informação criada artificialmente parecer-se, na interpretação do receptor, semelhante ao natural e, a "capacidade de articular dentre de si mesma qualquer outra linguagem baseada na percepção humana". (RODRÍGUEZ, 2006, p. 29). O que permite intuir que, independente do meio físico 'tela', toda ideia, informação, expressão que for narrada/transmitida sob o emprego dos elementos essenciais da

4 - "Aparelho, dispositivo[...]" (DICTIONARY OXFORD, 2009, p. 432).

REVISTA ACADÊMICA DA Faculdade Canção Nova

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

Danielson de Oliveira Freire
Mestre pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Docente da Faculdade Canção Nova nos Cursos de Comunicação Social, Rádio e Televisão, e Jornalismo.

linguagem audiovisual, poderá ser vista, compreendida, assimilada e sentida pelo receptor, de forma a gerar algum tipo de resposta que tenha sido pretendida pelo meio emissor.

Visando sobrevivência, um meio emissor participa, insere-se por inteiro no processo pelo qual Santaella (2007, p. 293) chama de "grande hibridização", referindo-se ao que a digitalização e a linguagem hipermidiática vem proporcionando aos "processos de comunicação inteiramente novos, interativos e dialógicos". Abordando a linguagem digital, a autora (2007, p. 293-294) indica sua capacidade de "transcodificar quaisquer códigos, linguagens e sinais, sejam estes textos, imagens de todos os tipos, gráficos, sons e ruídos". Além de processar e devolver aos "sentidos na sua forma original[...]", colocando-a como princípio da hipermídia, elencando a habilidade de inserir "todas as linguagens dentro de uma raiz comum", a linguagem digital propicia, assim, uma mistura no ato de sua própria formação, criando "sintaxes híbridas, miscigenadas". (SANTAELLA, 2007, p. 293-294).

Tecnologia e fonte de informação visual, sonora, de animação, de vídeo, realidade virtual, de banco de dados, o englobar e superar o hipertexto e a multimídia pela navegabilidade na rede e interatividade, a liberdade de acessar novas janelas e links em conteúdos etc. são alguns dos diversos conceituais descritos sobre a hipermídia (CAPISANI, 1999; GOSCIOLA, 2010; LEÃO, 1999; NEGROPONTE, 1995). Tais apontamentos, conforme Santaella (2007, p. 294), "passam a se co-engendrar em estruturas fluidas, cartografias líquidas para a navegação com as quais os usuários aprendem a interagir, pormeio de ações participativas, como num jogo". Nesse ambiente, a tela parece ganhar vida muy além da 'tela' em si.

Em 2006, Paternostro (2006, p. 68) já vislumbrara os diversos meios como rádio, televisão, jornais, livros, filmes etc. serem acessados, "de forma digital, com um único display, que pode ser a tela de um PC, um *personal computer*, ou de um celular, ao mesmo tempo receptor e transmissor de informações". A autora (2006, p. 68) recorda o quanto a internet permitiu todo este processo de "ouvir música, ler jornal e revista, ver TV, tudo ao mesmo tempo, na mesma hora, no mesmo lugar" além de que, com "velocidade, mobilidade e interatividade: você tem o que quer, onde estiver, disponível no aparelho que preferir".

Neste cenário hipermidiático – alinear, reticular nas inúmeras conexões (os *links*) pelas unidades de informação ou os nós –, de elementar discussão e estudos, "englobando o universo fluido e sempre mutável [...], gerados no seio do computador para serem visualizados na tela" (SANTAELLA, 2007, p. 392), também se encontra o rádio contemporâneo em seu constante processo de "radiomorfose". (PRATA, 2012, p. 79). E é por este sistema, influenciado, moldado, reconfigurado, que o veículo já é tido como um rádio hipermidiático, ou seja, que "fala em diversas linguagens, em distintos suportes e, ainda assim, mantém no áudio seu foco". (LOPEZ, 2010, p. 119).

REVISTA ACADÊMICA DA Faculdade Canção Nova

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

Danielson de Oliveira Freire
Mestre pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Docente da Faculdade Canção Nova nos Cursos de Comunicação Social, Rádio e Televisão, e Jornalismo.

3. A BASE DA COMUNICAÇÃO RADIOFÔNICA

O rádio, enquanto meio de comunicação, há muito vem agregando ferramentas diversas tais como de hipertexto, da multimídia e da hipermídia, visando – acredita-se – ampliar seu poder comunicacional para além de sua essência sonora, uma vez que "seu conteúdo também poderá ser lido na tela do cristal líquido do aparelho receptor digital (...) ou em outras plataformas de mídia convergentes". (BIANCO, 2006, p. 7-8). Nesse modelo diferencial de rádio conforme Kischinhevsky (2012, p. 63) já não há sentido discutir seus "limites do radiofônico". O autor (2012, p. 63) aponta as modalidades, interfaces e uma atenção maior para as alterações na "linguagem, práticas interacionais, rotinas produtivas, emergência de novos atores no mercado, estratégia de circulação e hábitos de escuta" como os elementos de estudos deste rádio que se apresenta na atualidade.

Em termos de sua comunicação, o rádio a constrói em sua linguagem específica, qual é sabido que envolve "elementos além da oralidade" e que "se prestam a diversas variações, podendo (...) estabelecer articulações entre si". (FERRARETTO, 2014, p. 30). Embora diversos autores apontem o sonoro (oral e auditivo) como características chave da linguagem do rádio (BIANCO, 2012; CÉSAR, 2009; MAGNONI, 2010; MEDITCH, 2001), há elementos mais detalhados constituintes da mesma. São eles, a palavra ou a voz (a fala), a música, os efeitos sonoros e o silêncio "atuando isoladamente ou combinados entre si" (FERRARETTO, 2014, p. 30).

A voz ou a palavra para Ferraretto (2014, p. 32-33) importa com grande significado no "conteúdo da mensagem". A palavra pode adquirir variadas funções nos discursos proferidos como enunciado, narrativo, emotivo etc., além portar atributos ou características importantes para a compreensão do ouvinte, tais como a altura, intensidade e o timbre.

A música por si só tem o dom de trazer um brilho ímpar, especial, à programação e mensagem radiofônica. De acordo com Ferraretto (2014, p. 33) ela contribui como "conteúdo da programação", dada a possibilidade de compor a programação da emissora, e também como linguagem nos termos de compor a própria mensagem do rádio.

Os efeitos sonoros propiciam a "construção de imagens sensoriais pela associação do som à sua fonte geradora" (FERRARETTO, 2014, p. 33), podendo conceder interpretação de realidades do ambiente natural ou servir para indicar algum tipo de informação pretendido pela emissora, como por exemplo o sinal de hora.

Por fim, o silêncio, quando de uma "ausência do som planejada" (FERRARETTO, 2014, p. 34) seja pelo locutor, na música ou nalgum momento específico da programação, o que contribui na construção própria da mensagem radiofônica. Esse elemento pode proporcionar a interpretação de variadas expressões, um dramatização, distanciamento e reflexão.

Todos esses elementos fundamentais da linguagem, permitem o construir da mensagem radiofônica com equilíbrio. A "mensagem (mescla de forma e conteúdo) é o objeto da comunicação". (FERRARETTO, 2014, p. 35). Devido esse cenário de "acoplamento aos novos hábitos de consumo de informação e também aos novos ouvintes que podem navegar em águas mais conhecidas pela

REVISTA ACADÊMICA DA Faculdade Canção Nova
ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

Danielson de Oliveira Freire
Mestre pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Docente da Faculdade Canção Nova nos Cursos de Comunicação Social, Rádio e Televisão, e Jornalismo.

sua geração", a atualização desta linguagem é vista como um processo dentre os mais importantes na história do rádio, segundo Nunes et al. (2012, p. 86).

4. POR UM PERCURSO METODOLÓGICO

Intentando observar esta relação rádio e tela, e a possibilidade extensiva de sua comunicação, abordar-se-á aqui a teoria norteadora e o método pelo qual este trabalho será submetido em análise. Contribuirá a teoria das hipermediações de Scolari (2008) associado ao método qualitativo comparativo com aplicação da técnica de pesquisa de observação não- participante proposto por Lakatos (2003).

A partir da observação/entendimento do espaço como ciberespaço, ou seja, o campo em que os atores sociais ou usuários utilizam para inúmeras atividades como conversações, navegabilidade, jogos, receber e enviar e-mails etc., Carlos Scolari (2008, p. 277. Tradução nossa)[5] desenvolve a teoria das hipermediações entendendo-a como "uma trama de processos de troca, produção e consumo simbólico que engloba um grande número de assuntos, mídias e linguagens interconectados tecnologicamente de maneira reticular". Todo esse processo desenvolvendo-se em redes, é algo particular, como um buraco negro, observa o autor (2008, p. 277. Tradução nossa)[6], indicando o movimento de atrair os "meios de comunicação de massa" absorvendo-os e integrando-os em si próprio no "dispositivo de contaminação intertextual".

Anota-se ainda como elementos das hipermediações, o tempo como sendo policrônico, ou seja, várias coisas sendo feitas ao mesmo tempo; reticular (forma de rede) e, descontínuo, considerando-se como fragmentário, com lacunas, interrupções etc. Além do tempo, a onipresença, compreendendo-a como a possibilidade de estar sempre disponível, a qualquer hora e lugar necessário.

Diante dessas considerações, o traçado de Scolari (2008) para a teoria das hipermediações aponta: dado por meio de suportes digitais; a filosofia de código aberto com a distribuição muitos-para-muitos; novos perfis profissionais partindo de uma comunicação interativa e multimídia; a interface como meio de interatividade entre os sujeitos e dispositivos; a geração/produção de metaprodutos combinando linguagens e mídias tendo a hipertextualidade, multimídia e interatividade como base; a convergência de diferentes linguagens e mídias num único ambiente; a digitalização promovendo a integração de todas as telas, permitindo ao conteúdo multimídia diferentes formatos; o consumo deste conteúdo como sendo assíncrono e o usuário podendo criar e distribuir o seu próprio e, por fim, o poder que, por conta das hierarquias, gera conflitos e acordos modificando os relacionamentos nas redes constantemente.

Dada a teoria de base investigativa desta pesquisa, registra-se ainda o método e a técnica

5 - (...) una trama de procesos de intercambio, producción y consumo simbólico que engloba una gran cantidad de sujetos, medios y lenguajes interconectados tecnológicamente de manera reticular (...) (SCOLARI, 2008, p. 277).

6 - (...) el espacio de las hipermediaciones es particular: se presenta como un agujero negro que atrae a los medios masivos, los absorbe e integra dentro de su propio dispositivo intertextual de contaminación. (SCOLARI, 2008, p. 277).

REVISTA ACADÊMICA DA Faculdade Canção Nova

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

Danielson de Oliveira Freire
Mestre pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Docente da Faculdade Canção Nova nos Cursos de Comunicação Social, Rádio e Televisão, e Jornalismo.

que caminharão juntos na aplicação e suporte da investigação. Lakatos (2003, p. 107) apresenta o método comparativo como um estudo dos elementos semelhanças e diferenças, permitindo realizar comparações cuja finalidade é "verificar similitudes e explicar divergências" possibilitando, assim, "analisar o dado concreto, deduzindo do mesmo os elementos constantes, abstratos e gerais".

A autora (2003, p. 107-108) afirma que aplicando-o como estudo descritivo, pode-se "averiguar a analogia entre ou analisar os elementos de uma estrutura"; se abordado como classificação, "permite a construção de tipologias" e, por fim, se o estudo for ao termo de explicação, "pode, até certo ponto, apontar vínculos causais, entre os fatores presentes e ausentes".

Complementando o método, auxiliará a técnica de pesquisa de observação não- participante que, para Lakatos (2003, p. 193), consiste no pesquisador ter a ciência da realidade investigada, porém, "sem integrar-se a ela", pondo-se de fora. O pesquisador "presencia o fato, mas não participa dele; não se deixa envolver pelas situações; faz mais o papel de espectador". (LAKATOS, 2003, p. 193).

Visto a exploração geral dos conceitos, métodos e técnicas descritos até aqui, se parece possível a elaboração de um quadro visual-conceitual que possibilite melhor compreensão na análise final do projeto.

Tabela 1: Conceitos e características

Conceitos	Características/elementos contutivos
Linguagem Audiovisual	Vontade prévia do emissor; estímulo ao receptor; mensagem assemelhando-se ao natural; articulação de outras linguagens com base na percepção humana.
Hipermídia	Textos; imagens (fotos, animações, vídeos); gráficos; sons e ruídos; interatividade; links; hipertextos; multimídia. Conexão fluida e assíncrona entre todos elementos.
Linguagem radiofônica	Palavra ou a voz (a fala); música; efeitos sonoros; e o silêncio.
Teoria das hipermediações	Suportes digitais; distribuição muitos-para-muitos; comunicação interativa e multimídia; interface como meio de interatividade; metaprodutos combinando linguagens e mídias baseada na hipertextualidade, multimídia e interatividade; convergência de linguagens e mídias num único ambiente; integração de todas as telas; consumo do conteúdo assíncrono; usuário criador e distribuidor do próprio conteúdo; poder: conflitos e acordos modificando os relacionamentos nas redes.

Fonte: autoria própria.

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

Danielson de Oliveira Freire
Mestre pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Docente da Faculdade Canção Nova nos Cursos de Comunicação Social, Rádio e Televisão, e Jornalismo.

Munido de tais informações, caminha-se para a descrição dos programas selecionados, a observação das estruturas constitutivas de cada programa e, por fim, de posse dos dados colhidos, apresentação dos elementos como possíveis resultados obtidos.observação das estruturas constitutivas de cada programa e, por fim, de posse dos dados colhidos, apresentação dos elementos como possíveis resultados obtidos.

5. OS PROGRAMAS RADIOFÔNICOS NA PLATAFORMA YOUTUBE

Como destacado anteriormente, utilizou-se do site[7] radios.com.br para a pesquisa das emissoras mais acessadas de São Paulo, chegando-se às rádios Transamérica no programa Conectados, Rádio Mix FM no programa Agora o Bicho vai Pegar e, Rádio Metropolitana no Programa do Chupim, por selecionadas. Na página principal do site, na aba 'estatística' é possível escolher as categorias para efetuar uma pesquisa. A categoria escolhida para este trabalho de pesquisa foi 'Rádios FM mais ouvidas por Estado'. A partir dela, configurou-se os campos 'País', 'Estado' e 'Mês' para obter o resultado prévio desejado. Em seguida, focalizando emissoras voltadas para o entretenimento e público jovem, efetuou-se pesquisa manual de acesso aos portais de cada emissora e, posteriormente, a seus devidos canais do YouTube (rede social escolhida para estudos e obtenção/percepção dos programas transmitidos/gerados).

A primeira investigação deu-se no Programa Conectados[8] da rádio Transamérica. O programa disponibilizado no canal da emissora data de 26/06/2023 e, em meados de março de 2024, já contava com mais de 600 visualizações, 3 curtidas como 'Gostei' e 0 como 'Não gostei' e, entre 3 comentários na time do canal. Com tempo total de vídeo de 01:57:32. A emissora divulga-o com o título: Programa Conectados #59 com Cléber Machado - 26/06/2023. De início, as imagens recortam cada locutor apresentando como característica visual de preenchimento de fundo, uma tela animada com cores vivas entre laranja, vermelho e amarelo e o símbolo tipo de conexão de internet. Há, portanto, uma câmera para cada locutor. Todo o programa, devido sua transmissão no canal do YouTube, tem sua edição (corte de imagens, tipo ao vivo) com o jogo entre as câmeras 1, 2 e 3 e, em determinados momentos ao longo do programa, apresentação das três câmeras em recuo, acrescido da inserção de outras imagens/vídeos etc. Não há imagem em plano aberto. O programa foca, dentro do estúdio, em cada locutor/entrevistado no plano 3x4. Neste quesito, no estúdio, é visível cada microfone dos locutores/entrevistados com seus devidos suportes, diferentes uns dos outros, provavelmente fixados na mesa do estúdio, distribuídos entre lateral e centro à frente dos indivíduos. Todos presentes portam fones de ouvidos. Os locutores/apresentadores do programa são três, Román Laurito – aparentemente – como âncora principal, Dani Mel e Renato Tortorelli como locutores adjuntos. Os locutores usam, ao longo do programa, aparelhos smartphones como fonte de informações e visualização das participações.

7 - Radios.com.br, Site. Radios.com.br. Disponível em: <https://www.radios.com.br/>. Acesso em: 04 mar. 2024.
8 - TRANSAMÉRICA, Rádio. Programa Conectados. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=teqUZHDW-FU4>. Acesso em: 07 mar. 2024.

REVISTA ACADÊMICA DA Faculdade Canção Nova

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

Danielson de Oliveira Freire
Mestre pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Docente da Faculdade Canção Nova nos Cursos de Comunicação Social, Rádio e Televisão, e Jornalismo.

No minuto 00:16:51 os locutores chamam um primeiro intervalo que, por sua vez, é preenchido com vinhetas audiovisuais da emissora e do programa e, câmera livre e/ou aberta com conversações dos locutores. Pelo que se percebe, somente para a transmissão no canal. É momento de interação dos locutores com os participantes (ouvintes/internautas) abordando assuntos diversos. Na virada para o minuto 00:22:00 a locutora confirma estarem abertos – em transmissão – somente para o canal do YouTube, enquanto que no sonoro da emissora veicula-se intervalo seguido de música. Retornam na sincronia rádio/canal YouTube no minuto 00:24:38. Músicas e notícias diversas, parece, norteiam o programa distribuídos ao longo da programação por entre as locuções, entretanto, não se veiculam na mesma transmissão, ou seja, no canal do YouTube. Durante todo o programa traz-se convite ao ouvinte para a participação respondendo perguntas lançadas pelos locutores. A participação do ouvinte ocorre principalmente pelas redes sociais da emissora como WhatsApp, Instagram e o próprio chat do canal no YouTube. Na transmissão, é disponibilizado número de WhatsApp para participação via inserção de símbolo/ícone conectados e faixa contendo o número. Essa mesma abordagem de inserção é utilizada para trazer os nomes de todos participantes. No minuto 00:30:18 entra vinheta intitulada 'Diz aí' e, após, participação de ouvintes/internautas. Ato que repete-se no último bloco com pergunta voltada ao entrevistado. No minuto 00:39:34 os locutores chamam um segundo intervalo com a mesma configuração de transmissão que o anterior. Retornam no minuto 00:48:30 com a sincronia entre rádio e canal YouTube. Praticamente na metade do programa, por volta de 01:01:50, os locutores trazem ao público a participação do Cleber Machado. Presença esta que estende-se por todo o restante do programa. Aí apresenta-se, portanto, um 4o microfone com imagem em mesmo plano, tendo em vista a participação especial. O programa gira em torno da conversação com o entrevistado Cleber M. até seu encerramento no tempo de 01:57:32 com vinheta audiovisual do programa e emissora. Ao longo de todo o programa, os locutores se demonstram bem irreverentes, se divertem por qualquer coisa/assunto e falam todas as participações/ocorrências. Em determinados momentos e, de acordo com o assunto discutido, os telões de fundo de cada locutor/entrevistado, parecem interagir trazendo recursos imagéticos como fotos, vídeos etc., diferindo-se do padrão do programa. Diferentemente de um programa especificamente televisivo ou mesmo para a internet, praticamente todo o programa mantém a característica do radiofônico – com vocal, microfones, fones de ouvidos etc. no comum de um estúdio de rádio – e, somente nos intervalos se voltam mais para 'frente à tela' tendo em vista o potencial ouvinte-internauta. Ainda assim, de forma livre, despojada e sem perder as características radiofônicas que o formatam.

A segunda pesquisa foi realizada na emissora Mix FM no programa Agora o Bicho vai Pegar[9]. Em seu canal da rede social, o último programa data de 26/04/2019, contudo, pela ocorrência de queda na transmissão do programa e, procurando evitar falhas na investigação, optou-se pelo programa anterior, de 25/04/2019, como objeto do estudo, uma vez sua inteireza do vídeo no canal. Explicado o fator, o programa até aproximadamente a metade do mês de outubro, já contava com mais de 5.1

9 - MIX FM, Rádio. Programa Agora o bicho vai pegar. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=I- kp-Qx0w76A&list=PLU4t7hmb5_lBqwhBwQD1oZ-rVQ2Z-k3u9&index=3>. Acesso em: 28 abril 2024.

REVISTA ACADÊMICA DA Faculdade Canção Nova

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

Danielson de Oliveira Freire
Mestre pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Docente da Faculdade Canção Nova nos Cursos de Comunicação Social, Rádio e Televisão, e Jornalismo.

mil visualizações, 284 curtidas como 'Gostei' e 0 como 'Não gostei' e, entre 11 comentários na time do canal. Com tempo de vídeo de 01:06:28, uma câmera em plano aberto apresenta a característica visual do estúdio, totalmente diferente de um estúdio de rádio comum. O linguajar, talvez, permitiria chamá-lo de 'descolado'. Provavelmente foi pensado e desenhado com direcionamento para o vídeo, o audiovisual. Pela câmera aberta, é possível ver, da esquerda para a direita, uma mesa retangular abrigando um console, fones de ouvido e pequenas câmeras instaladas direcionadas a outra ponta do estúdio. Há também um fundo com diversos aparelhos instalados na parede, como equalizadores e TVs. Na parede de frente, aparentando tijolos, há um sofá com alguns adereços e almofadas e, na parede da direita, poltrona, criado mudo com adereços e outro estiloso sofá, já a parede de fundo, foi criada com a colagem de variadas fitas k7. O estúdio segue a linha de criação de estúdios de televisão. No vídeo, se apresenta o local desde o minuto zero e é exibido uma tarja verde na lateral esquerda da tela informando "Em Instantes" sobre o início do programa e, a logo da emissora em forma de ícone encontra-se no canto inferior direito (desaparecendo a partir da vinheta de abertura, ficando apenas uma outra em tipo marca d´água no canto inferior direito [utilizada como ferramenta de interação. Com o mouse por cima do ícone aparece a função inscrever-se no canal do YouTube da emissora]). Uma logo tipo marca d´água da emissora também é posta em diferentes momentos do programa no canto superior direito. Uma espécie de logo do programa é exibida junto a tarja verde na parte inferior do programa quando necessário divulgar algum assunto. Há pelo menos quatro câmeras no estúdio, uma em plano aberto no estúdio em geral e outras três em planos médios focando cada apresentador/participante. Há, em determinados tempos do programa, operações das câmeras focando detalhes dos apresentadores, demonstrando possibilidade de não estaticidade dos planos. Aos 00:09:02 os participantes e locutores começam a entrar e portam-se bem descontraídos no estúdio (ainda sem transmissão do áudio). O programa tem início com uma vinheta diferencial no vídeo aos 00:10:25 minutos. Na sequência é aberto o áudio com entrada do âncora Román Laurito e demais apresentadores Guilherme Pallesi e Renato Tortorelli, além da presença da Babi (Bárbara Ferrareze), produtora do programa que, interage e auxilia de forma geral durante o ao vivo. A temática do programa é discussão de futebol. Um detalhe descoberto durante a audição do programa é que a edição seguinte era a última, encerrando um ciclo de dois anos no ar. Não há convite, por parte dos apresentadores, aos ouvintes para participarem, porém, verifica-se a presença de alguns no chat do canal no YouTube antes mesmo do início do programa. Como o programa discute futebol, ao longo dos comentários é colocado vídeo dos melhores momentos dos jogos – comentados no programa – na tela, enquanto que a tela do apresentador é fixada em tamanho menor no canto inferior direito tendo logo acima a logo do programa. Aos 00:19:26 minutos, enquanto é discutido um dos jogos daquela semana, é posto na tela, lado esquerdo, propaganda de uma marca de cerveja e, aos 00:33:13 minutos, é posto no lado direito da tela propaganda da Vivo. A participação do ouvinte ocorre principalmente pela live no canal do YouTube e, no decorrer do programa é aberta a participação por meio do WhatsApp em que os ouvintes enviam mensagens de voz no qual o âncora Román coloca no ar. O chat do YouTube demonstra as participações em que os locutores interagem. Os locutores são bem irreverentes,

REVISTA ACADÊMICA DA Faculdade Canção Nova

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

Danielson de Oliveira Freire
Mestre pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Docente da Faculdade Canção Nova nos Cursos de Comunicação Social, Rádio e Televisão, e Jornalismo.

dinâmicos nas bate-papos e de conversação livre. Ao longo do programa interagem respondendo alguns dos comentários da live e as mensagens do Whats. Devido término do programa na emissora, os apresentadores divulgam o Instagram (@agoraobicho) como forma dos ouvintes acompanharem maiores informações acerca do que viria pela frente. Aos 1:06:05, após rápida despedida do âncora, é inserido vinheta (áudio) de encerramento do programa e, em seguida, o áudio é suprimido, restando as imagens de todos no estúdio em aparente conversação e despedida. A transmissão se encerra em seguida com figura lembrando parte de um campo de futebol contendo a logo do programa no centro.

O terceiro estudo centrou-se na rádio Metropolitana no programa do Chupim11[10]. No canal do YouTube, a última edição data de 07/05/2019, apresentando entrevista com uma dupla sertaneja feminina. O programa em sua inteireza não é, pelo averiguado, disponibilizado no canal, havendo apenas as principais entrevistas de cada edição. Desta entrevista serviu-se o estudo para desenvolvimento geral sobre a abordagem da emissora. Até aproximadamente a metade do mês de outubro, mais de 12 mil visualizações, 427 curtidas como 'Gostei' e 0 como 'Não gostei' e 21 comentários na time do canal. Com tempo de vídeo de 00:17:45, a transmissão começa com uma vinheta audiovisual contendo a figura/logo do programa e áudio informando o retorno à Metropolitana (provavelmente retorno após intervalo da programação). Tal retorno é dado por uma câmera (não fixa [uma pessoa da equipe opera em todo programa, enquadrando todos os participantes]) em primeiro plano direto no apresentador principal Marcelo Barbur. Na sequência, a mesma câmera faz passagem ao vivo para uma das entrevistadas. Há outra câmera focada na segunda entrevistada, outra direcionada para um dos apresentadores na mesa e uma outra em plano aberto acima do âncora principal apresentando a característica visual do estúdio. Visual que assemelha-se ao rádio comum. Há uma grande mesa azul em formato triangular (recordando um bumerangue), quatro microfones com seus suportes instalados e distribuídos ao redor da mesa, outro microfone num tripé ao lado da mesa, fones de ouvidos, dois notebooks e um console na mesa e as cadeiras. Ao fundo, na parede, dois grandes logos da emissora, duas telas de TV utilizadas como monitores para o software do ao vivo da emissora e caixas de som. Por conta da entrevista é possível notar que o estúdio se encontra repleto de participantes e/ou convidados. Na tela do canal há duas logos da emissora no canto inferior direito, uma maior que a outra, sobrepostas, prejudicando a interpretação visual. A logo menor como ferramenta/função inscrever-se no canal do YouTube da emissora. Logo no início da entrevista o âncora divulga número de telefone para que o ouvinte possa ligar e deixar sua pergunta às participantes. As participações do ouvinte são constantes e postas ao vivo em conversação com o locutor e entrevistados. O programa apresenta possíveis edições havendo cortes entre um momento e outro da transmissão. Não há, na transmissão, um encerramento (no momento, com a fala dos apresentadores e convidados), sugerindo edição do programa ou, da entrevista, num ponto que se entendeu por melhor. Em seguida entra vinheta audiovisual com a logo da emissora e voz carimbando a rádio. apresenta possíveis edições havendo cortes entre um momento e outro da transmissão. Não há, na transmissão, um encerramento

10 - Metropolitana, Rádio. Programa do Chupim. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9nx3AOjgbiA&list=PLb-Gdtzr5hYh3VEyTmdXdd_ckJJY_H5D2>. Acesso em: 21 abril 2024.

REVISTA ACADÊMICA DA Faculdade Canção Nova

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

Danielson de Oliveira Freire
Mestre pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Docente da Faculdade Canção Nova nos Cursos de Comunicação Social, Rádio e Televisão, e Jornalismo.

(no momento, com a fala dos apresentadores e convidados), sugerindo edição do programa ou, da entrevista, num ponto que se entendeu por melhor. Em seguida entra vinheta audiovisual com a logo da emissora e voz carimbando a rádio.

6. OBSERVAÇÕES E POSSÍVEIS RESULTADOS

O esquema de tabela disposto na metodologia, utilizado para apresentar classificação dos conceitos abordados como aplicação neste estudo, se crê, será útil para classificação e análise dos dados levantados sobre as emissoras investigadas, possibilitando o comparativo necessário para se achegar aos prováveis resultados. Portanto, para cada emissora investigada, será aplicado a tabela considerando a aba central 'características/elementos constitutivos' como referencial para os dados captados das emissoras na aba seguinte.

Após cada tabela, seguir-se-á abordagem sobre os possíveis resultados obtidos da observação dentre os elementos gerais levantados.

Tabela 02: Rádio Transamérica – Programa Conectados. Conceitos e características.

Conceitos	Características/elementos contutivos	Características/elementos constitutivos constitutivos na Emissora
Linguagem Audiovisual	Vontade prévia do emissor; estímulo ao receptor; mensagem assemelhando-se ao natural; articulação de outras linguagens com base na percepção humana.	Vontade prévia do emissor; estímulo ao receptor; mensagem assemelhando-se ao natural.
Hipermídia	Textos; imagens (fotos, animações, vídeos); gráficos; sons e ruídos; interatividade; *links*; hipertextos; multimídia. Conexão fluida e assíncrona entre todos elementos.	Textos; imagens (fotos, animações, vídeos); sons e ruídos; interatividade.
Linguagem radiofônica	Palavra ou a voz (a fala); a música; os efeitos sonoros; silêncio.	Palavra ou a voz (a fala); a música; os efeitos sonoros; silêncio.

REVISTA ACADÊMICA DA Faculdade Canção Nova

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

Danielson de Oliveira Freire
Mestre pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Docente da Faculdade Canção Nova nos Cursos de Comunicação Social, Rádio e Televisão, e Jornalismo.

Teoria das hipermediações	Suportes digitais; distribuição muitos-para-muitos; comunicação interativa e multimídia; interface como meio de interatividade; metaprodutos combinando linguagens e mídias baseada na hipertextualidade, multimídia e interatividade; convergência de linguagens e mídias num único ambiente; integração de todas as telas; consumo do conteúdo assíncrono; usuário criador e distribuidor do próprio conteúdo; poder: conflitos e acordos modificando os relacionamentos nas redes.	Suportes digitais; distribuição muitos-para-muitos; comunicação interativa e multimídia; interface como meio de interatividade; convergência de linguagens e mídias num único ambiente; consumo do conteúdo assíncrono; poder: conflitos e acordos modificando os relacionamentos nas redes.

Fonte: autoria própria.

O programa Conectados apresenta, no campo da linguagem audiovisual, vontade prévia do emissor a partir do momento que decide se expor na internet sob a utilização do recurso de vídeo e, estimula o receptor nos momentos da programação convidando-o à participação, a enviar sua mensagem de texto, áudio, enfim, corresponde utilizando do vídeo como resposta ao receptor. Mensagem assemelhando-se ao natural quando da veiculação das mensagens em áudio de participações de ouvintes, além das próprias falas irreverentes dos locutores. Quanto aos recursos de hipermídia, há o texto na forma de nomes e números na tela, mesmo que tal elemento não esteja com ferramenta/função de interação direta ao telespectador tal qual numa interface. Há a imagem própria da transmissão do vídeo, algo diferente para o comum do ambiente de uma rádio, porém, sem a utilização de demais imagens ao longo da transmissão. Os sons e ruídos se representam nas conversações, locuções e músicas e, a interatividade é estimulada pelos locutores pelos canais do WhatsApp, Instagram, e chat do YouTube da Emissora. Da linguagem radiofônica, todas características são encontradas, inclusive o silêncio na atribuição de buraco, um som mortificante, muitas das vezes inesperado, imprevisto e indesejado numa programação radiofônica. (VIGIL, 2003, p. 56). Neste caso, aparenta-se não haver tal presença no dial da emissora, mas, na transmissão do vídeo em cada momento em que músicas/intervalos etc. são vinculadas e, na tela, o preenchimento de vinhetas do programa/emissora. É uma forma de buraco de programação audiovisual e que, pode não ser bem-vinda pelos ouvintes-internautas. Em relação aos elementos da teoria das hipermediações, a tela já é dada como um meio de suporte digital na questão de possibilitar a transmissão do programa radiofônico, o conteúdo é distribuído além do *dial* da emissora para o canal do *YouTube*, tornando-se muitos-para-muitos na cadeia de multimidialidade, assim como também acessível na interatividade proporcionada pelos canais das Redes Sociais da emissora. A interface como meio de interatividade não é cem por cento aplicável na tela uma vez que o conjunto do todo do canal apresenta algum

REVISTA ACADÊMICA DA Faculdade Canção Nova

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

Danielson de Oliveira Freire
Mestre pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Docente da Faculdade Canção Nova nos Cursos de Comunicação Social, Rádio e Televisão, e Jornalismo.

elemento no momento em que o ouvinte pode, por meio do chat do canal, interagir com os locutores no estúdio. É notada uma convergência de linguagens ao se reconhecer a linguagem audiovisual, já absorvida pela hipermídia, e a linguagem radiofônica presente na transmissão audiovisual, num mesmo ambiente. E o consumo de conteúdo é dado como assíncrono no momento em que se permite o ouvinte/usuário decidir ouvir o programa pelo *dial* ou pela tela do canal. Por fim, o poder é, aparentemente, observado no momento em que um dos locutores fala que, 'no programa o ouvinte não pede, ele manda', veiculando à seguir, a participação de um destes.

Tabela 03: Rádio Mix FM, Programa Agora o Bicho vai Pegar. Conceitos e características.

Conceitos	Características/elementos contutivos	Características/elementos constitutivos constitutivos na Emissora
Linguagem Audiovisual	Vontade prévia do emissor; estímulo ao receptor; mensagem assemelhando-se ao natural; articulação de outras linguagens com base na percepção humana.	Vontade prévia do emissor; estímulo ao receptor; articulação de outras linguagens com base na percepção humana.
Hipermídia	Textos; imagens (fotos, animações, vídeos); gráficos; sons e ruídos; interatividade; links; hipertextos; multimídia. Conexão fluida e assíncrona entre todos elementos.	Textos; imagens (fotos, animações, vídeos); sons e ruídos; interatividade; multimídia. Conexão fluida e assíncrona entre todos elementos.
Linguagem radiofônica	Palavra ou a voz (a fala); a música; os efeitos sonoros; silêncio.	Palavra ou a voz (a fala); a música; os efeitos sonoros; silêncio.
Teoria das hipermediações	Suportes digitais; distribuição muitos-para-muitos; comunicação interativa e multimídia; interface como meio de interatividade; metaprodutos combinando linguagens e mídias baseada na hipertextualidade, multimídia e interatividade; convergência de linguagens e mídias num único ambiente; integração de todas as telas; consumo do conteúdo assíncrono; usuário criador e distribuidor do próprio conteúdo; poder: conflitos e acordos modificando os relacionamentos nas redes.	Suportes digitais; distribuição muitos-para-muitos; comunicação interativa e multimídia; interface como meio de interatividade; convergência de linguagens e mídias num único ambiente; consumo do conteúdo assíncrono.

Fonte: autoria própria.

REVISTA ACADÊMICA DA Faculdade Canção Nova

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

Danielson de Oliveira Freire
Mestre pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Docente da Faculdade Canção Nova nos Cursos de Comunicação Social, Rádio e Televisão, e Jornalismo.

Quanto ao programa Agora o bicho vai pegar, da Mix FM, aparenta-se haver sido pensado e estruturado para além do *dial* hertziano, visando ampla aplicação audiovisual. É, dos três programas investigados, o que mais apresenta foco e desenvolvimento voltados para esta área. No tocante à linguagem audiovisual, a vontade do emissor e estimulo ao receptor é detectada desde os elementos constituintes do estúdio no campo visual como nas falas dos apresentadores. Compondo os elementos da hipermídia, estão presentes textos na tela, imagens como fotos, animações sobre o programa e vídeos como os jogos de futebol vinculados em modo de divisão de telas, além da própria transmissão em si. Sons como as trilhas de fundo e os efeitos diversos dinamizam a programação. A interatividade é estimulada por meio da participação do ouvinte nas mídias *YouTube* por meio do *chat* e o *WhatsApp* no envio de textos e, principalmente áudios no qual o âncora dispõe ao vivo e interage com respostas. Os elementos da linguagem radiofônica contribuem na programação, ainda que a música não esteja como recurso em sua totalidade, pois, não há momento ou espaço de programação musical nas 01:06:28 de tempo do programa. O recurso é utilizado como suporte/complemento dentre algumas palavras destaques na conversação dos apresentadores. Novamente, no início e no final do programa, na transmissão audiovisual, nota-se a presença do silêncio, contudo, para o início, as tarjas verdes na tela informando o começo do programa em instantes, contribui como recurso visual de ânimo ao espectador que apenas observa a estrutura do estúdio. Relacionando as possibilidades das hipermediações, novamente a tela por si é meio de suporte digital ao permitir a geração do programa de rádio, o conteúdo, além da presença no dial da emissora, é disponibilizado ao vivo no canal do *YouTube* configurando-se em muitos-para-muitos, a comunicação é dinâmica e interage com os espectadores pelo chat do canal e a mídia social *WhatsApp*, a interface, na questão tela do *YouTube*, novamente só é interativa pela logo da emissora que permite a inscrição do usuário ao canal da rádio, porém, no conjunto ofertado pelo *YouTube*, apresenta-se o chat permitindo interatividade do público com os participantes do programa. Quanto a convergência de linguagens, da mesma forma, os elementos da linguagem audiovisual, da hipermídia e da linguagem radiofônica se misturam no mesmo ambiente e, o fato de haver a possibilidade de escolha em ouvir o programa pelo *dial* ou pela *live* em *real time*, torna o consumo do conteúdo assíncrono.

REVISTA ACADÊMICA DA Faculdade Canção Nova

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

Danielson de Oliveira Freire
Mestre pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Docente da Faculdade Canção Nova nos Cursos de Comunicação Social, Rádio e Televisão, e Jornalismo.

Tabela 04: Rádio Metropolitana, Programa do Chupim. Conceitos e características.

Conceitos	Características/elementos contutivos	Características/elementos constitutivos constitutivos na Emissora
Linguagem Audiovisual	Vontade prévia do emissor; estímulo ao receptor; mensagem assemelhando-se ao natural; articulação de outras linguagens com base na percepção humana.	Vontade prévia do emissor; estímulo ao receptor.
Hipermídia	Textos; imagens (fotos, animações, vídeos); gráficos; sons e ruídos; interatividade; links; hipertextos; multimídia. Conexão fluida e assíncrona entre todos elementos.	Imagens (vídeos); sons e ruídos; interatividade; multimídia.
Linguagem radiofônica	Palavra ou a voz (a fala); a música; os efeitos sonoros; silêncio.	Palavra ou a voz (a fala); a música; os efeitos sonoros; silêncio.
Teoria das hipermediações	Suportes digitais; distribuição muitos-para-muitos; comunicação interativa e multimídia; interface como meio de interatividade; metaprodutos combinando linguagens e mídias baseada na hipertextualidade, multimídia e interatividade; convergência de linguagens e mídias num único ambiente; integração de todas as telas; consumo do conteúdo assíncrono; usuário criador e distribuidor do próprio conteúdo; poder: conflitos e acordos modificando os relacionamentos nas redes.	Suportes digitais; distribuição muitos-para-muitos; interface como meio de interatividade; convergência de linguagens (...) num único ambiente.

Fonte: autoria própria.

No tocante ao programa do Chupim da Metropolitana, averígua-se a vontade prévia do emissor na utilização do recurso audiovisual na própria transmissão em si. Contudo, o fato da emissora divulgar apenas o conteúdo das entrevistas, sublinha tal quesito como de valor, podendo diminuir o restante do programa. Já o receptor é estimulado pela fala do âncora do programa no ato de convite à participação e pela audição e/ou visualização quanto às pessoas entrevistadas do dia. Das características hipermidiáticas, a imagem é dada na própria transmissão do programa, os sons e ruídos estão presentes nas conversações de todos presentes no estúdio, a interatividade, além da própria interação entre o locutor, entrevistas e demais participantes, ocorre pelos ouvintes que são postos

REVISTA ACADÊMICA DA Faculdade Canção Nova

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

Danielson de Oliveira Freire
Mestre pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Docente da Faculdade Canção Nova nos Cursos de Comunicação Social, Rádio e Televisão, e Jornalismo.

ao vivo no canal de telefone e, a multimídia é presente por esta união audiovisual, mídias sociais e interação dos ouvintes. Da linguagem radiofônica verificam-se quase todos os elementos com exceção da música, porém, pelo fato de a entrevista ser com uma dupla sertaneja, dá para intuir que músicas ao vivo ou mesmo em mídias da dupla tenha sido veiculada ao longo do programa. Finalizando com os dados da teoria das hipermediações, a tela como suporte para a transmissão do programa é caracterizada como suporte digital e, uma vez sendo o programa divulgado no canal do *YouTube* além do *dial*, torna-o como distribuição muitos-para-muitos. A tela como interface novamente esbarra apenas no logo do programa ao permitir inscrição no canal da emissora e, desta vez, não havendo interação por meio do *chat* do canal. Fora isso, não há exploração de nenhum outro recurso na tela durante o período do programa pesquisado. É possível verificar recursos das linguagens audiovisual, hipermidiática e radiofônica no mesmo ambiente indicando o elemento convergência de linguagens apenas.

Constata-se neste recorte de pesquisa que, a exploração de outros recursos, possíveis de soma e aplicação na estrutura da programação radiofônica, não é realizada. Nas emissoras, umas mais outras menos, diversos são os elementos dos conceitos abordados que não se encontram aplicados. Textos, hipertextos, *links*, fotos dentre outras possibilidades que poderiam compor as estratégias das emissoras na usabilidade das telas, não são presentes.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antes de desenvolver quaisquer palavras numa consideração final, cabe esclarecer que, as palavras aqui não expressarão uma finalização em si, mas, apenas apontarão uma visão singular sobre o objeto da pesquisa e as prováveis possibilidades de continuação às investigações, visando contribuição no processo de amadurecimento das emissoras do país.

Os resultados obtidos no presente estudo não demonstram necessariamente o panorama geral de todas emissoras de São Paulo e do Brasil, mas, tão somente algumas características presentes que, podem ou não se assimilarem às realidades de tantas outras.

Da mesma forma, tais resultados não devem ser apontados como uma problemática ou até mesmo uma catástrofe radiofônica, tampouco, os apontamentos que se farão no intuito de favorecer maior eficácia da comunicação do veículo no universo hipermidiático presente, não necessariamente são a 'salvação da pátria radialística', mas apenas contribuições desejosas de voos cada vez mais altos do rádio brasileiro.

Está claro que, aproveitando eficazmente de toda tecnologia que o contexto social e mercadológico vem apresentando, o veículo rádio pode expandir território e crescer em seu processo comunicacional. Contudo, de qual rádio se fala? Estamos assistindo o rádio? Um novo rádio? Perguntas que permeiam o cotidiano de muitos pesquisadores. Há quem indique que, se o som não estiver presente, se houver imagens e a transmissão não for em *real time*, não é rádio (MEDITSCH, 1999). Por outro lado, há quem entenda que o rádio comum ou hertziano na atualidade participa de "uma teia mais complexa de circulação de conteúdos, que busca criar camadas narrativas complementares

REVISTA ACADÊMICA DA Faculdade Canção Nova

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

Danielson de Oliveira Freire
Mestre pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Docente da Faculdade Canção Nova nos Cursos de Comunicação Social, Rádio e Televisão, e Jornalismo.

e interconectadas, que dialogam com o perfil de consumo de mídia do ouvinte-internauta". (LOPEZ; FREIRE, 2018, p. 7).

Nesta investigação, abordando conceitos e pesquisando um mínimo de três emissoras em seus canais no *YouTube*, averiguou-se a sonoridade – elemento chave da existência radiofônica – com forte presença e dinâmica, um atributo que, no mínimo, bons locutores precisam dominar para fazer um bom rádio. Para além da sonoridade, percebeu-se também a tentativa das emissoras em explorar as possibilidades de transmissão, abrangência e criação que o audiovisual permite. Ainda que esse processo tenha demonstrado certa limitação ou o não aproveitamento do todo da ferramenta por parte das emissoras. Recursos como textos, hipertextos, *links* e imagens inseridas nas telas, direcionando a outros caminhos como *blogs*, publicações em outras plataformas etc., não foram bem ou mesmo exploradas.

De qualquer forma, não se pode negar os efeitos tecnológicos e suas capacidades de alavancar o potencial comunicativo do rádio, mesmo que o veículo ainda tenha muito a manipular, colocando a 'mão na massa', para absorver e aplicar em suas veredas. O rádio hipermidiático é uma realidade palpável/presente, porém, parecendo-se ainda em processo de experimentação, adequamento dos empregos corretos de toda tecnologia disponível. Se as emissoras investirem nesse trilho, a possível tendência é de crescimento em outras esferas mais.

Um potencial de aplicabilidade no rádio pode ser encontrado no *storytelling transmídia*, ou seja, "a arte de contar histórias por diversas mídias" (MASSAROLO, 2013, p. 337), contribuindo diretamente no processo de expansão comunicacional do veículo em diferentes plataformas. Esse modelo de comunicação, embora traga complexidade em suas formas de criação, não deixa de ser uma possível via, proporcionando a criação de histórias, temas, universos expandidos em cada plataforma, de forma que, a soma do todo de uma produção ou lauda, possa trazer maior interatividade com o ouvinte/usuário e, consequentemente, fidelização do mesmo devido ao valor de conteúdo disponibilizado.

Para exemplificar esse modelo de comunicação, após definição do tema de um determinado programa a ser produzido e a construção da lauda, é interessante pensar nos tópicos mais importantes da lauda que possam ter suas principais ideias suprimidas no texto e construídas em pequenas produções divulgadas nas plataformas midiáticas da emissora, de forma a complementar a lauda principal durante o programa. Esse processo no storytelling transmídia é conhecido como lacunas ou espaços cuja função é servir de ganchos para a narração fornecendo pistas aos ouvintes/usuários no qual, ao serem visualizados e interpretados, além do envolvimento com o enredo, valorizam a temática principal do programa. No caso, deve-se pensar nas plataformas e/ou canais de mídias que a emissora está presente como o *YouTube*, *Facebook*, *Instagram*, *WhatsApp* etc. e tantos outros possíveis e, alinhar cada tópico e sua pequena história a ser publicada à plataforma possível. Assim, é possível explorar no dial da emissora, o sonoro como principal foco radiofônico e, por exemplo, no canal do *Facebook*, lançar um vídeo com alguma entrevista complementar cujo final direcione para a plataforma do Instagram com uma publicação como uma charada ou um caça-palavras que, cuja resposta deverá ser publicada pelo ouvinte/espectador em sua plataforma do *Twitter* marcando, por uma *hashtag*, a emissora, recebendo depois a resposta ao vivo no *dial* e, as palavra/frases publicadas reconduzam o participante à acessar o *YouTube* da emissora no qual na tela, por meio de textos, hipertextos e

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

Danielson de Oliveira Freire
Mestre pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Docente da Faculdade Canção Nova nos Cursos de Comunicação Social, Rádio e Televisão, e Jornalismo.

links por um clique, se direcionará para um *blog* específico ou um canal de *podcast* para que, no final do áudio do arquivo haja mensagem que o usuário deverá responder por mensagem no canal do *WhatsApp* da emissora que o colocará no ar e, no final do programa será contemplado com algum tipo de premiação. As possibilidades de criação utilizando das diversas plataformas atuais na tentativa de entreter e envolver o ouvinte/internauta, gerando interatividade e fidelização, são muitas.

Olhar para a dinâmica de criação e aplicabilidade por meio dos produtores de rádio nesse conectar da emissora e ouvinte/usuário, pode ser um bom contributo. Além de poder embutir em toda essa trama, os devidos comerciais necessários para o captar financeiro que o veículo necessita para sobreviver. O rádio é comunicador por excelência, é exímio contador de histórias e perito em mexer com o imaginário das pessoas, seus ouvintes. Enxerga-se a tela como uma possibilidade de extensão da linguagem radiofônica, porém, ao mesmo tempo, percebe-se a necessidade de um mergulho mais profundo do veículo rádio nas possibilidades que a tecnologia atual disponibiliza. Esse, inclusive, é o convite que se configura ao final deste estudo.

8. REFERÊNCIAS

BIANCO, Nélia R. Del. **As forças do passado moldam o futuro**. Revista da Sociedade Brasileira de Engenharia de Televisão e Telecomunicações, São Paulo, p. 12-18, 1 abr. 2006.

BIANCO, Nélia R. Del. **O Rádio Brasileiro na Era da Convergência**. São Paulo: INTERCOM, 2012.

BRANDÃO, Helena H. N. **Introdução à análise do discurso**. Campinas: Unicamp, 2007. CANCLINI, Nestor G. Culturas híbridas. Estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo, Edusp, 1997.

CAPISANI, Dulcimira. **Nas Ondas da Hipermídia**. In: BENTES, Ivana; ZAREMBA, Lilian (orgs). Constelações da radiofonia contemporânea (3). Rio de Janeiro: Publique/UFRJ, 1999.

CASTELLS, Manuel, 1942- **A Sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

CÉSAR, Cyro. **Como falar no rádio: prática de locução AM e FM**. São Paulo : Summus, 2009.

DICTIONARY OXFORD, **Dicionário escolar para estudantes brasileiros**. Oxford: Oxford University Press, 2009.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio : teoria e prática**. São Paulo: Summus, 2014. GOSCIOLA, Vicente. Roteiro para as novas mídias: do cinema às mídias interativas. São Paulo: SENAC São Paulo, 2003.

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

Danielson de Oliveira Freire
Mestre pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Docente da Faculdade Canção Nova nos Cursos de Comunicação Social, Rádio e Televisão, e Jornalismo.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

KISCHINHEVSKY, Macelo. **Rádio social – Uma proposta de categorização das modalidades radiofônicas**. In: BIANCO, Nélia R. Del. O Rádio Brasileiro na Era da Convergência. São Paulo: INTERCOM, 2012.

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas 2003.

LEÃO, Lucia. **O labirinto da hipermídia: Arquitetura e navegação no ciberespaço**. São Paulo: FAPESP/ Iluminuras, 1999.

LEMOS, André. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2013.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LIPOVETSKY, Gilles. **A tela global: mídias culturais e cinema na era hipermoderna**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

LOPEZ, Debora Cristina. **Radiojornalismo hipermidiático: tendências e perspectivas do jornalismo de rádio all news brasileiro em um contexto de convergência tecnológica**. Covilhã, Portugal: LabCom, 2010.

LOPEZ, Debora Cristina; FREIRE, Marcelo. **Métodos digitais aplicados às pesquisas de rádio expandido: desafios metodológicos**. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-1439-1.pdf>. Acesso em: 21 out. 2019.

LÓPEZ VIGIL, José Ignácio. **Manual urgente para radialistas apaixonados**. São Paulo: Paulinas, 2003.

MAGNONI, Antonio Francisco. **Projeções sobre o rádio digital brasileiro**. In: MAGNONI, Antonio Francisco. CARVALHO, Juliano Mauricio de. **O Novo Rádio, cenários da radiodifusão na era digital**. São Paulo: Editora SENAC, 2010.

MASSAROLO, João Carlos. **Storytelling Transmídia: Narrativa para multiplataformas**. In: **Dossiê o que é mídia afinal**. São Paulo: Tríade, 2013. P. 335-34.

MEDITSCH, Eduardo. O ensino do radiojornalismo em tempos de internet. Artigo apresentado no

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

Danielson de Oliveira Freire
Mestre pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Docente da Faculdade Canção Nova nos Cursos de Comunicação Social, Rádio e Televisão, e Jornalismo.

XXIV Congresso da INTERCOM – Sociedade de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Campo Grande/MS: 2001

METROPOLITANA, Rádio. Programa do Chupim. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9nx3AOjgbiA&list=PLb- Gdtzr5hYh3VEyTmdXdd_ckJJY_H5D2>. Acesso em: 21 abril 2024.

MIX FM, Rádio. Programa Agora o bicho vai pegar. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=l-kpQx0w76A&list=PLU4t7hmb5_lBqwhBwQD1oZ- rVQ2Z-k3u9&index=3>. Acesso em: 28 abril 2024.

NEGROPONTE, Nicholas. Vida Digital. Companhia das Letras, Brasil. 1995.

NUNES, Ana Cecília Bisso. et al. As linguagens radiofônicas em um cenário de múltiplas telas e mobilidade. In: BIANCO, Nélia R. Del. O Rádio Brasileiro na Era da Convergência. São Paulo: INTERCOM, 2012.

PATERNOSTRO, Vera Iris. O Texto na TV: Manual de Telejornalismo. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

PRATA, Nair. Webradio: novos gêneros, novas formas de interação. Florianópolis; Insular, 2012.
Radios.com.br, Site. Rádios.com.br. Disponível em: <https://www.radios.com.br/>. Acesso em: 04 mar. 2024.

RODRÍGUEZ, Ángel. A dimensão sonora da linguagem audiovisual. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2006.

SANTAELLA, Lucia. Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à Cibercultura. São Paulo: Paulus, 2003.

SANTAELLA, Lucia. Linguagens líquidas na era da mobilidade. São Paulo: Paulus, 2007

SCOLARI, C. A. Hipermediaciones: Elementos para una teoría de La Comunicación Digital Interactiva. Gedisa 2008.

TRANSAMÉRICA, Rádio. Programa Conectados. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=teqUZHDWFU4 >. Acesso em: 07 mar. 2024.

REVISTA ACADÊMICA DA Faculdade Canção Nova

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

ANÁLISE DA APLICABILIDADE DO MODELO MATEMÁTICO DA TEORIA GRAICUNAS NA AMPLITUDE DE CONTROLE ENTRE LÍDERES E LIDERADOS

André Alves Prado
Mestre em Educação pela Universidad Politécnica Salesiana Ecuador (UPS),
Especialista em Engenharia da Qualidade (EEL USP) e
Bacharel em Administração de Empresas (Uniesp S.A.).
Professor da Graduação e Pós-graduação da Faculdade Canção Nova.

RESUMO

Este artigo aborda conceitos voltados para as organizações que demandam de aprimoramento do desempenho organizacional. A liderança tem sido um assunto de suma relevância para o ambiente corporativo, pois, por meio deste, as empresas podem melhorar a produtividade dos colaboradores, atingir a lucratividade necessária para garantir a sobrevivência e alcançar os objetivos planejados no mercado. Para tanto, torna-se primordial apresentar como a delegação, a centralização e a descentralização podem ser vertentes significativas para o desenvolvimento empresarial. Atrelado a isto, a amplitude de controle deve ser considerada por referir-se à quantidade de colaboradores que um líder consegue gerenciar de modo eficiente e eficaz, sendo que, agregado a este quesito, sucede-se a análise para verificar se o modelo matemático da Teoria de Graicunas possui aplicabilidade no contexto organizacional. Posto isto, a metodologia empregada para desenvolvimento deste estudo foi pautada na pesquisa bibliográfica realizada em livros, revistas especializadas e repositórios em bases científicas confiáveis na internet. Após análise, verificou-se que os modelos de liderança utilizados nas organizações que almejam modernizar a gestão, devem evoluir e acompanhar as constantes transformações que ocorrem no mundo dos negócios. Gestores que souberem aplicar corretamente as concepções relativas à delegação, centralização e descentralização, podem obter vantagens estratégicas para alcançar o sucesso desejado pelas organizações. No que se refere à Teoria de Graicunas relacionada à amplitude de controle, esta pesquisa conclui que o modelo matemático apresentado não possui aplicabilidade prática para obtenção de um desempenho organizacional plausível e tangível.

Palavras-chave: Liderança; Amplitude de Controle; Teoria de Graicunas; Delegação; Centralização; Descentralização

ABSTRACT

This article addresses concepts aimed at organizations that require improvement in organizational performance. Leadership has been a subject of utmost relevance for the corporate environment, as, through this, companies can improve employee productivity, achieve the profitability necessary to guarantee survival and achieve the objectives planned in the market. To this end, it is essential to present how delegation, centralization and decentralization can be significant aspects for business development. Linked to this, the span of control must be considered as it refers to the number of employees that a leader can manage efficiently and effectively, and, added to this item, analysis is carried out to verify whether the mathematical model of the Graicunas theory has applicability in the organizational context. That said, the methodology used to develop this study was based on bibliographical research carried out in books, specialized magazines and repositories in reliable scientific bases on the internet. After analysis, it was found that the leadership models used in organizations that aim to modernize management must evolve and follow the constant transformations that occur in the business world. Managers who know how to correctly apply the concepts related to delegation, centralization and decentralization can obtain strategic advantages to achieve the success desired by organizations. With regard to Graicunas Theory related to span of control, this research concludes that the mathematical model presented does not have practical applicability for obtaining plausible and tangible organizational performance.

Keywords: Leadership; Span of Control; Graicunas Theory; Delegation; Centralization; Decentralization

REVISTA ACADÊMICA DA Faculdade Canção Nova

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

ANÁLISE DA APLICABILIDADE DO MODELO MATEMÁTICO DA TEORIA GRAICUNAS NA AMPLITUDE DE CONTROLE ENTRE LÍDERES E LIDERADOS

André Alves Prado
Mestre em Educação pela Universidad Politécnica Salesiana Ecuador (UPS),
Especialista em Engenharia da Qualidade (EEL USP) e
Bacharel em Administração de Empresas (Uniesp S.A.).
Professor da Graduação e Pós-graduação da Faculdade Canção Nova.

1. INTRODUÇÃO

Um desafio para as organizações tem sido encontrar e desenvolver líderes extremamente capacitados, portadores de habilidades e competências para extrair o melhor desempenho possível de seus liderados para uma maior produtividade e obtenção do sucesso empresarial. A Harvard Business Review (2020) aponta que os líderes mais eficientes possuem um ponto em comum, um elevado nível de Inteligência Emocional. Por este motivo, muitas organizações têm contratado especialistas para desenvolver este atributo em seus colaboradores tornando-os capazes de compreender suas motivações e valores, descobrir seus pontos fortes e fracos, aprendam a ter plena percepção de suas emoções, possuírem domínio de suas capacitações, além de desenvolverem autocontrole, confiança, imparcialidade, adaptabilidade e bons relacionamentos profissionais.

As corporações costumam recrutar e contratar boas lideranças por saberem que este fator está diretamente atrelado aos bons resultados a serem alcançados no mercado. Bons líderes são capazes de inspirar positivamente seus liderados, atuam com zelo profissional, arriscam-se para vencer desafios, sabem motivar colaboradores e possuem a capacidade de aprender com os próprios erros. Além disso, os melhores líderes são focados em atingir as metas e objetivos organizacionais, envolvem-se em tarefas complexas quando necessário e buscam tomar decisões de forma equilibrada. Os bons líderes não desejam ser os únicos vencedores, mas realizam um trabalho para que toda a equipe seja vencedora por saberem que se todos atingirem bons resultados, a empresa também se beneficiará com esta ação.

Os melhores profissionais de uma organização, isto inclui os colaboradores, possuem como características desejáveis: ter iniciativa, capacidade de trabalho em equipe, integridade, resiliência, envolvimento com as atividades laborais, dedicação, entre outras. Empregados que possuem habilidades e competências diferenciadas, acabam por se destacar perante aos que apresentam resultados medianos ou abaixo do esperado. Todavia, alguns colaboradores que não se encontram no mesmo patamar, acabam por se estimular e procuram melhorar o desempenho em função daqueles que adquirem maior notoriedade e produtividade, melhorando por consequência, o desempenho organizacional.

Empresas modernas para manterem-se com uma estrutura enxuta, por vezes promovem o *downsizing* (diminuição do tamanho da organização ou achatamento que elimina processos redundantes ou sem necessidade comprovada) ou a Reengenharia em busca de uma mudança radical nos processos visando à redução de custos para alcançar uma maior eficiência e eficácia nas atividades organizacionais. Realizar a redução dos níveis hierárquicos vai além de uma questão de minimização de custos, pois além de tornar a empresa mais ágil, atende melhor ao cliente que comumente deseja maior rapidez e também diminui os problemas de comunicação de um modo geral.

Organizações com muitos profissionais ocupando posições nos níveis hierárquicos tendem a se tornarem lentas e podem gerar o problema similar à tradicional brincadeira do “telefone sem fio” na qual geralmente a comunicação inicial chega ao seu destino final totalmente distorcida, similar aos

REVISTA ACADÊMICA DA Faculdade Canção Nova

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

ANÁLISE DA APLICABILIDADE DO MODELO MATEMÁTICO DA TEORIA GRAICUNAS NA AMPLITUDE DE CONTROLE ENTRE LÍDERES E LIDERADOS

André Alves Prado
Mestre em Educação pela Universidad Politécnica Salesiana Ecuador (UPS),
Especialista em Engenharia da Qualidade (EEL USP) e
Bacharel em Administração de Empresas (Uniesp S.A.).
Professor da Graduação e Pós-graduação da Faculdade Canção Nova.

resultados dinâmica do Cometa Halley disponível para buscas na Internet. Um exemplo de estruturas com muitos cargos ocupados em uma corporação faz-se presente na carreira militar, ou seja, muitas pessoas em ordem hierárquica ocupando posições de comando. Na administração pública também costuma ocorrer um excesso de chefes para um determinado número de subordinados. Por esse e outros motivos, torna-se relevante o constante desenvolvimento de estudos sobre a amplitude de controle e níveis hierárquicos.

Neste contexto será apresentado o modelo matemático proposto por meio da Teoria de Graicunas. De acordo com Bedeian (2017), Vytautas Andrius Graicunas nasceu em 17 de agosto de 1898 em Chicago, Illinois, tendo ingressado na Universidade de Chicago e se formado em Ciências Contábeis, servindo o Corpo Aéreo dos EUA (órgão antecessor estatutário da Força Aérea Americana), e, contribuído com a Força Aérea Lituana até sua dissolução pelos ocupantes soviéticos em 1940. De acordo com Abreu (1984), alguns atribuem a nacionalidade francesa a Graicunas por ter sido consultor administrativo em Paris, todavia era estadunidense descendente de Lituanos.

Esta pesquisa tem por objetivo e limita-se a analisar se a Teoria de Graicunas possui aplicabilidade prática nas organizações para relações entre líderes e liderados, apoiada nos seguintes objetivos específicos: (I) abarcar o papel das lideranças no contexto empresarial; (II) assimilar sobre as vantagens e desvantagens da centralização e descentralização; (III) apreender sobre o cerne que envolve a amplitude de controle.

Considerando que Graicunas foi autor de um ensaio para calcular número de relacionamentos ocorridos conforme a quantidade de subordinados de uma estrutura formal e informal nas organizações, criando o que denominaram de Teoria, Fórmula ou Equação de Graicunas, pode surgir a seguinte questionamento: O modelo matemático da Teoria de Graicunas possui aplicabilidade no que se refere à amplitude de controle entre líderes e liderados nas organizações?

Para tanto, a metodologia empregada para desenvolvimento deste estudo, será pautada na pesquisa bibliográfica com revisões em livros, revistas especializadas e repositórios em bases científicas confiáveis na internet. Para Andrade (2010), a pesquisa bibliográfica é primordial e relevante para área acadêmica. O autor ressalta que determinados tipos de pesquisa necessitam de pesquisa bibliográfica, fundamental para o desenvolvimento de estudos científicos nas citações, introdução, desenvolvimento do estudo e conclusões. Portanto, para o desenvolvimento de trabalhos acadêmicos, caberá aos pesquisadores a realização de pesquisas bibliográficas.

Para isto, nos próximos tópicos, questões pertinentes sobre lideranças e liderados (subordinados) presentes na estrutura formal e informal das organizações serão abordadas, bem como, a Delegação, Centralização e Descentralização. Também serão versados fundamentos de Amplitude de Controle e Níveis hierárquicos que embasarão este trabalho.

REVISTA ACADÊMICA DA Faculdade Canção Nova

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

André Alves Prado
Mestre em Educação pela Universidad Politécnica Salesiana Ecuador (UPS),
Especialista em Engenharia da Qualidade (EEL USP) e
Bacharel em Administração de Empresas (Uniesp S.A.).
Professor da Graduação e Pós-graduação da Faculdade Canção Nova.

2. DESENVOLVIMENTO

A liderança é um conceito complexo que envolve a capacidade de influenciar, motivar e capacitar outras pessoas para alcançar objetivos comuns. Líderes eficazes possuem um conjunto de habilidades e qualidades que os permitem guiar e inspirar suas equipes.

2.1 O papel da liderança na estrutura organizacional

De acordo com Gaboardi (2021), a liderança pode se fazer presente desde o início da existência humana. O ser humano pode ocupar dois papéis neste contexto, o de líder ou liderado. Assim sendo, a liderança pode ser conceituada como a capacidade de influenciar e liderar pessoas. Tal processo pode envolver os aspectos formais e informais. Existem determinados grupos de convivência nos quais algumas pessoas se destacam por meio de suas atitudes. Isto leva à percepção de que, em determinado momento, o ser humano pode ocupar a posição de líder, já em outras ocasiões, pode desempenhar a função de liderado. Contudo, o objetivo essencial da liderança é gerar resultados e estabelecer uma ponte entre as pessoas.

Conforme com Kotter (2017), as necessidades de mudanças nas empresas crescem frequentemente, visando sempre o desenvolvimento e inovação. Desta forma, muitas organizações perseguem fatores como: redução de custos, maximização da produtividade, melhor qualidade em seus produtos ou serviços com o intuito de se adaptarem às transformações necessárias. Porém, não é fácil acompanhar mudanças e muitas empresas na tentativa de implantar melhorias se deparam com situações decepcionantes, como perda de colaboradores e recursos diversos. Todavia, perdas podem ser evitadas caso os líderes estejam propensos a aprenderem com os erros cometidos.

Para Muniz et al. (2020), a liderança antifrágil (apoiada na antifragilidade, robustez e resiliência), é uma forma de viver o novo na qual as equipes de trabalho necessitam desenvolver urgentemente hipóteses de forma ágil, assumindo riscos, encorajando colaboradores, estimulando a ousadia, gerando empatia. Torna-se relevante conhecer e adequar os liderados, além de saber aproveitá-los da melhor maneira possível, estimulando os pensamentos para que os mesmos saiam da zona de conforto e desenvolvam o espírito inovador.

Gaboardi (2021) afirma que um líder possui a capacidade de influenciar toda a sua equipe, seja de maneira positiva ou negativa. Este fato determinará os resultados alcançados pelo grupo liderado. Posto isto, torna-se indispensável que o líder preserve o bom relacionamento com a equipe, procurando manter uma relação harmônica entre os componentes. A conduta de quem está ocupando uma posição de comando deve ser levada em conta e estar em conformidade com aquilo que a equipe deve realizar, enfim, os objetivos dos envolvidos devem estar alinhados. A liderança ocupa um papel muito importante em toda a estrutura organizacional, por este motivo, existe a necessidade de que os líderes sejam treinados com o intuito de que estes saibam conduzir a equipe de modo condizente, afinal, somente assim, será possível manter a produtividade, a qualidade, o desempenho, entre ostros

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

André Alves Prado
Mestre em Educação pela Universidad Politécnica Salesiana Ecuador (UPS),
Especialista em Engenharia da Qualidade (EEL USP) e
Bacharel em Administração de Empresas (Uniesp S.A.).
Professor da Graduação e Pós-graduação da Faculdade Canção Nova.

fatores relevantes.

Kotter (2017) menciona que qualquer mudança deve ser trabalhada com antecedência nos líderes e nos colaboradores em busca de alcançar os objetivos e evitar a estagnação. Alguns líderes, para assumir a chefia em grandes corporações, enfrentaram desafios ao lançar diversas iniciativas para impulsionar os negócios. Às vezes, os colaboradores podem carecer de bom senso e serem resistentes às mudanças, mesmo após lições intensas no decorrer da vida profissional. Existem diversos motivos pelos quais pessoas inteligentes falham ao criar urgência no início da transformação empresarial, entre estas pode-se citar: superestimar a capacidade de impulsionar mudanças, não atuar para minimizar a resistência dos funcionários que tendem a permanecer na zona de conforto. Sem compreender o senso de urgência, os empregados costumam não se empenhar o suficiente, e, além disto, acabam por resistir às iniciativas de transformação, comprometendo seriamente o progresso empresarial.

Prado (2022) ressalta que, em geral, as organizações apreciam ter como capital intelectual, profissionais habilidosos na produção de soluções para lidar com os diversos problemas que surgem, permanecendo capacitados a resolver os problemas de forma pragmática. Isto ajuda a compor o ativo intelectual, constituindo-se uma vantagem competitiva. Dentre as qualidades desejáveis aos bons profissionais, encontram-se os seguintes atributos: espírito de liderança, disciplina, proatividade, iniciativa, inteligência emocional, habilidades, competências, equilíbrio nas decisões, bom senso, capacidade de trabalhar em equipe, entre outras atribuições. Todavia, quando os gestores identificam funcionários de baixo profissionalismo, temendo serem lideranças negativas que possam contaminar os demais trabalhadores, acabam optando pela transferência ou até mesmo pela demissão dos mesmos. Entretanto, infelizmente ainda existem gestores que os mantêm lideranças negativas em suas funções acreditando que a rejeição dos subordinados pode ser em detrimento do ônus do cargo formal ocupado pelo péssimo líder.

Gaboardi (2021) ressalta com base em dados de pesquisas realizadas que, a motivação pela qual os funcionários pedem demissão, onde cerca de quarenta e quatro por cento (44%) se desligam das empresas em função do mau relacionamento com a chefia. Tal percentual é alarmante e pode causar impactos em toda a organização, afinal, departamentos como o setor de Recursos Humanos (RH), passam a atuar para solucionar as consequências da reposição de funcionários talentosos. Desta forma, quando uma empresa designa ou contrata alguém para exercer a função de líder de equipe, é relevante que este profissional não seja escolhido somente por características técnicas, mas por sua capacidade, personalidade, habilidades e competências, pela competência em manter toda a equipe engajada e motivada, afinal, com o incentivo de um bom líder, será possível produzir resultados promissores para toda a organização.

Kotter (2017) enfatiza a relevância de uma coalizão forte. Para que isto ocorra, recomenda-se incluir no processo de transformação: o presidente da organização, gerentes gerais e líderes de departamento. O intuito desta inserção será impulsionar para que mudanças bem-sucedidas ocorram nas empresas, pois, sem essa coalizão, algumas corporações poderão retornar ao estágio inicial e acabarem prejudicadas por resistência interna e forças contrárias. Mesmo competentes, profissionais isolados geralmente não

REVISTA ACADÊMICA DA Faculdade Canção Nova

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

André Alves Prado
Mestre em Educação pela Universidad Politécnica Salesiana Ecuador (UPS),
Especialista em Engenharia da Qualidade (EEL USP) e
Bacharel em Administração de Empresas (Uniesp S.A.).
Professor da Graduação e Pós-graduação da Faculdade Canção Nova.

conseguem vencer o corporativismo e a inércia organizacional. A falta de envolvimento e ausência de compreensão dos membros de uma equipe podem resultar em uma abordagem burocrática e gestão ineficaz. Esse tipo de falha ressalta o quão importante é aplicar uma coalizão forte que não subestime as dificuldades envolvidas para a geração de mudanças organizacionais. Mesmo em empresas com baixa complacência, subestimar a necessidade de uma liderança forte pode levar a resultados pífios.

Muniz et al. (2020) aponta que com o passar do tempo, surgiu a emergência da evolução no mundo dos negócios, tornando-se primordial que as empresas aceitem as mudanças e saibam lidar com os processos que alteram o contexto organizacional. Para isto, as organizações necessitam interpretar da melhor forma o que se adequa e adaptar-se às inovações de maneira rápida no que tange às estratégias empresariais com o intuito de acompanhar o progresso no cenário mundial.

Segundo Gaboardi (2021), a liderança lida diretamente com o fator humano e isto costuma ser um grande desafio. Liderados inseridos em ambientes distintos, costumam ser impactados de diferentes formas. Na época contemporânea é possível encontrar pessoas mais imediatistas e proativas, o que explica diversas mudanças ocorridas no modelo de liderança. O líder deve procurar estar presente em todos os momentos, principalmente nas ocasiões de adversidades, em que, decisões assertivas, podem mudar toda uma situação para melhor. Assim sendo, o líder deve desenvolver uma forte relação de parceria com a sua equipe, pois, somente atuando em conjunto, será possível alcançar bons resultados.

Para Charan, Drotter e Noel (2018), existem seis eventos no pipeline de liderança (forma de canalizar ou conduzir a gestão) altamente relevantes para a carreira de um líder endo como contrapartida as seguintes finalidades: gestão do tempo, familiarização com as habilidade e valores profissionais. As seis passagens da liderança são apresentadas no Quadro 1:

Quadro 1 – Passagens da Liderança

1ª Passagem	De gerenciar a si mesmo e gerenciar os outros: Ocorre quando o colaborador produz bons resultados de forma individualizada, demonstrando capacidade de contribuir com a equipe e responsabilidades delegadas
2ª Passagem	De gerenciar outros a gerenciar gestores: Mesmo tendo como princípio uma boa gestão empresarial, raríssimas organizações executam esta passagem, pois os gestores são capacitados a desenvolver profissionais a se tornarem líderes
3ª Passagem	De gerenciar gestores a gestor funcional: Esta etapa possui vários desafios, pois exige uma hábil comunicação do profissional, sendo de vital necessidade. Nesta transição, o líder necessita pensar e agir como líder funcional e os gestores precisam adotar uma visão a longo prazo abrangente da organização

REVISTA ACADÊMICA DA Faculdade Canção Nova

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

André Alves Prado
Mestre em Educação pela Universidad Politécnica Salesiana Ecuador (UPS),
Especialista em Engenharia da Qualidade (EEL USP) e
Bacharel em Administração de Empresas (Uniesp S.A.).
Professor da Graduação e Pós-graduação da Faculdade Canção Nova.

4ª Passagem	De gestor funcional a gestor de negócios: Considerada a etapa mais desafiante de um gestor, sendo de primordial relevância para as corporações, pois nesta transição o líder tem de devolver a visão de lucratividade para obtenção do sucesso empresarial
5ª Passagem	De gestor de negócios a gestor de grupo: Nesta passagem o gestor de negócios foca no sucesso e valorização do negócio, enquanto o gestor de grupo preza pela valorização dos negócios alheios. Em outras palavras, esta etapa visa o desenvolvimento de estratégias de alocação da equipe unificada à conservação de capital e a obtenção de receitas
6ª Passagem	De gestor de grupo a gestor corporativo: Esta transição está mais focada em valores do que nas habilidades, necessitando desenvolver a autoimagem dos líderes corporativos para que se tornem visionários capazes de desenvolver estratégias ao longo do tempo, criando instrumentos para melhorar constantemente o desempenho organizacional

Fonte: Adaptado de Charan, Drotter e Noel (2018).

Kotter (2017) orienta que ignorar o poder da visão infelizmente é muito comum em processos de mudança empresarial. Mesmo que exista a emergência de uma equipe administrativa competente, uma visão focada é primordial para o alinhamento e direcionamento, além do fato de que uma boa liderança é capaz de inspirar ações de um número considerável de pessoas. Com uma visão turva no mundo dos negócios, os esforços de mudança podem se perder em uma sequência de projetos confusos e inalcançáveis, resultando em um desperdício de tempo e energia. Em diversas transformações fracassadas, uma série de planos e programas tentam realizar o papel da visão, porém acabam resultando em alienação e confusão entre os colaboradores. É fundamental que a visão seja nítida, cristalina e inteligível, além de ser capaz de inspirar e de ser comunicada de forma coerente e transparente, gerando compreensão e adesão imediata por parte da equipe.

Muniz et al. (2020) salienta que com o advento das novas tecnologias, o mercado teve de se aprimorar para garantir a sobrevivência. Percebeu-se que quando utilizada de forma correta, as tecnologias afetam positivamente o mundo dos negócios, porém se utilizadas de modo incorreto, estas podem afetar negativamente as corporações. O mundo está conectado propiciando agilidade, sendo que anteriormente as rotinas eram mais morosas e atravancadas. Atualmente, diversos processos ocorrem de maneira rápida e automática, permitindo às pessoas conhecerem produtos e serviços de forma remota. Com tais mudanças, as empresas necessitam se aprimorar para tomadas de decisões mais coesas, sendo que com esse processo de transformação constante, os líderes precisam estar

REVISTA ACADÊMICA DA Faculdade Canção Nova

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

André Alves Prado
Mestre em Educação pela Universidad Politécnica Salesiana Ecuador (UPS),
Especialista em Engenharia da Qualidade (EEL USP) e
Bacharel em Administração de Empresas (Uniesp S.A.).
Professor da Graduação e Pós-graduação da Faculdade Canção Nova.

preparados para acompanharem e se adaptarem às contínuas transições.

Gaboardi (2021) alega que determinadas pessoas podem se destacar por terem atributos naturais que rementem à liderança. Entretanto, há diversas controvérsias quando se aborda esta temática, entre estas a alegação de que a liderança somente pode ser um dom inerente em alguns indivíduos desde o nascimento. De fato, certas características facilitam este processo, porém torna-se necessário trabalhar para desenvolver determinadas habilidades. Todavia, todos os seres humanos possuem a capacidade de serem líderes. Isto é perceptível porque as pessoas costumam adotar comportamentos de liderança para solucionar diferentes problemas no dia a dia. Cabe frisar que ser líder deve ser uma escolha, não apenas uma decisão de mudança de cargo, pois, somente desta forma será possível desempenhar com eficiência e eficácia esta nobre função, contribuindo para que exista um alinhamento com a equipe objetivando alcançar os resultados esperados.

Para Prado (2022), qualquer organização que se preze deve ser capaz de mapear talentos e mantê-los motivados no desenvolvimento de suas funções, afinal, profissionais deste nível acabam fazendo com que outros evoluam por visarem à obtenção de resultados similares. Aqueles que desejam se tornar profissionais notáveis devem sempre se aprimorar e constantemente se envolver na solução de problemas, apontando e sugerindo caminhos que beneficiem positivamente a empresa empregadora e promova o verdadeiro crescimento organizacional.

Kotter (2017) comenta que compartilhar a visão de forma eficiente é primordial para a obtenção do sucesso de uma grande transformação organizacional. Sem uma comunicação objetiva e transparente, os colaboradores podem não entender os reais benefícios da mudança ou tampouco acreditar que a mudança seja possível. Existem três padrões comuns de comunicação ineficaz: (I) comunicação apenas do alto escalão; (II) pouca comunicação; (III) inconsistência entre a comunicação verbalizada e as ações praticadas. Um executivo deve reconhecer quando falha nesse aspecto e observar que a comunicação eficaz não envolve apenas palavras, mas ações que sirvam de exemplo. Inconsistências entre a comunicação verbal e as ações podem desestabilizar a confiança no processo de transformação e prejudicar o sucesso da mudança planejada.

Gaboardi (2021) alerta que quando se pensa em estilos de liderança, deve-se ter cuidado para não rotular pessoas, não se influenciar por estereótipos e tampouco adotar uma conduta de estigma social, afinal, certos preconceitos podem gerar uma posição de bloqueio, impedindo essenciais e futuras transformações. Portanto, existem diferentes tipos de lideranças, sendo evidenciado que cada pessoa não possui apenas um único estilo em detrimento de vivenciar situações distintas no cotidiano. Ao abordar a postura de liderança no ambiente organizacional, deve-se levar em consideração que o ambiente incorpora a cultura da empresa. Porém, determinadas características pessoais predominantes na personalidade dos indivíduos, costuma interferir no estilo de liderança, todavia, torna-se indispensável a realização de uma análise criteriosa que avalie todo o contexto.

Muniz et al. (2020) partilha da ideia de que na história da humanidade já ocorreram diversas transformações no decorrer do tempo, porém, na atualidade, as mudanças ocorrem cada vez mais rápidas, requerendo novas habilidades no ambiente laboral, principalmente no que diz respeito às

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

André Alves Prado
Mestre em Educação pela Universidad Politécnica Salesiana Ecuador (UPS),
Especialista em Engenharia da Qualidade (EEL USP) e
Bacharel em Administração de Empresas (Uniesp S.A.).
Professor da Graduação e Pós-graduação da Faculdade Canção Nova.

lideranças. Devido à agilidade, a empresas devem estar sempre atualizadas e estarem atentas às exigências do mercado. Esta atualização carrega consigo a necessidade de mudanças no ambiente empresarial, exigindo novos modos de pensar e agir, que devem ser utilizados por todo o ambiente corporativo.

Kotter (2017) expõe que implantar uma grande transformação envolve a participação de várias pessoas, no entanto, por diversas vezes as mudanças desejadas falham devido aos obstáculos que bloqueiam o caminho dos colaboradores, tornando-os impotentes frente ao cenário que enfrentam. Tais obstáculos podem ser reais, como a própria estrutura organizacional, sistemas existentes ou até mesmo alguns superiores hierárquicos que resistem ao processo de transformação. Infelizmente existem executivos que fingem apoiar as mudanças, entretanto não mudam de comportamento e tampouco incentivavam os seus gerentes a mudarem. Este ato pode levar à perda de confiança dos empregados na direção da empresa e acabar por resultar no fracasso da mudança desejada. Lamentavelmente, evitar enfrentar obstáculos enfraquece os colaboradores e prejudica o processo de transformação.

Gaboardi (2021) frisa que a liderança formal se trata de um estilo de liderança focada na hierarquia na qual a figura principal é conhecida como “chefe” e este costuma dar ordens indicando quem deve acatar e executar as suas determinações. Entretanto, o conceito de chefia foi preponderante no período entre os anos de 1970 a 1980. Este modelo não deveria ser tão utilizado na administração contemporânea, afinal não está alinhado principalmente com os colaboradores mais jovens que desejam uma gestão mais moderna.

Muniz et al. (2020) ressalta que a cultura organizacional é o aglomerado dos valores compartilhados por todos os colaboradores, constituindo-se a personalidade da empresa. Um grande desafio organizacional é possuir uma cultura forte e única para que outras culturas não se desenvolvam dentro do ambiente empresarial. A cultura é compreendida como visíveis e invisíveis, sendo os elementos visíveis as tarefas e atividades laborais desenvolvidas na organização, já os componentes invisíveis são os sentimentos dos liderados, tão relevantes como os elementos visíveis.

Kotter (2017) aponta que transformações consideráveis costumam demorar a ocorrer e quando não se estipula metas de curto prazo, os projetos perdem o engajamento dos colaboradores. As vitórias obtidas mantêm a motivação por demonstrar progresso tangível. Por isso, torna-se crucial que os gestores persigam ativamente essas vitórias, estabelecendo metas atingíveis e recompensando os envolvidos que possuírem méritos. Sem essas atitudes, projetos de mudanças podem fracassar. Cabe ressaltar que celebrar conquistas é algo importante, porém, declarar a vitória antes do tempo pode ser bastante prejudicial. Desta forma, até que as mudanças estejam profundamente enraizadas na cultura organizacional, ainda há possibilidade de regressão. Diversos projetos de reengenharia falharam porque as melhorias foram comemoradas prematuramente e os consultores dispensados antes que os novos métodos viessem a se consolidar. Isso propicia em perdas ao longo do tempo e este fato tem sido constatado em várias empresas nas quais as mudanças desapareceram logo após da saída dos talentos em promover as transformações.

REVISTA ACADÊMICA DA Faculdade Canção Nova

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

ANÁLISE DA APLICABILIDADE DO MODELO MATEMÁTICO DA TEORIA GRAICUNAS NA AMPLITUDE DE CONTROLE ENTRE LÍDERES E LIDERADOS

André Alves Prado
Mestre em Educação pela Universidad Politécnica Salesiana Ecuador (UPS),
Especialista em Engenharia da Qualidade (EEL USP) e
Bacharel em Administração de Empresas (Uniesp S.A.).
Professor da Graduação e Pós-graduação da Faculdade Canção Nova.

Gaboardi (2021), no que tange à liderança informal, valoriza a figura do líder com uma característica marcante sem a adoção de uma série de normas rígidas, não seguindo o formato convencional como está presente no modelo de liderança formal. A liderança informal ocorre de forma natural tendo como ponto de partida as relações e influências interpessoais entre os participantes de uma equipe, sendo que neste estilo de liderança, escuta-se mais os envolvidos, propiciando com que as decisões sejam tomadas em conjunto. Embora este modelo de liderança seja mais moderno, o mesmo deve seguir unido em paralelo com a sociedade e objetivos determinados pela cultura organizacional. O líder, quando possuidor de bons atributos, deve ser capaz de inspirar, orientar e nortear, além de extrair o potencial de cada membro para um melhor desempenho do trabalho em equipe.

Kofman (2018), em uma dinâmica apresentada, induziu líderes de uma empresa à reflexão de que qualquer trabalho não deve ser individual, e sim coletivo com o objetivo único de ajudar a empresa vencer. Sabe-se que no meio corporativo, por diversas vezes, os objetivos pessoais tornam-se prioritários, enquanto os objetivos coletivos sofrem sabotagens e são até mesmo esquecidos. Em uma empresa moderna, o colaborador não recebe salário apenas para trabalhar, mas sim para desempenhar o papel profissional que é oferecer sugestões para a empresa ser vencedora obtendo lucratividade de forma ética e transparente.

Kotter (2017) salienta que as mudanças somente se sustentam quando se tornam parte da cultura empresarial. É fundamental mostrar como os novos comportamentos aprimoraram o desempenho e também garantir que a próxima geração de líderes incorpore os novos métodos. Falhas em promover os colaboradores errados podem desestruturar anos de trabalho, como pode-se comprovar em casos relatados de empresas nas quais mudanças positivas desapareceram após sucessões inadequadas. Inclusive, alguns erros podem conduzir a graves consequências, como implantação inapropriada de novas estratégias, reengenharia lenta e onerosa, aquisições ineficazes, controle ineficiente de custos após processo de demissões para minimização de gastos e resultados insatisfatórios em programas de qualidade. Estes erros podem ser evitados com o uso de habilidades adequadas, sendo primordial detectar a resistência às mudanças e liderar o processo de transformação de maneira eficaz.

Prado (2022) frisa que existem muitas qualidades relevantes que podem ser atribuídas aos profissionais em busca da excelência, sendo que não há como enumerar todas, mas cabe elencar algumas. Bons profissionais perseguem a melhoria contínua e o desenvolvimento em diversos segmentos, são detentores de espírito de liderança, buscam coesão do grupo, apaziguam conflitos ao invés de ficar gerando-os. Além disso, estimulam a harmonia e o trabalho em equipe, comentam positivamente sobre os colaboradores motivando-os e demonstrando apreço pelos bons resultados alcançados, desenvolvem boa oratória para uma comunicação eficiente, tornam-se bons ouvintes para não tomarem ações precipitadas, estabelecendo um canal aberto de acesso aos envolvidos.

Para Gaboardi (2021), o líder coach (treinador) surgiu com a evolução dos estilos de liderança. Este modelo está voltado principalmente ao desenvolvimento do colaborador e envolve características como: autoconhecimento, melhorias constantes, foco, planejamento e ação. Quem possui este estilo de liderança costuma focar no desenvolvimento pessoal e costuma perseguir o objetivo empresarial

REVISTA ACADÊMICA DA Faculdade Canção Nova

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

André Alves Prado
Mestre em Educação pela Universidad Politécnica Salesiana Ecuador (UPS),
Especialista em Engenharia da Qualidade (EEL USP) e
Bacharel em Administração de Empresas (Uniesp S.A.).
Professor da Graduação e Pós-graduação da Faculdade Canção Nova.

a ser atingido. O apoio fornecido por este líder, faz com que os envolvidos reflitam e concordem que este processo, de certo modo, é responsável pelo crescimento do indivíduo e auxilia os colaboradores na busca de um caminho e respostas às suas necessidades. Em outras palavras, o principal papel deste tipo de líder é contribuir com crescimento pessoal e profissional dos membros da equipe, além de buscar melhorias contínuas.

Kotter (2017) menciona que o processo de transformação organizacional deve visar o empoderamento dos colaboradores com a finalidade de alcançar conquistas em curto prazo, maximizar vantagens e implantar mudanças significativas na cultura corporativa. Para que isto ocorra, torna-se essencial envolver os funcionários desde o início e garantir uma visão inteligível e compartilhada para evitar resistências às mudanças. O autor ainda enfatiza que o gerenciamento é responsável por manter um sistema complexo de pessoas e tecnologias funcionando de modo satisfatório, englobando organização, planejamento, orçamento, recrutamento controle e soluções de problemas. Já a liderança, por outro lado, cria ou adapta organizações para modificar circunstâncias de forma considerável, projetando objetivos para definir o futuro, alinhando as equipes com essa visão e inspirando a busca de superação apesar dos obstáculos. Transformações bem-sucedidas necessitam de liderança, com o gerenciamento integrando parte deste quesito. Entretanto, várias organizações carecem de liderança e ainda identificam erroneamente a mudança gerencial qualificando-a como um problema. Infelizmente ainda existem empresas em funcionamento possuidoras de uma cultura organizacional que desencoraja o desenvolvimento das habilidades de liderança.

Para Kofman (2018) o líder deve ser inspirado e inspirador, sendo que a liderança é uma forma pela qual o líder deve se comprometer com os liderados no cumprimento da missão sintonizada com os valores da equipe. Por sua vez, os liderados não podem ser geridos com base em prêmios e punições, pois os colabores devem agir de modo que se derem o melhor de si e assim a empresa poderá melhorar as vidas de seus profissionais. O autor ainda afirma que muitas empresas se tornam perdedoras pela dificuldade de alinhar os interesses pessoais de alguns liderados, por considerar que incentivos por individualidade geram isolamento, enquanto incentivos por cooperação podem premiar desinteressados que não trouxeram contribuições valiosas para a empresa e à equipe.

Gaboardi (2021) aponta que o estilo de liderança humanizada, se diferencia dos modelos que possuem chefes rígidos, principalmente no que se refere às exigências de atingimentos de metas. Neste modelo, os lideres consideram o bem-estar dos colaboradores por acreditar que somente será possível alcançar um bom resultado se todos os envolvidos estiverem bem. Embora este estilo de liderança mantenha foco nos resultados, sabe-se que cuidar dos fatores humanos torna-se primordial no ambiente laboral, e, muitas vezes, estes cuidados são responsáveis por fatores relevantes em uma empresa, a exemplo do aumento de produtividade.

Segundo Kotter (2017) a ausência de liderança e o predomínio da burocracia interna atrapalham os esforços de transformação nas empresas. Gerentes arrogantes costumam subestimar ameaças e oportunidades, enquanto uma cultura conservadora reprime a mudança. A combinação desses fatores acaba por propiciar erros e dificulta a criação de uma coalizão administrativa forte o

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

André Alves Prado
Mestre em Educação pela Universidad Politécnica Salesiana Ecuador (UPS),
Especialista em Engenharia da Qualidade (EEL USP) e
Bacharel em Administração de Empresas (Uniesp S.A.).
Professor da Graduação e Pós-graduação da Faculdade Canção Nova.

bastante para implantar mudanças consideráveis. A falta de comunicação, estruturas obsoletas e o treinamento inadequado, impedem a implantação efetiva de poderosas estratégias, resultando em aquisições onerosas, equipes sem sinergia, ações ineficazes e projetos de reengenharia demorados com raríssimos benefícios.

Kofman (2018) frisa que a grande missão do líder é fazer com que os liderados realmente compreendam que não há como vencer sem que a equipe vença. Desta forma, a liderança inspiradora não pode ser compreendida por meio da autoridade formal, e sim através da autoridade moral atrelada aos propósitos e caminhos a serem seguidos no qual o sucesso individual é uma trajetória errônea. Para a obtenção do sucesso, torna-se preponderante a busca de significado e autotranscedência, não de forma individualista, mas de forma coletiva com todos os colaboradores que desempenham o trabalho no contexto.

Gaboardi (2021) alega que no modelo de liderança situacional não existe um padrão fixo, pois este estilo permite ao líder agir de acordo com cada situação, observando obviamente, que as suas ações devem estar em conformidade com a cultura da empresa. Desta forma, a liderança situacional apresenta-se bastante flexível, além de permitir ao líder a adequação de seu comportamento de acordo com cada situação, sem a necessidade de utilizar qualquer padrão formal.

Conforme Kotter (2017), os colaboradores de grandes empresas por diversas vezes enfrentam lideranças arrogantes e burocráticas, tornando difícil implantar mudanças consideráveis. Lideranças são vitais para destruir as fontes de inércia e motivar ações necessárias para que as transformações necessárias ocorram. Embora a gerência seja importante, a liderança para a mudança sempre será o maior desafio. Portanto, a liderança eficaz geralmente se inicia com apenas uma ou duas pessoas e depois se expande ao longo do tempo, envolvendo diversas pessoas em diferentes esferas de atividades.

Kofman (2018) revela que uma nova forma de liderança é o líder transcendente que tem por objetivo produzir propósito na vida de seus liderados. Tal tipo de líder convida os colaboradores para que mudem o foco, muitas vezes, exclusivamente material para aspectos éticos e morais. Para isto, o líder aponta que se o foco for trabalhar apenas pela obtenção dos bens materiais, que uma grande rivalidade e escassez será gerada. Em contrapartida, se o foco for os bens morais e éticos, o resultado propiciará uma maior coesão. Este fato permitirá aos líderes discernirem sobre quais são os liderados movidos por dinheiro (mercenários) e os movidos por uma missão (missionários).

Para Magald e Neto (2018), o mundo corporativo atravessa grandes mudanças em diversos setores, com variados modelos empresariais e de negócios. O paradigma clássico e tradicional torna-se obsoletos e ultrapassados perante as inovações, rupturas e transformações propiciadas pelas novas tecnologias. A Era denominada de Quarta Revolução Industrial é a mais transformadora até então por realizar a integração entre o universo digital, físico e biológico no mesmo ambiente. Considerando tais mudanças e transformações, é imprescindível a necessidade de mudanças no modelo de gestão, seja no que se refere aos líderes, seja em relação aos paradigmas corporativos e instrumentos de educação.

REVISTA ACADÊMICA DA Faculdade Canção Nova

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

ANÁLISE DA APLICABILIDADE DO MODELO MATEMÁTICO DA TEORIA GRAICUNAS NA AMPLITUDE DE CONTROLE ENTRE LÍDERES E LIDERADOS

André Alves Prado
Mestre em Educação pela Universidad Politécnica Salesiana Ecuador (UPS),
Especialista em Engenharia da Qualidade (EEL USP) e
Bacharel em Administração de Empresas (Uniesp S.A.).
Professor da Graduação e Pós-graduação da Faculdade Canção Nova.

Gaboardi (2021) salienta que a liderança produtiva se refere a um líder que mantém a produtividade ao mesmo tempo em que consegue gerenciar e auxiliar a equipe na busca por bons resultados. Posto isto, o foco deste estilo de líder está no aumento do desempenho e maximização da produtividade sem deixar de lado os fatores humanos. Cabe ressaltar que o objetivo primordial deste modelo se relaciona com o processo produtivo com intuito de que o mesmo ocorra de forma inteligente, estabelecendo relações de parcerias, visando gerar resultados significativos, sem gastar muita energia, afinal, o ambiente e a equipe deverão ser preparados para alcançar os objetivos.

Kotter (2017) ressalta que gerar uma mudança significativa em uma organização é algo extremamente difícil. O primeiro passo é o estabelecimento do senso de urgência de transformação na empresa, necessário para conseguir a cooperação, empenho e engajamento do maior número de funcionários. Em uma corporação, pelo menos vinte por cento dos funcionários precisa superar suas atribuições normais para realizar uma transformação considerável. A falta de urgência ou a complacência, acaba por impedir que as mudanças necessárias ocorram. Mesmo em organizações que enfrentam problemas, lastimavelmente não há um senso de emergência perceptível. Em alguns estabelecimentos, funcionários até chegam a reconhecer as dificuldades a serem superadas no ambiente organizacional, mas posteriormente apresentam justificativas e depois transferem a culpa para outros setores. Para piorar este cenário, em alguns locais são adotadas reuniões gerenciais lentas e improdutivas, com pouca energia e foco em questões internas insignificantes.

Prado (2022) afirma que o verdadeiro líder procura conquistar o respeito de seus liderados ao envolver-se nas tarefas, servindo e auxiliando para que as atividades da organização fluam da melhor maneira, acolhendo cada subordinado com dignidade e respeito ao invés de tratá-los com estupidez ou arrogância. O bom líder influencia pela integridade e pelo exemplo correto, motivando e inspirando os profissionais sob sua alçada a extraírem o que possuem de melhor, comprometendo-se efetivamente com as atividades laborais dos colaboradores. As melhores lideranças se preocupam com os problemas que envolvem os membros de sua equipe, procurando ajudá-los sempre que necessário, sabendo que é preciso ter foco para alcançar os objetivos e metas organizacionais junto aos colaboradores.

Kotter (2017) frisa que várias organizações falham ao desconsiderar a velocidade de transformação do mercado e as mudanças tecnológicas. Em ambientes mais lentos e menos competitivos, líderes solitários costumam tentar implantar mudanças graduais. Entretanto, em mercados ágeis, essa abordagem é antiquada. A tomada de decisões necessita ser rápida e eficaz, algo que somente equipes bem integradas e confiáveis conseguem oferecer. Equipes bem desenvolvidas têm por hábito na maior parte das vezes, processar rapidamente um elevado número de informações e garantir o comprometimento com as decisões. Em contrapartida, existem gerentes que evitam formar equipes competentes por questões de promoção individual e conservadorismo histórico proveniente de estruturas hierárquicas ultrapassadas. Ignorar a necessidade de formar equipes eficientes em esforços de transformação resulta em falhas consideráveis. O ambiente corporativo moderno interage com ambientes de alta demanda de mudanças, sendo que esse processo deve ser conduzido por uma

REVISTA ACADÊMICA DA Faculdade Canção Nova

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

André Alves Prado
Mestre em Educação pela Universidad Politécnica Salesiana Ecuador (UPS),
Especialista em Engenharia da Qualidade (EEL USP) e
Bacharel em Administração de Empresas (Uniesp S.A.).
Professor da Graduação e Pós-graduação da Faculdade Canção Nova.

coalizão poderosa e atuação de uma equipe talentosa e habilidosa.

Em suma, a liderança é essencial em todos os aspectos da vida, desde pequenas equipes de trabalho até para as grandes nações. Desenvolver habilidades de liderança pode resultar em equipes mais eficazes, organizações mais fortes e sociedades mais coesas. Na sequência, serão abordados em tópicos questões sobre a delegação, centralização e descentralização, apresentando conceitos, diferenças, obstáculos, condicionantes, vantagens e desvantagens da aplicação destes conceitos no exercício da gestão corporativa.

2.2 Delegação, Centralização e Descentralização

Comenta-se nas organizações sobre delegação, centralização e descentralização, contudo, poucos compreendem que cada empresa tem suas peculiaridades na gestão, e, como quase tudo que se aplica ao meio empresarial, sempre existem vantagens e desvantagens.

2.2.1 Delegação

De acordo com Oliveira (2013), delegar é a transferência de autonomia de um líder para um liderado com um vínculo de responsabilidade na execução da atividade que foi atribuída. Entretanto, muitos chefes na atualidade acreditam que delegar é o ato de transferir problemas a serem resolvidos pelos seus subordinados. Este é um grande equívoco, pois uma vez que uma tarefa é delegada, esta tem de ser supervisionada por aquele que atribuiu à tarefa até que o colaborador esteja executando a contendo, podendo assim já receber outra tarefa delega para ser supervisionada até que a cumpra corretamente.

O Quadro 2 apontará alguns obstáculos seguidos dos pontos de vistas da empresa, chefia e subordinado:

REVISTA ACADÊMICA DA Faculdade Canção Nova

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

André Alves Prado
Mestre em Educação pela Universidad Politécnica Salesiana Ecuador (UPS),
Especialista em Engenharia da Qualidade (EEL USP) e
Bacharel em Administração de Empresas (Uniesp S.A.).
Professor da Graduação e Pós-graduação da Faculdade Canção Nova.

Quadro 2 – Obstáculos para delegação

Do ponto de vista da empresa	Do ponto de vista do chefe	Do ponto de vista do subordinado
1. Filosofia de atuação estabelecida pela alta administração 2. Nível de controle 3. Barreiras legais	1. Medo de perder poder 2. Medo de perder o lugar (cargo) 3. Falta de tempo para treinar os subordinados 4. Falta de subordinados capacitados e habilitados 5. Autovalorização 6. Desconfiança da capacidade e habilidade dos subordinados 7. Gosta de fazer o trabalho do subordinado 8. Falta de habilidade de dirigir e coordenar 9. Dificuldade para identificar tarefas que não exigem atenção direta 10. Mania de perfeição (julga que faz qualquer tarefa melhor do que o subordinado) 11. Inabilidade para encorajar colaboração 12. entre subordinados 13. Ausência de controles, o que torna os chefes cautelosos quanto à delegação	1. Medo de assumir responsabilidades por: • medo de críticas pelos erros; e • falta de confiança própria 2. Não se julga capacitado por: • falta de conhecimento e • falta de informações necessárias e de recursos. 3. Não tem tempo disponível para as novas tarefas 4. Preguiça, julgando que é mais fácil perguntar ao chefe do que decidir por si 5. Possibilidade de não ser reconhecido 6. Incentivos inadequados 7. Falta de informações ou recursos necessários

Fonte: Adaptado de Oliveira (2013, p. **195).**

2.2.2 Centralização

Para Oliveira (2013), a centralização pode ser definida com uma considerável concentração de poder na alta cúpula da administração de uma organização. Quando se leva em consideração de centralização, torna-se prudente observar que o estilo da organização pode sofre influências:

- nas situações internas existentes na empresa;
- nos fatores ambientais empresariais;
- nas ações dos executivos e preferências dos ocupantes do topo da administração;

A centralização geralmente ocasiona-se nas seguintes situações:

- na intenção de desejar obter um nível mais amplo na integração das tarefas organizacionais;
- quando se pretende obter ações e decisões mais uniformes;
- para gerir como maior desempenho as urgências;
- em ocasiões em que o executivo não deseja interferência de terceiros;
- em ocorrências nas quais a estrutura empresarial não possibilite a descentralização;

REVISTA ACADÊMICA DA Faculdade Canção Nova

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

André Alves Prado
Mestre em Educação pela Universidad Politécnica Salesiana Ecuador (UPS),
Especialista em Engenharia da Qualidade (EEL USP) e
Bacharel em Administração de Empresas (Uniesp S.A.).
Professor da Graduação e Pós-graduação da Faculdade Canção Nova.

- para elevar o patamar de controle das ações empresariais.

As vantagens preponderantes da centralização podem ser sintetizadas da seguinte maneira:
- minimização da quantidade de níveis hierárquicos;
- utilização melhorada dos recursos financeiros, humanos, materiais e de maquinários da organização;
- maior viabilidade de entrosamento nos processos de controle, planejamento e avaliações;
- melhor uniformização em relação aos processos técnico-administrativos;
- necessidade de maior rapidez nas tomadas de decisões estratégicas;
- ensejo de que exista maior segurança nas com a finalidade de evitar vazamento de informações relevantes.

As desvantagens predominantes da centralização podem ser resumidas da seguinte forma:
- morosidade no processo de tomada de decisão;
- necessidade de maior tempo para decisões;
- geralmente apresenta custos mais elevado;
- potencialidade do cometimento de erros e distorções dos fatos;
- dependência elevada de alguns departamentos empresarias.

2.2.3 Descentralização

Oliveira (2013) informa que a descentralização é representada por uma concentração menor de poder decisório na alta gestão empresarial, sendo que tal poder permanece distribuído nos vários níveis hierárquicos. A descentralização geralmente ocasiona-se nas seguintes situações:

- quantidade de trabalho na alta administração é volumoso e complexo;
- ocorre lentidão no processo de tomada de decisão;
- ao necessitar dar maior destaque às relações entre mercado e produto;
- para o encorajamento do desempenho dos gerentes e executivos do nível tático e operacional;
- para proporcionar uma participação mais ampla, gerando engajamento e motivação;
- aumentar o grau de confiabilidade entre líderes e liderados;
- verificar a capacitação dos liderados em lidar com suas atribuições;
- observar o patamar do treinamento e preparo do líder;
- mecanismo de atuação das unidades empresariais apoiadas pelos assessores.

As vantagens preponderantes da descentralização podem ser sintetizadas da seguinte maneira:
- possibilitação de geração de uma melhor especialização nas diversas unidades empresariais;
- necessidade de um tempo menor para receber as informações e tomar decisões;

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

André Alves Prado
Mestre em Educação pela Universidad Politécnica Salesiana Ecuador (UPS),
Especialista em Engenharia da Qualidade (EEL USP) e
Bacharel em Administração de Empresas (Uniesp S.A.).
Professor da Graduação e Pós-graduação da Faculdade Canção Nova.

● probabilidade de criação de um efeito competitivo que pode resultar na maximização da produtividade;
● maior facilitação na designação de metas e objetivos para os colaboradores e unidades empresariais;
● probabilidade de gerar um maior desempenho dos profissionais nos parâmetros administrativo rede tomada de decisão;
● probabilidade de maior comprometimento e motivação;
● probabilidade de maior envolvimento dos profissionais da empresa;
● probabilidade de rapidez no atendimento das necessidades empresariais e suas unidades;
● melhora o desempenho dos envolvidos nos processos organizacionais;
● a tomada de decisão acontece proximamente dos fatos ocorridos;
● minimização dos conflitos entre os diversos níveis hierárquicos da organização;
● possibilidade de um número maior de inovações.

As desvantagens predominantes da descentralização podem ser resumidas da seguinte forma:
● falta de habilidades dos colaboradores em observar as alterações do panorama ou de operações complexas, gerando tomadas de decisões sem visão da conjuntura;
● sistemas sem adequação no que se refere ao desenvolvimento dos liderados;
● probabilidade de consequências negativas no fator motivação;
● necessidade emergente de coordenação e controle;
● ameaça de esforços duplicados na execução de certas tarefas;
● impedimentos na padronização e normalização;
● falta de eficiência no uso de recursos financeiros, humanos, materiais e de maquinários da organização;
● certa dificuldade para coordenar atividades relativas ao elevado nível de interdependência.

O Quadro 3 apresenta as condicionantes da estrutura organizacional e os fatores que favorecem a descentralização:

Quadro 3 – Condicionantes da estrutura organizacional e fatores de descentralização

Condicionante da Estrutura	**Situação que favorece a descentralização**
OBJETIVOS, ESTRATÉGIAS E POLÍTICAS	- Clareza dos objetivos - Aceitação dos objetivos - Facilidade de medir resultados - Facilidade de estabelecer as ações para alcance dos resultados

REVISTA ACADÊMICA DA Faculdade Canção Nova

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

André Alves Prado
Mestre em Educação pela Universidad Politécnica Salesiana Ecuador (UPS),
Especialista em Engenharia da Qualidade (EEL USP) e
Bacharel em Administração de Empresas (Uniesp S.A.).
Professor da Graduação e Pós-graduação da Faculdade Canção Nova.

NATUREZA DAS ATIVIDADES E DA TECNOLOGIA	- Maior diversificação das atividades - Menor interdependência das atividades
AMBIENTAL EMPRESARIAL (OU EXTERNO)	- Menor flutuação da demanda - Maior volume da demanda de serviços - Maior turbulência - Maior dispersão geográfica - Maior dificuldade de comunicação
FATOR HUMANO	- Maior capacidade técnica - Maior capacidade de coordenação - Maior grau de informalidade na estrutura - Melhor clima organizacional

Fonte: Oliveira (2013, p. 205).

De maneira sintetizada, cabe ressaltar que existem distinções entre delegação e descentralização conforme demonstradas no Quadro 4:

Quadro 4 – Diferenças entre delegação e descentralização

Delegação	Descentralização
I. Ligada à pessoa	I. Ligada ao cargo
II. Atinge um nível hierárquico	II. Geralmente, atinge vários níveis hierárquicos
III. Caráter mais informal	III. Caráter mais formal
IV. Mais pessoal	IV. Menos pessoal
V. Menos estável ao longo do tempo	V. Mais estável ao longo do tempo

Fonte: Adaptado de Oliveira (2013, p. 203).

Na sequência será apresentada a análise de dados da Equação de Graicunas com a formulação, relações possíveis e projeção gráfica.

2.3 Análise de Dados da Equação de Graicunas

Para Oliveira (2013), a amplitude de controle pode ser qualificada por: amplitude de supervisão ou amplitude administrativa, relacionando-se ao número de liderados (subordinados) que um líder consegue supervisionar efetivamente. Entretanto, existem situações extremas para um líder, como é o exemplo do Papa que atende cerca de 1.200 indivíduos prestadores de contas além de aproximadamente de 750 bispos. Outro exemplo é o reitor da Universidade de São Paulo que tem de atender uma elevada amplitude de controle. Uma solução para casos extremos remete ao exército de Genghis Khan, em que os grupos de 10 indivíduos eram chefiados por um líder, enquanto cada

REVISTA ACADÊMICA DA Faculdade Canção Nova

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

André Alves Prado
Mestre em Educação pela Universidad Politécnica Salesiana Ecuador (UPS),
Especialista em Engenharia da Qualidade (EEL USP) e
Bacharel em Administração de Empresas (Uniesp S.A.).
Professor da Graduação e Pós-graduação da Faculdade Canção Nova.

agrupamento de 10 líderes era chefiado por outro tipo de líder, e cada grupo destes 10 eram chefiados por outro líder, e assim consecutivamente.
Graicunas (1975, p. 183) citado por Oliveira (2013, p. 216), criou o modelo matemático conforme a Figura 1, onde: "o número de relações potenciais entre o chefe e seus subordinados pode ser calculado pela fórmula":

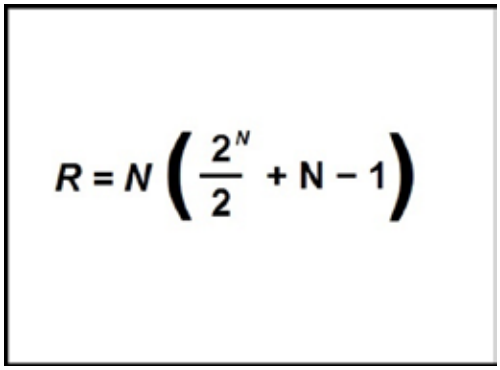


Figura 1 – Equação de Graicunas
Fonte: Oliveira (2013, p. 216).

A Figura 1 apresenta o modelo matemático proposto por Graicunas, em que R representa o número de relações e N o número de subordinados atribuídos para a equipe a ser comandada por um líder.

Quadro 5 – Relações possíveis pela fórmula de Graicunas

Número de Subordinados (N)	Número de Relações (R)
1	1
2	6
3	18
4	44
5	100
6	222
7	490

REVISTA ACADÊMICA DA Faculdade Canção Nova

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

André Alves Prado
Mestre em Educação pela Universidad Politécnica Salesiana Ecuador (UPS),
Especialista em Engenharia da Qualidade (EEL USP) e
Bacharel em Administração de Empresas (Uniesp S.A.).
Professor da Graduação e Pós-graduação da Faculdade Canção Nova.

8	1.080
9	2.376
10	5.210
11	11.374
12	24.708
13	53.404
14	114.870
15	245.970
16	524.528
17	1.114.384
18	2.359.602

Fonte: Adaptado de Oliveira (2013, p. 216).

O Quadro 5 demonstra os resultados da relação entre R e N ao ser efetuado o cálculo da fórmula. Percebe-se que o número de relações R cresce em progressão geométrica à medida que o número de subordinados N aumenta em progressão aritmética. Segundo Oliveira (2013), o cálculo acima considera que os líderes podem encarregar-se de três condições de relações: (I) Singular Direta – decorre entre o líder e cada um dos liderados de modo individual; (II) Grupal Direta – acontece entre o líder e cada substituição possível dos liderados, e (III) Cruzada – transcorre no momento em que existem interação entre os liderados.

REVISTA ACADÊMICA DA Faculdade Canção Nova

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

André Alves Prado
Mestre em Educação pela Universidad Politécnica Salesiana Ecuador (UPS),
Especialista em Engenharia da Qualidade (EEL USP) e
Bacharel em Administração de Empresas (Uniesp S.A.).
Professor da Graduação e Pós-graduação da Faculdade Canção Nova.

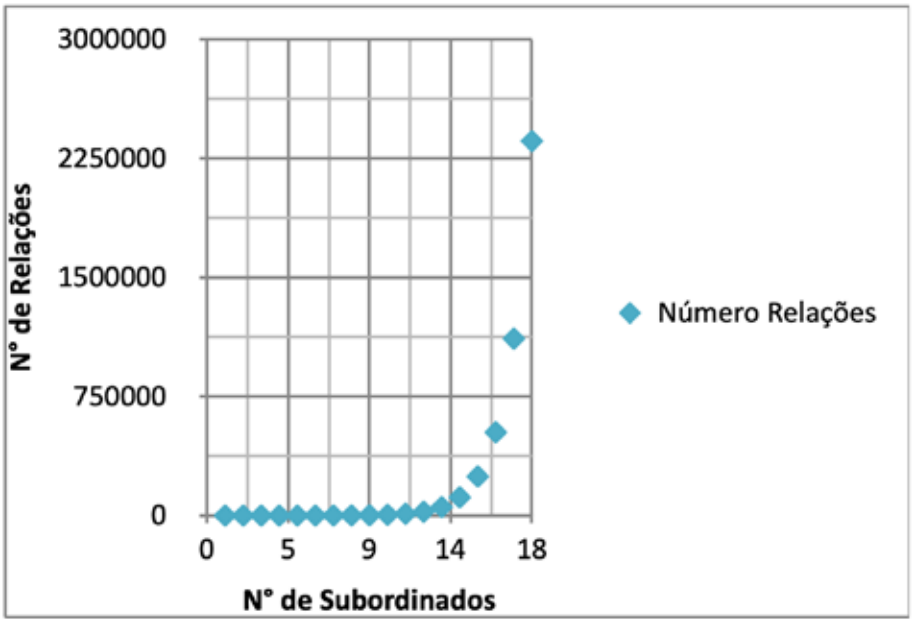


Figura 2 – Projeção gráfica do modelo matemático de Graicunas
Fonte: Elaborado pelo Autor (2024).

Pode-se perceber na Figura 2, que, se os relacionamentos entre R (número de relações) e N (número de subordinados) oriundos do Quadro 5 forem projetados graficamente, o resultado poderá ser observado por meio de uma curva exponencial.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No que tange à liderança, trata-se de um assunto inesgotável que sempre poderá ser explorado por novas perspectivas. Os líderes atuais devem se atualizar constantemente para acompanhar as frenéticas mudanças impostas pelo ambiente empresarial. Cabe ressaltar que liderança não é apenas inspirar e influenciar, pois existem líderes que inspiram e influenciam para a execução do bem e outros para a prática do mal, dependendo do uso da consciência que cada qual detém. Por exemplo, para parte da humanidade Cristo foi um líder que conduziu os seus seguidores para a prática do bem e Hitler foi um líder que conduziu seus liderados para a prática do mal. Em outras palavras, embora ambos fossem líderes, um consagrou-se por salvar vidas e outro utilizou a influência que teve para dizimar vidas. Segundo o entendimento de uma parcela considerável dos seres humanos, Cristo foi um modelo de liderança positiva e Hitler um exemplo de liderança negativa.

Pode-se considerar que muitas podem ser as características de um bom líder, entre estas: desempenhar uma influência positiva, ter elevado nível de inteligência emocional, ser um bom

REVISTA ACADÊMICA DA Faculdade Canção Nova

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

André Alves Prado
Mestre em Educação pela Universidad Politécnica Salesiana Ecuador (UPS),
Especialista em Engenharia da Qualidade (EEL USP) e
Bacharel em Administração de Empresas (Uniesp S.A.).
Professor da Graduação e Pós-graduação da Faculdade Canção Nova.

estrategista, conseguir realizar uma boa gestão do tempo, ser equilibrado nas ações, possuir conhecimento para treinar seus liderados, saber conduzir reuniões de forma objetiva, praticar o que fala, agir com ética e inspirar para a prática do bem geral dos envolvidos. Uma organização para agir eticamente, necessita ter líderes que saibam agir corretamente. Prado, Faria e Nunes (2011) certificam que organizações influenciadas pelos *stakeholders* (partes interessadas), são estimuladas a adotar ações socialmente responsáveis apoiadas em princípios éticos.

Referente à delegação, alguns líderes não obtêm sucesso na atribuição de tarefas aos seus liderados por não supervisionarem suas ações até que tenham capacidade de desenvolver suas incumbências até que novas atividades possam ser delegadas. Cabe ressaltar que alguns chefes são incompetentes ao delegar, porque acham que este ato é simplesmente mandar um subordinado fazer algo, quando na verdade torna-se imprescindível treinar, acompanhar os processos e envolver-se com os afazeres.

Para Dimitriadis e Psychogios (2021), a neurociência aplicada nos líderes pode contribuir positivamente na liderança de pessoas e contribuir para a obtenção do sucesso das empresas por meio do aperfeiçoamento, domínio do cérebro e transformação do comportamento. Segundo os autores, o cérebro humano é adaptável e este quesito pode ajudar no aprimoramento do pensamento, na compreensão e no uso das emoções, para controle de reações automáticas visando a melhorar as habilidades relacionais. A ciência por trás técnica neste contexto pode ser aplicada ao mundo dos negócios, demonstrando que um líder pode se aprimorar por meio de um aprendizado mais moderno que considere os estudos científicos sobre o cérebro humano, utilizando-se de instrumentos, ações evidenciadas e dicas de gestão.

Naquilo que compete à centralização e descentralização, apresentadas devidamente suas vantagens e desvantagens neste estudo, torna-se relevante citar que muitos executivos que se denominam descentralizadores, são na realidade verdadeiros centralizadores. Existem organizações

Naquilo que compete à centralização e descentralização, apresentadas devidamente suas vantagens e desvantagens neste estudo, torna-se relevante citar que muitos executivos que se denominam descentralizadores, são na realidade verdadeiros centralizadores. Existem organizações que decidem descentralizar para ganhar rapidez em suas ações, porém alguns gestores acabam por centralizar a tomada de decisão tornando-a morosa, engessando os processos empresariais de modo que a agilidade desejada fica muito abaixo da obtida. Em suma, pode-se considerar que saber o que deve ser centralizado ou descentralizado, tornou-se uma ciência na qual raríssimos líderes sabem executar em nível de excelência.

Cury (2005) afirma que os processos empresariais devem ser encarados de uma forma não convencional, orgânica, sistêmica, ou seja, de uma maneira mais ampla por meio de uma nova dimensão com apoio de premissas independentes, como: (I) uma visão holística que evidencie os panoramas dos fatores que integram uma organização complexa, entre estes o corporativo, a metodologia de trabalho e os processos empresariais; (II) uma análise aprofundada do enfoque comportamental levando-se em consideração que a transformação organizacional depende das mudanças do comportamento

REVISTA ACADÊMICA DA Faculdade Canção Nova

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

ANÁLISE DA APLICABILIDADE DO MODELO MATEMÁTICO DA TEORIA GRAICUNAS NA AMPLITUDE DE CONTROLE ENTRE LÍDERES E LIDERADOS

André Alves Prado
Mestre em Educação pela Universidad Politécnica Salesiana Ecuador (UPS),
Especialista em Engenharia da Qualidade (EEL USP) e
Bacharel em Administração de Empresas (Uniesp S.A.).
Professor da Graduação e Pós-graduação da Faculdade Canção Nova.

humano; (III) o reconhecimento de que problemas distintos necessitam de soluções diferenciadas principalmente quando a situação seja eventual, imprevisível e fuja do controle.

No que se refere à Teoria de Graicunas, não existe nenhuma intenção em desabonar ou provocar algum demérito à fórmula criada em seu ensaio realizado no século passado, afinal podem existir defensores que garantam que o modelo matemático relacionado às relações possíveis entre líderes e liderados possa conceder uma bem-sucedida mensuração da amplitude de controle em estruturas organizacionais, além de representar um passo rumo à busca de uma possível melhoria na eficiência e eficácia empresarial.

Em relação a indagação apresentada sobre o fato do modelo matemático da Teoria de Graicunas possuir aplicabilidade, no que se refere à amplitude de controle entre líderes e liderados, pode-se considerar que o modelo matemático de Graicunas, embora tenha sido uma tentativa de encontrar uma solução para a amplitude de controle nas relações possíveis entre chefias e subordinados, não apresenta consistência plausível, e, neste caso específico, refletem percepções obtusas que remetem ao pensamento cartesiano, ou seja, trata-se de uma proposta exclusivamente sistemática e metódica pautada em características excessivamente racionais.

Atribuir números precisos e determinantes de relações entre chefes e subordinados, desconsidera uma série de fatores como aptidão e atributos de cada colaborador. Em contrapartida, não se pode deixar de considerar que os avanços da Tecnologia de Informação contribuem com uma comunicação mais ampla entre líderes e liderados. Pereira e Prado (2009) apontam que a tecnologia tem sido revolucionária no ambiente corporativo, modificando inclusive a forma de relacionamento entre as organizações e seus clientes (internos e externos), sendo que tais progressos continuarão ocorrendo, bem como os avanços em infraestrutura tecnológica que proporcionam melhores operações. Todavia, no que se relaciona à Teoria de Graicunas, até mesmo as ferramentas tecnológicas não podem dimensionar um alcance em números específicos e exatos entre relações possíveis líderes e liderados.

Abreu (1984) salienta que os problemas oriundos da amplitude de controle podem ser considerados um dos assuntos mais enigmáticos da área da administração de empresas, tanto do ponto de vista teórico como prático. Considerando que, por um viés não é aceitável a formulação matemática de Graicunas, por outro lado, a identificação de diversas variáveis que devem ser consideradas, complica significativamente a representação de um modelo capacitado a orientar os pesquisadores no assunto ao se confrontarem com o problema na vida profissional.

Pela mesma ótica, assumir que um líder possui a mesma capacidade de desenvolver um número de relações exatas em relação a um outro líder, não aparenta ser uma ideia de aplicabilidade concreta e razoável, considerando que cada líder possui competências e habilidades distintas para gerenciar diferentes quantidades de subordinados. Em outras palavras, existirão líderes com capacidade superior de gerenciar uma quantidade maior de liderados em relação a outros líderes. Além disto, não se pode desconsiderar neste processo, fatores como a complexidade das tarefas, gestão do tempo na execução das atividades, formação e qualificação de cada líder, distinção dos problemas a serem

REVISTA ACADÊMICA DA Faculdade Canção Nova

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

André Alves Prado
Mestre em Educação pela Universidad Politécnica Salesiana Ecuador (UPS),
Especialista em Engenharia da Qualidade (EEL USP) e
Bacharel em Administração de Empresas (Uniesp S.A.).
Professor da Graduação e Pós-graduação da Faculdade Canção Nova.

resolvidos, entre outros fundamentos a serem considerados.

Hopej e Martan (2006) respaldam este mesmo ponto de vista ao afirmar que não se pode encontrar interações sociais completamente similares, gerentes com capacidades rigorosamente idênticas, tampouco perfis de subordinados ou situações organizacionais exatamente iguais. Portanto, a determinação do potencial amplitude de controle não pode ser o resultado de uma análise abstrata, mas deve resultar do estudo de diversos fatores interrelacionados, o que torna a ideia de Graicunas um exemplo de um erro com pouca legitimidade, pois as Interrelações devem ser especialmente avaliadas de uma forma diferente, além de ser pouquíssimo provável a suposição de que cada tentativa de exercer influência sobre alguém absorve a mesma quantidade de tempo.

No que se refere à amplitude de controle e níveis hierárquicos, o método utilizado pelo exército Genghis Khan pode ser um modelo útil a ser adotado para grandes organizações com quantidade significativa de funcionários, onde um líder informal pode ser designado para contribuir na comunicação com um grupo de funcionários com o intuito de auxiliar um líder formal, desafogando o gestor principal que receberia apenas algumas lideranças para tomar ciência dos fatos e posteriormente tomadas de decisões. A utilização de líderes informais pode ser motivadora para alguns colaboradores, além de buscar minimizar conflitos junto aos líderes formais, poderá reduzir os problemas de comunicação, trazer economia de recursos financeiros com o pagamento de salários dos cargos ocupados pelos profissionais de gerência, supervisão e direção.

Este estudo não esgota a possibilidade de que outras pesquisas venham a ser realizadas com a intenção de explorar ainda mais o assunto abordado, inclusive registra-se a sugestão para a realização da análise de outras possíveis proposições de Graicunas que possam ter gerado alguma contribuição que seja significativa ao meio organizacional ou até mesmo a elaboração de prováveis modelos que possam melhor atender ao complexo assunto relacionado à amplitude de controle e sua relação entre líderes e liderados.

Após análise, conclui-se que para determinar a amplitude de controle torna-se necessário uma abordagem diferente da encontrada no modelo matemático proposto por Graicunas disponibilizada na literatura. A amplitude de controle é um assunto que apresenta maior complexidade do que se imagina, variando em conformidade com cada estrutura organizacional, cuja aplicabilidade deve considerar o maior número de fatores possíveis, incluindo inclusive o comportamento dos colaboradores e suas reais necessidades.

REVISTA ACADÊMICA DA Faculdade Canção Nova

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

André Alves Prado
Mestre em Educação pela Universidad Politécnica Salesiana Ecuador (UPS),
Especialista em Engenharia da Qualidade (EEL USP) e
Bacharel em Administração de Empresas (Uniesp S.A.).
Professor da Graduação e Pós-graduação da Faculdade Canção Nova.

REFERÊNCIAS

ABREU, A. B. **Alcance de controle: 50 anos depois**. Revista Administração Pública. Rio de Janeiro, 18(2): 127-43, abr/jun 1984. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/rap/article/view/10607>. Acesso em: 17 jul. 2024.

ANDRADE, M. M. **Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação**. São Paulo, SP: Atlas, 2010.

BEDEIAN, A. G. **Vytautas Andrius Graicunas**: A Biographical Note, 2017. Academy of Management Journal, Vol. 17, N° 2. Disponível em: <https://journals.aom.org/doi/full/10.5465/254986>. Acesso em: 28 jul. 2024.

CHARAN, R.; DROTTER, S.; NOEL, J. **Pipeline de liderança**: O Desenvolvimento de Líderes como Diferencial Competitivo. Rio de Janeiro: Editora Sextante, 2018.

CURY, A. **Organização e métodos:** uma visão holística. 8ª edição. São Paulo: Atlas, 2005.

DIMITRIADIS, N; PSYCHOGIOS, A. **Neurociência para líderes**: como liderar pessoas e empresas para o sucesso. São Paulo: Universo dos Livros, 2021.

GABOARDI, A. **Liderança produtiva**: como montar e gerenciar equipes de alta performance sem deixar de lado o fator humano. São Paulo: Literare Books International, 2021.

GRAICUNAS, A. V. **Relationships in organization**. In: GULLICK, Luther; URWICK, Lyndall F. Papers on the science of administration. New York: Columbia University, 1975.

GROVE, A. S. **Gestão de Alta Performance**: Tudo o que um gestor precisa saber para gerenciar equipes e manter o foco em resultados. São Paulo: Editora Benvirá, 2020.

Harvard Business Review. **Desafios da liderança**: 10 leituras essenciais. Rio de Janeiro: Editora Sextante, 2020.

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

André Alves Prado
Mestre em Educação pela Universidad Politécnica Salesiana Ecuador (UPS),
Especialista em Engenharia da Qualidade (EEL USP) e
Bacharel em Administração de Empresas (Uniesp S.A.).
Professor da Graduação e Pós-graduação da Faculdade Canção Nova.

HOPEJ, M.; MARTAN, J. **The determination of span of control**. Badania operacyjne decyzje, N° 2, 2006. Disponível em: <https://ord.pwr.edu.pl/assets/papers_archive/55%20-%20published.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2024.

KOFMAN, F. **Liderança e propósito**: O novo líder e o real significado do sucesso. New York: HarperCollins, 2018.

KOTTER, J. P. **Liderando mudanças**: transformando empresas com a força das emoções. Rio de Janeiro: Alta Books, 2017.

MAGALD, S.; NETO, J. S. **Gestão do Amanhã**: Tudo o que você precisa saber sobre gestão, inovação e liderança para vencer na 4ª Revolução Industrial. São Paulo: Editora Gente; 10ª edição. 2018.

MUNIZ, A.; LEITÃO, A. L.; FERNANDES, A. BARCAUI, **A. Jornada Ágil de Liderança**. Rio de Janeiro: Editora Brasport, 2020.

OLIVEIRA, D. P. R. **Sistemas Organizações & Métodos**: Uma Abordagem Gerencial, 21ª Edição. São Paulo: Editora Atlas, 2013.

PEREIRA, A. P.; PRADO, A. A. **Comércio eletrônico**: vantagens competitivas para empresas no B2C (Empresa-para-Consumidor). Revista de Administração da Fatea, v. 2, n. 2, p. 999-999, jan./ dez., 2009. Disponível em: <https://www.academia.edu/38890625/Com%C3%83%C2%A9rcio_eletr%C3%83%C2%B4nico_vantagens_competitivas_para_empresas_no_B2C_Empresa_para_Consumidor_>. Acesso em: 29 jul. 2024.

PRADO, A. **Empreendedorismo**: Dicas & Desafios. Rio de Janeiro: Quártica Editora, 2022.

PRADO, A.; FARIA, A. C.; NUNES, M. S. **Responsabilidade Social Empresarial**: uma ferramenta estratégica e a visão do consumidor. Revista de Administração da Fatea, v. 4, n. 4, p. 57-68, jan./ dez., 2011. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/291827405_Responsabilidade_Social_Empresarial_uma_ferramenta_estrategica_e_a_visao_do_consumidor>. Acesso em: 05 ago. 2024.

REVISTA ACADÊMICA DA Faculdade Canção Nova

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

TEORIAS DE APRENDIZAGEM PARA A PRÁTICA DO ENSINO DE ENGENHARIA

Marcos Jolbert Cáceres Azambuja
Doutor em Ciências no Programa de Pós-Graduação em Engenharia Elétrica da Universidade de São Paulo – EPUSP

José Aquiles Baesso Grimomi
Doutor em Engenharia Elétrica pela Universidade de São Paulo – EPUSP

RESUMO

O estudo das teorias de aprendizagem tem se mostrado essencial para a educação, incluindo o campo da engenharia. Este artigo aborda a aplicação de diferentes teorias de aprendizagem no contexto de cursos de engenharia, com o objetivo de auxiliar professores a entender e melhorar suas práticas pedagógicas. As teorias abordadas incluem Behaviorismo, Cognitivismo, Humanismo e a aplicação de abordagens híbridas, cada uma oferecendo perspectivas distintas sobre como os estudantes adquirem conhecimento e desenvolvem habilidades. A escolha da teoria mais apropriada para uma disciplina específica é um desafio central que será explorado ao longo do artigo. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, caracterizada por um estudo de caso realizado na disciplina de "Energia, Meio Ambiente e Sustentabilidade" do curso de Engenharia Elétrica da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo. Durante três anos foram coletados e analisados dados para avaliar a eficácia das teorias de aprendizagem aplicadas. O artigo pretende fornecer ferramentas teóricas e práticas para que professores e pesquisadores possam identificar e implementar as teorias de aprendizagem de forma eficaz. Cada seção do artigo apresenta uma teoria específica, discute seus princípios e exemplifica sua aplicação em cenários reais de sala de aula. Os resultados deste estudo oferecem novas perspectivas para a pesquisa em educação em engenharia, destacando os desafios e oportunidades para a melhoria contínua das práticas pedagógicas nesse campo.

Palavras-chave: Teorias de aprendizagem; Estudo de caso; Aplicação híbrida; Educação em engenharia.

ABSTRACT

The study of learning theories has proven to be essential for education, including the field of engineering. This article addresses the application of different learning theories in the context of engineering courses, with the aim of helping educators understand and improve their teaching practices. The theories discussed include Behaviorism, Cognitivism, Humanism, and the application of hybrid approaches, each offering distinct perspectives on how students acquire knowledge and develop skills. The selection of the most appropriate theory for a specific discipline is a central challenge that will be explored throughout the article. The research adopts a qualitative approach, characterized by a case study conducted in the "Energy, Environment, and Sustainability" course of the Electrical Engineering program at the Polytechnic School of the University of Sao Paulo. Over a three-year period, data were collected, and analyzed to evaluate the effectiveness of the applied learning theories. The article aims provide theoretical and practical tools for educators and researchers to effectively identify and implement learning theories. Each section of the article presents a specific theory, discusses its principles, and exemplifies its application in real classroom scenarios. The results of this study should offer new directions for research in engineering education, highlighting the challenges and opportunities for the continuous improvement of teaching practices in this field.

Keywords: Learning theories; Case study; Hybrid application; Engineering education.

REVISTA ACADÊMICA DA Faculdade Canção Nova

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

TEORIAS DE APRENDIZAGEM PARA A PRÁTICA DO ENSINO DE ENGENHARIA

Marcos Jolbert Cáceres Azambuja
Doutor em Ciências no Programa de Pós-Graduação em Engenharia Elétrica da Universidade de São Paulo – EPUSP

José Aquiles Baesso Grimomi
Doutor em Engenharia Elétrica pela Universidade de São Paulo – EPUSP

RESUMO

O estudo das teorias de aprendizagem tem se mostrado essencial para a educação, incluindo o campo da engenharia. Este artigo aborda a aplicação de diferentes teorias de aprendizagem no contexto de cursos de engenharia, com o objetivo de auxiliar professores a entender e melhorar suas práticas pedagógicas. As teorias abordadas incluem Behaviorismo, Cognitivismo, Humanismo e a aplicação de abordagens híbridas, cada uma oferecendo perspectivas distintas sobre como os estudantes adquirem conhecimento e desenvolvem habilidades. A escolha da teoria mais apropriada para uma disciplina específica é um desafio central que será explorado ao longo do artigo. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, caracterizada por um estudo de caso realizado na disciplina de "Energia, Meio Ambiente e Sustentabilidade" do curso de Engenharia Elétrica da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo. Durante três anos foram coletados e analisados dados para avaliar a eficácia das teorias de aprendizagem aplicadas. O artigo pretende fornecer ferramentas teóricas e práticas para que professores e pesquisadores possam identificar e implementar as teorias de aprendizagem de forma eficaz. Cada seção do artigo apresenta uma teoria específica, discute seus princípios e exemplifica sua aplicação em cenários reais de sala de aula. Os resultados deste estudo oferecem novas perspectivas para a pesquisa em educação em engenharia, destacando os desafios e oportunidades para a melhoria contínua das práticas pedagógicas nesse campo.

Palavras-chave: Teorias de aprendizagem; Estudo de caso; Aplicação híbrida; Educação em engenharia.

1. INTRODUÇÃO

Na atualidade, todos nós aprendemos sem nos preocuparmos verdadeiramente com a natureza do processo de aprendizagem. De qualquer modo, as teorias de aprendizagem surgiram possivelmente, porque "o homem não só quis aprender como também, frequentemente, sua curiosidade o impeliu a tentar aprender como se aprende", conforme (VASCONCELOS; PRAIA; ALMEIDA, 2003 apud BIGGE, 1997). No mundo da educação de engenharia isso não muda. Existem teorias que podem ser usadas para construir um túnel, uma rede inteligente, projetar um reator ou melhorar o material da propriedade e a aerodinâmica de um avião. Portanto, é plausível afirmar que as teorias de aprendizagem apontarão algumas respostas, tais como: realizar ensinamentos de engenharia ou melhorar a aprendizagem.

As teorias de aprendizagem, desenvolvidas no século XX, mostram modelos de como as pessoas aprendem determinado conteúdo e como desenvolvem habilidades e competências durante a aprendizagem. A escolha de qual modelo de teoria da aprendizagem é melhor e mais apropriada para uma disciplina particular durante um curso de engenharia é um desafio e será discutido neste artigo. O objetivo dos autores deste artigo é, a partir dos estudos das teorias da aprendizagem e da aplicação destas teorias em sala de aula ajudar os professores de engenharia a entender suas atuais atividades de sala de aula em termos da teoria de aprendizagem e ter as ferramentas corretas para desenvolver novos projetos de "mudança" em suas disciplinas.

O método desta pesquisa é qualitativo, na característica de estudo de caso e análise, que

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

Marcos Jolbert Cáceres Azambuja
Doutor em Ciências no Programa de Pós-Graduação em Engenharia Elétrica da Universidade de São Paulo – EPUSP

José Aquiles Baesso Grimomi
Doutor em Engenharia Elétrica pela Universidade de São Paulo – EPUSP

ocorreu num período de três anos de observação, com coleta de dados e relato de experiência. Este estudo foi aplicado na disciplina de "Energia, Meio Ambiente e Sustentabilidade", do primeiro semestre, da turma do primeiro ano da Engenharia Elétrica na Escola Politécnica da Universidade de São Paulo – EPUSP.

Outro objetivo desta pesquisa é fornecer aos professores de engenharia e pesquisadores da área da educação de engenharia ferramentas para pensar, identificar e projetar estudos de pesquisa educacional.

As teorias de aprendizagem a serem trabalhadas serão: Behaviorismo, Cognitivismo, Humanismo e um estudo de aplicação híbrida.

Criar uma proposta e chegar em um resultado para uma variedade de professores de engenharia que desejam realizar aplicar teorias de aprendizagem é uma tarefa desafiadora.

Para conseguir contribuir com este estudo, será usada a seguinte metodologia: a explicação da teoria da aprendizagem é seguida por um exemplo concreto em sala de aula e a aplicação da teoria. Iniciaremos cada seção deste artigo com uma visão geral da teoria de aprendizagem específica no que diz respeito aos seus princípios de conhecimento e aprendizagem. Em seguida, será explicada essa teoria em um cenário de sala de aula de engenharia, onde essa teoria se adapta melhor. Cada seção terminará com o status atual da teoria.

A metodologia desta pesquisa está estruturada da seguinte maneira: revisão da literatura para embasar as teorias de aprendizagem e o estudo de caso; um relatório de análise das teorias aplicadas; exemplos de salas de aulas reais e um estudo de caso que terá um tempo de três anos de coleta e mensuração de dados para verificação da aplicação das teorias de aprendizagem. Os resultados indicarão novos desafios para a pesquisa na área da educação em engenharia.

2. TEORIAS DA APRENDIZAGEM

"Teorias são afirmações sistemáticas de princípios que explicam fenômenos naturais" (SOMMER; SOMMER, 2002, p. 23). Para Moreira (2023) de modo geral é uma tentativa humana de sistematizar uma área de conhecimento, de ver as coisas, explicar e prever observações e de resolver problemas.

"Teorias de aprendizagem são, portanto, tentativas de interpretar sistematicamente, de organizar, de fazer previsões sobre conhecimentos relativos a aprendizagem" (MOREIRA, 2023, p. 19). Para Hill (2002) as teorias possuem, geralmente, três aspectos muito relacionados:

1. Representam o ponto de vista de um autor/pesquisador sobre como abordar o assunto "aprendizagem", quais as variáveis independentes, dependentes e intervenientes, que são relevantes para serem pesquisadas e estudadas, quais os fenômenos importantes e quais as perguntas mais significativas;
2. Procuram resumir uma grande quantidade de conhecimentos sobre aprendizagem em uma formulação muito compacta; e

REVISTA ACADÊMICA DA Faculdade Canção Nova

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

Marcos Jolbert Cáceres Azambuja
Doutor em Ciências no Programa de Pós-Graduação em Engenharia Elétrica da Universidade de São Paulo – EPUSP

José Aquiles Baesso Grimomi
Doutor em Engenharia Elétrica pela Universidade de São Paulo – EPUSP

3. Tentam de maneira criativa, explicar o que é aprendizagem e porque funciona da maneira como parece funcionar.

"As teorias de aprendizagem são construções humanas e representam nossos melhores esforços, numa dada época, para interpretar, de maneira sistemática, a área de conhecimento que chamamos aprendizagem" (MOREIRA, 2023, p. 20).

A finalidade deste capítulo é de apresentar um panorama, um breve histórico das teorias de aprendizagem, transitando por três grandes teorias da aprendizagem: Behaviorismo, Cognitivismo e Humanismo. Naturalmente, em face deste caráter, para se ter uma melhor compreensão das teorias aqui abordadas, é necessário apresentar um quadro de enfoque teórico à aprendizagem e ao ensino, conforme Figura 1.

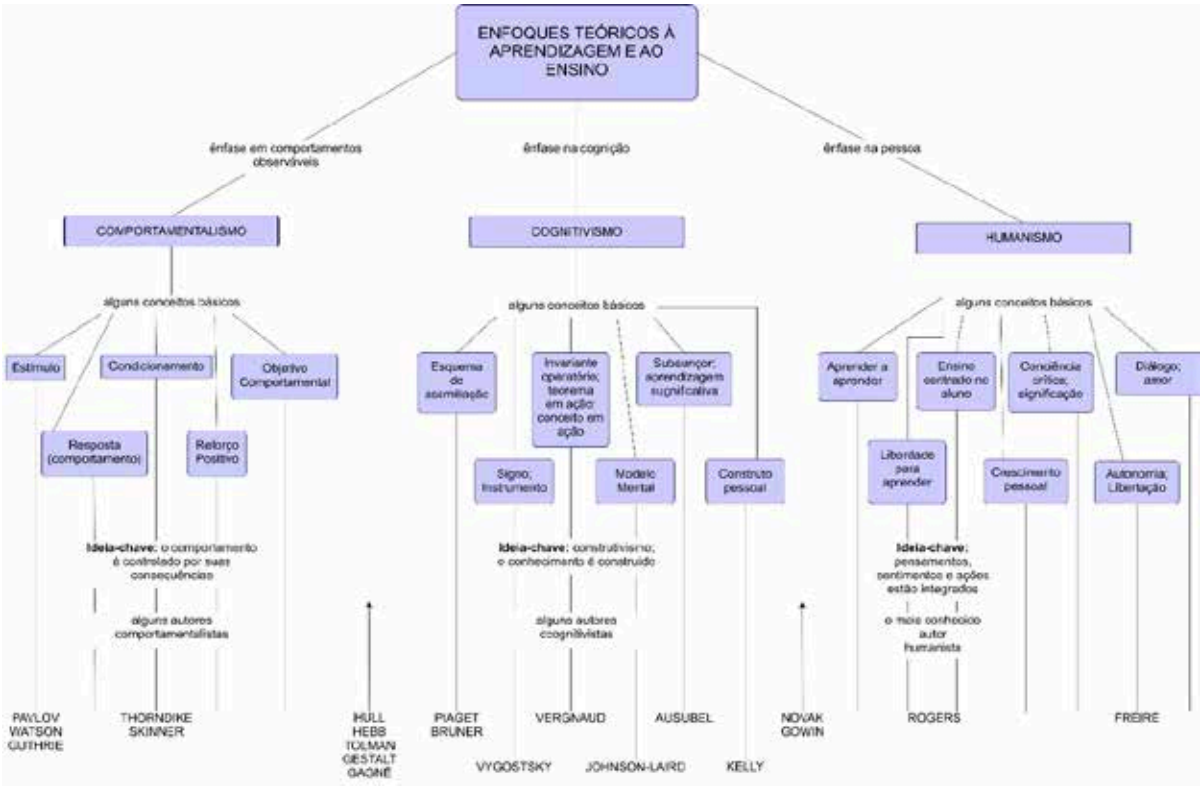


Figura 1: Adaptado pelos autores de Moreira (2023).

Serão apresentadas na próxima seção, as teorias de aprendizagem trabalhadas neste estudo de caso.

REVISTA ACADÊMICA DA Faculdade Canção Nova

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

Marcos Jolbert Cáceres Azambuja
Doutor em Ciências no Programa de Pós-Graduação em Engenharia Elétrica da Universidade de São Paulo – EPUSP

José Aquiles Baesso Grimomi
Doutor em Engenharia Elétrica pela Universidade de São Paulo – EPUSP

3. A ESTRUTURA DA TEORIA BEHAVIORISTA

John Broadus Watson (1878-1958) é considerado o fundador do Behaviorismo. Para Lefrançois (2009, p. 45) "o termo behaviorismo acabou por significar uma preocupação com os aspectos observáveis do comportamento".

O behaviorismo é uma teoria baseada em estímulo-resposta (E-R). Supõe que todas as respostas (comportamentos) são impulsionadas por estímulos (condições que levam aos comportamentos). Para Lefrançois (2009, p. 45) "segundo esta linha teórica, o comportamento compreende respostas que podem ser observadas e relacionadas a outros eventos observáveis, como condições que precedem e se seguem a ele".

Para Watson (1928, p. 2) "seu objetivo era oferecer condições para prever e controlar seres humanos". Em uma situação prever o que ele faria, quando estivesse em ação qual tipo de resposta poderia ser capaz de dar, que reação poderia ter.

Assim, o behaviorismo tem como objetivo inferir leis para explicar a relação existente entre condições exteriores (estímulos) e comportamento (respostas), Lefrançois (2009). Watson (1928, p. 2) afirmam que o trabalho behaviorista é: "dado o estímulo, prever a resposta – dada a resposta, prever o estímulo".

Para Watson (1928), Guthrie (1935), Thorndike (1935) e Skinner (1991) acreditavam que para o comportamento mudar (ou seja, para que ocorra a aprendizagem) é preciso estes dois eventos (E-R) por algumas vezes ou de outras vezes com muito mais frequência.

Thorndike (1935) afirmava que em meio a estes eventos (E-R) deveria ter o reforço, como por exemplo: cabe ao professor propor aos alunos muitos exercícios para que fortaleçam as conexões a serem aprendidas - a prática das respostas desejadas (deverá proporcionar ao aprendiz um reforço positivo por exemplo: um elogio); e para que, ao mesmo tempo, descontinuassem a prática de conexões indesejáveis (nesta concepção o professor deverá reforçar um reforço negativo por exemplo: uma punição).

Para Thorndike (1935) e Skinner (1991), o quantitativo de repetições e reforços estão proporcionalmente relacionados ao desempenho do usuário.

> O bom ensino depende em organizar eficientemente as condições estimuladoras, de modo que o aluno saia da situação de aprendizagem diferente de como entrou, sendo o ensino um processo de condicionamento por meio do uso de reforçamento das respostas que se deseja obter. (OSTERMANN; CAVALCANTI, 2011, p. 7).

Existem alguns princípios que os instrutores behavioristas devem seguir conforme (NEWSTETTER; SVINICKI, 2014, p. 31-32):

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

Marcos Jolbert Cáceres Azambuja
Doutor em Ciências no Programa de Pós-Graduação em Engenharia Elétrica da Universidade de São Paulo – EPUSP

José Aquiles Baesso Grimomi
Doutor em Engenharia Elétrica pela Universidade de São Paulo – EPUSP

Objetivos de instrução: uma chave para o projeto behaviorista é uma boa compreensão do objetivo final da instrução. Na instrução behaviorista, o instrutor centra-se no objetivo de instrução e as avaliações são baseadas diretamente nela.

Análise das Tarefas: a instrução é analisada do último grau para o início.

Associação observável de estímulo-resposta (E-R): consiste em expor o aluno ao estímulo associado com a resposta desejada. Por exemplo em uma sala de aula os alunos são expostos a um problema: se a maioria acerta o professor segue adiante. Se não, o instrutor volta a repetir até que os alunos consigam responder corretamente.

Maestria e autoestimulação: no behaviorismo é exigido do aluno o trabalho contínuo no objetivo até o domínio da questão.

Reforço: no behaviorismo a aprendizagem requer reforço.

3.1 Aplicação da teoria behaviorista em sala de aula

O Prof. Dr. Aquiles usa a abordagem behaviorista com o uso de exercícios que, permite aos alunos atingir domínios sobre algumas áreas da engenharia elétrica na disciplina de Energia, Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável. O aluno desenvolve o conhecimento dos temas pelos inúmeros exercícios feitos em sala de aula e outros sendo desenvolvidos fora da sala de aula, em ambientes virtuais de aprendizagem – AVA. Com o aumento do conhecimento do aluno, isto permite o desenvolvimento do professor na disciplina, com a perspectiva no trabalho final. Conforme evoluem os estímulos (exercícios), os alunos vão adquirindo meios para o avanço e as perspectivas (respostas) para o trabalho final. Podendo também estes alunos buscarem reforço com uma tutoria e/ou com o aumento dos exercícios para um desenvolvimento mais expressivo com o foco no trabalho final da disciplina.

4. A ESTRUTURA DA TEORIA COGNITIVISTA

Contrapondo-se ao behaviorismo que centra a sua atenção no comportamento humano, o cognitivismo propõe analisar a mente, o ato de conhecer, como o homem desenvolve seu conhecimento acerca do mundo.

"A filosofia cognitivista trata, então, principalmente dos processos mentais; se ocupa da atribuição dos significados, da compreensão, transformação, armazenamento e uso da informação envolvida na cognição". (MOREIRA, 2023, p. 15). Para o ensino, esta postura indica deixar de ver o aluno como um receptor de conhecimentos, não se importando como ele os armazena e organiza em sua mente. Neste momento, ele passa a ser considerado como um agente de uma construção que é sua própria estrutura cognitiva conforme Moreira (2023).

REVISTA ACADÊMICA DA Faculdade Canção Nova

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

Marcos Jolbert Cáceres Azambuja
Doutor em Ciências no Programa de Pós-Graduação em Engenharia Elétrica da Universidade de São Paulo – EPUSP

José Aquiles Baesso Grimomi
Doutor em Engenharia Elétrica pela Universidade de São Paulo – EPUSP

A ideia principal é que o produto desenvolvido pelo aluno seja diferente do apresentado pelo professor. A ênfase dessas abordagens de aprendizagem está na distribuição das ideias no cérebro do aluno.

Esta construção não é arbitrária e é aí que entram as teorias cognitivas, buscando sistematizar a construção cognitiva e explicar e prever observações nesta área.

> Pela teoria cognitiva, as informações disponibilizadas ao receptor servem como "ponto de partida" de algo que será desenvolvido, logo, para a melhor construção das ideias cognitivas, acredita-se que quanto mais diferentes forem os aspectos visualizados melhores serão os produtos finais. No conteúdo exposto, o aprendiz deve ter a oportunidade de ver o mesmo tópico mais de uma vez em diferentes níveis de profundidade e em diferentes modos de representação. (OSTERMANN; CAVALCANTI, 2011, p. 20).

No construtivismo o aluno torna-se o sujeito ativo na aprendizagem, ele deixa de ser passivo como no behaviorismo. Ele passa a experimentar, pesquisar, divulgar e desenvolver o raciocínio. Para Morais (2014) os alunos assimilam o conhecimento por intermédio de tarefas, pois a meta dessa abordagem é incentivar a criatividade e motivar a aprendizagem por meio da atividade.

Princípios para educação cognitivista segundo Newstetter e Svinicki (2014, p. 35-36):

Foco nos principais conceitos a serem apreendidos: envolve garantir que o aluno se concentre nas principais características do conceito que está sendo aprendido para que essas características principais possam ser usadas para estabelecer conexões com o conhecimento prévio do aprendiz.

Aproveitando o conhecimento prévio e a experiência do aluno: o objetivo do aprendizado na teoria cognitiva é fazer conexões entre novas informações e informações que já estão na memória de longo prazo, as instruções devem começar com o que o aprendiz já conhece.

Visando o processamento profundo da informação (aprendendo com a compreensão): A ideia geral de processamento profundo é que os alunos devem entender a estrutura da informação a ser aprendida, como as ideias principais e como elas se relacionam entre si e com sub ideias que podem derivar delas. A informação na memória de longo prazo implica redes de associações muito complexas. Quanto mais organizada essa rede, mais fácil é lembrar e usar.

Envolver ativamente o aluno na seleção, organização e integração de novas informações: é fundamental que o aluno seja ativamente envolvido na criação da estrutura através do envolvimento profundo com o conteúdo.

Desenvolver o conhecimento metacognitivo que permite aos alunos controlar sua própria aprendizagem: todos os alunos devem se tornar aprendizes independentes que possam definir e monitorar seus próprios objetivos e processos.

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

Marcos Jolbert Cáceres Azambuja
Doutor em Ciências no Programa de Pós-Graduação em Engenharia Elétrica da Universidade de São Paulo – EPUSP

José Aquiles Baesso Grimomi
Doutor em Engenharia Elétrica pela Universidade de São Paulo – EPUSP

4.1 Aplicação da teoria cognitivista em sala de aula

Nesta seção, o foco está em levar o aluno observar como é a instalação elétrica em uma casa e o objetivo da disciplina é que os alunos desenvolvam estratégias de resolução de problemas para um projeto de instalações elétricas, podendo ser em qualquer ambiente que o aluno escolher estudar, como: sua casa, um escritório, o que desejar estudar. O Prof. Dr. Aquiles envolve os alunos apontando perspectivas nos estudos da evolução da energia. Para facilitar para os alunos os exemplos propostos são familiares aos alunos. Nestes processos da evolução, permite que o aluno possa se envolver com o estudo. Antes de cada período de aula, ele libera uma videoaula sobre instalações elétricas, simbologia usada nos projetos e alguns exemplos que os alunos trabalharão em sala de aula.

Em sala de aula, o Dr. Aquiles continua apontando para as ideias-chave do projeto. Quando os alunos chegam a um problema ou dificuldade, ele os leva a trabalhar o problema por si mesmos e, em seguida, usa um sistema de perguntas e respostas para reforçar a aprendizagem. Trabalhar nos problemas é uma oportunidade de envolver os alunos no processamento profundo do projeto.

Quando a classe obtiver a resposta correta, o professor Dr. Aquiles reconhece o sucesso e dá aos alunos um momento para escrever sobre suas próprias soluções. Ao fazer os alunos resumirem suas estratégias incluindo quaisquer problemas que cometeram, o Dr. Aquiles aumenta a profundidade do processamento do projeto. Se a maioria da classe não obteve a resposta correta, o Dr. Aquiles pode dizer a partir de suas opções de resposta quais equívocos eles ainda têm ou erros no projeto que provavelmente cometeram. Ele os faz comparar respostas entre si e explicar por que eles escolheram o que fizeram.

Em seguida, ele passa pelas escolhas incorretas para ilustrar erros comuns em problemas desse tipo. Esse tipo de tentativa de autoexplicação seguida pelo processamento mais profundo dos problemas ilustrados pelo professor ajuda os alunos a verem onde erraram, muito mais do que apenas ter o professor explicando o problema.

A cada avanço da disciplina o professor Dr. Aquiles vai aumentando a complexidade dos exemplos, assim aumentando a profundidade da aprendizagem. Os alunos envolvem-se cada vez mais com a proposta do trabalho final da disciplina. Com este envolvimento, os alunos respondem com maior precisão e suas exposições em seminários tornam-se mais elaboradas.

5. A ESTRUTURA DA TEORIA HUMANISTA

A teoria humanista tem seu foco no ser que aprende, primordialmente, como pessoa. O aluno é visto como um todo (sentimentos, pensamentos e ações) – uma visão holística, e não somente o seu intelecto.

Para Moreira (2023, p. 16) “o importante é a autorrealização da pessoa, seu crescimento pessoal”. Neste enfoque, a aprendizagem não se limita a um aumento de conhecimentos, ela é penetrante, visceral, e influi nas escolhas e atitudes do aluno.

REVISTA ACADÊMICA DA Faculdade Canção Nova

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

Marcos Jolbert Cáceres Azambuja
Doutor em Ciências no Programa de Pós-Graduação em Engenharia Elétrica da Universidade de São Paulo – EPUSP

José Aquiles Baesso Grimomi
Doutor em Engenharia Elétrica pela Universidade de São Paulo – EPUSP

Rogers e Freiberg (1994) exemplificam muito bem esta aplicação dando o nome de "ensino centrado no aluno" bastante conhecida na década de 70.

O objetivo maior da educação para Rogers (1994) é a facilitação da aprendizagem. Ao invés de apresentar uma teoria Rogers (1994) propõe uma série de princípios de aprendizagem centrados no aluno.

Seres humanos têm uma potencialidade natural para aprender: provocar no aluno o ato de descobrir e aumentar seu conhecimento. Esta é a característica básica do enfoque de Carl Rogers.

Aprendizagem significante: o aluno aprende significantemente apenas aquilo que ele percebe como manutenção e engrandecimento do seu próprio eu. Rogers apresenta um exemplo de dois alunos – um deles desenvolve um projeto no qual necessita usar o conteúdo do curso, e o outro faz apenas porque é obrigatório. Individualmente, as aprendizagens serão diferentes.

Quando o aluno percebe que o conteúdo é relevante para atingir seu objetivo, a aprendizagem é muito mais rápida.

Aprendizagem significante adquirida através de atos: um dos meios mais eficazes para promover a aprendizagem consiste em colocar o aluno em confronto experiencial direto com os problemas práticos (natureza social, ética, filosófica e pessoal) e com problemas de pesquisa.

Participação responsável do aluno no processo de aprendizagem: A aprendizagem é maximizada quando o aluno escolhe suas próprias direções, seus próprios recursos de aprendizagem, formula seus próprios problemas, decide seu próprio curso de ação e vive as consequências de cada uma destas escolhas.

Aprendizagem autoiniciada: é uma aprendizagem que envolve tanto o aspecto cognitivo como o afetivo da pessoa. É algo "visceral", profundo e abrangente. O aluno sabe que a aprendizagem é sua e pode mantê-la ou abandoná-la frente a uma aprendizagem mais profunda, sendo ele o avaliador.

Independência, Criatividade e Autoconfiança: é preciso proporcionar-lhe a oportunidade de fazer seus próprios julgamentos e seus próprios erros. A autocrítica e a autoavaliação são fundamentais para ajudar o aluno a ser independente, criativo e autoconfiante.

Processo de aprender: o aluno tem que aprender a aprender. Isto significa estar aberto à experiência, ter uma postura contínua de busca do conhecimento.

Para Rogers (1994) o professor, a quem ele mesmo dá o nome de facilitador, precisa ter algumas atitudes, são estas:

Autenticidade: quando o professor é uma pessoa autêntica, genuína, mostra-se inteiro para seus alunos, sem precisar de imposição ou autoritarismo.

Prezar e confiar: o professor valoriza o aluno, aceita o aluno da forma que se encontra.

Compreensão empática: criar um clima de aprendizagem vivencial. É uma atitude de colocar-se no lugar do aluno e considerar o mundo através de seus olhos. Quando há uma empatia sensível de parte do professor, a reação do aluno é mais de maior compreensão.

Para Moreira (2023) essas qualidades atitudinais, quando apresentadas pelo professor, facilitam a aprendizagem vivencial e autoiniciada, aumentando a probabilidade de aprendizagem significante.

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

Marcos Jolbert Cáceres Azambuja
Doutor em Ciências no Programa de Pós-Graduação em Engenharia Elétrica da Universidade de São Paulo – EPUSP

José Aquiles Baesso Grimomi
Doutor em Engenharia Elétrica pela Universidade de São Paulo – EPUSP

Assim, Rogers e Freiberg (1994) afirmam que o professor passa a ser um facilitador. É ele que cria condições para que o aluno aprenda. Masetto (2003) complementa que "a interação professor-aluno, tanto individualmente quanto com o grupo, se destaca como fundamental no processo de aprendizagem e se manifesta na atitude de mediação pedagógica por parte do professor, na atitude de parceria e corresponsabilidade pelo processo de aprendizagem entre aluno e professor".

Por mediação pedagógica entendemos a atitude e o comportamento do professor que se coloca como facilitador, incentivador ou motivador da aprendizagem: isto acaba tornando-se uma ponte entre o aprendiz e sua aprendizagem.

5.1 Aplicação da teoria humanista em sala de aula

Nesta fase do envolvimento do aluno, como uma imersão na pesquisa das necessidades energéticas de moradores de uma residência, com suas possibilidades para economizar energia, o conhecimento de sustentabilidade permite ao aluno de se envolver com a pesquisa e agregar valor à sua aprendizagem. O aluno passa a ser um agente de solução social. Assim ele passa a buscar novas soluções para ajudar as pessoas envolvidas no seu estudo. A aprendizagem autoiniciada acaba sendo uma característica forte pois envolve o aluno no aspecto afetivo da pessoa envolvida em seu estudo. O aluno se envolve, abre-se a uma nova experiência. Neste ponto, o Professor Aquiles se torna um forte facilitador, um mediador do conhecimento para o aluno, permitindo ao aluno a experiência da aprendizagem experiencial e gerando no aluno a aprendizagem empática.

6. ESTUDO DE APLICAÇÃO HÍBRIDA

Trata-se de uma disciplina de graduação, do departamento de Energia e Automação Elétrica, cujo objetivo consiste em da disciplina é apresentar aos alunos os conceitos fundamentais sobre a energia, em especial sobre a energia elétrica, e suas relações com o meio ambiente e o desenvolvimento sustentável, abrangendo os aspectos técnicos, socioeconômicos e político-ambientais. A disciplina é composta de aulas expositivas, provas, uma visita técnica e um trabalho que envolve aprendizagem ativa, que será realizado em grupo, ao longo de toda a disciplina e contempla apresentações e entrega de relatórios individuais e consolidados (COELHO; GRIMONI, 2014).

No trabalho desenvolvido pelos alunos ao longo da disciplina, o objetivo é que eles façam uma avaliação sobre a caracterização das necessidades energéticas dos moradores de uma residência (escolhida por cada um dos alunos), sobre as possibilidades de ações que permitam reduzir este consumo, sem afetar a qualidade do serviço energético, e as possibilidades de geração própria ou substituição de energéticos. Além disso, espera-se que os alunos façam a avaliação dos impactos técnicos, econômicos e socioambientais de todas as análises e ações visando a sustentabilidade. Este trabalho foi dividido em cinco etapas, sendo que cada nova etapa só é explicada e solicitada aos alunos após o término e apresentação da etapa anterior. A cada etapa os alunos deverão entregar um relatório individual, referente ao levantamento e aos estudos feitos na própria residência, um

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

Marcos Jolbert Cáceres Azambuja
Doutor em Ciências no Programa de Pós-Graduação
em Engenharia Elétrica da Universidade de São Paulo – EPUSP

José Aquiles Baesso Grimomi
Doutor em Engenharia Elétrica pela Universidade de São Paulo – EPUSP

relatório consolidado, contendo as comparações e comentários sobre as diferenças e similaridades encontradas nos estudos individuais e também deverá ser feita uma apresentação para a classe por 2 grupos dos 10 de cada turma de cerca de 60 alunos (GRIMONI; COELHO, 2017).

É possível perceber, na condução da disciplina, aspectos das teorias de aprendizagem apresentadas, sendo que ao final percebe-se que a aplicação da educação hibrida proporciona a aprendizagem experiencial e vivencial dos alunos gerando a empatia nos conteúdos abordados e o desenvolvimento pessoal dos alunos.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se que, após esta pesquisa sobre as Teorias de Aprendizagem e o estudo de caso neste artigo, cada uma das questões apresentadas implica uma estratégia de pesquisa diferente, um método diferente, uma aplicação diferente no ensino de engenharia. Assim, desperta a esperança de que com a apresentação da teoria de aprendizagem e suas aplicações, cada docente no ensino de engenharia será capaz de refletir sobre suas próprias práticas e projetar ambientes de aprendizagem mais otimizados para a melhor aplicação com seus alunos. Ao mesmo tempo, a pesquisa em educação em engenharia deve sempre se situar em estruturas conceituais apropriadas.

Foi oferecido um panorama para as muitas direções significativas que a pesquisa em aprendizagem de engenharia pode e precisa tomar. Quais áreas de conteúdo de engenharia são mais adequadas para a instrução adaptada e mediada por computador? A aula expositiva é a maneira ideal de adquirir fundamentos de engenharia? Os sistemas de resposta pessoal, que exigem uma resposta rápida, realmente desenvolvem conhecimento sustentável e transferível? Isso é verdade para a solução de problemas de engenharia? O quanto o moderador deve intervir ou ficar fora do caminho? Qual é a melhor maneira de treinar professores para serem moderadores? Uma videoaula pode ser um facilitador da aprendizagem?

É claro que cada uma dessas perguntas implica uma estratégia de pesquisa diferente, um método diferente, alguns quantitativos e alguns qualitativos. Deve ficar claro, porém, que os pesquisadores de engenharia precisam sempre estar cientes do contexto e aplicação das teorias que estão investigando, também das origens ou fundamentos destes contextos.

Após estudo das teorias e dos modelos de sala de aula de engenharia apresentados, foi possível estabelecer uma relação prévia e direta entre um e outro. Pode-se também identificar variações no papel do professor e do aluno, também, no modo operante como ocorre o ensino para se chegar a um objetivo final, conforme Quadro 1.

REVISTA ACADÊMICA DA Faculdade Canção Nova

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

Marcos Jolbert Cáceres Azambuja
Doutor em Ciências no Programa de Pós-Graduação em Engenharia Elétrica da Universidade de São Paulo – EPUSP

José Aquiles Baesso Grimomi
Doutor em Engenharia Elétrica pela Universidade de São Paulo – EPUSP

Quadro 1

Teoria da Aprendizagem	Papel do Professor	Como ocorre	Objetivo final
Behaviorista	Indutor	Simulação das ações	Repetir os atos da realidade
Cognitivista	Condutor	Ensinamento em Cascata	Alcançar o objetivo final estabelecido pelo professor
Humanista	Facilitador	Criar condições para que o aluno aprenda	Aprendizagem vivencial e autoiniciada
Estudo Híbrido	Mediador	Criar estratégias para a aprendizagem	Experiência ativa

Fonte: Elaboração própria dos autores.

Ao analisar o quadro acima foi possível chegar nas seguintes considerações:

- Cada teoria de aprendizagem interage com um modelo de sala de aula de engenharia que, consequentemente, determinada a postura da atuação do professor para que ele consiga alcançar o objetivo final – a aprendizagem do aluno.
- Não existe uma teoria de aprendizagem uniforme para o ensino de engenharia, pois dependendo do objetivo final haverá necessidade de adequações.
- O papel e desempenho do professor varia de acordo com a necessidade da disciplina, do curso e com a teoria de aprendizagem a ser utilizada na sala de aula de engenharia. Logo, o professor, deverá se adaptar à metodologia utilizada de acordo com o propósito da disciplina, do curso e da sala de aula.
- Pela inexistência de um modelo específico de teoria da aprendizagem que se adapte ao ensino de engenharia, pode-se afirmar que todos são válidos mediante o objetivo final – a aprendizagem.
- Por fim, é possível observar que o modelo híbrido tem um destaque maior em comparação com as outras teorias. Ele se destaca por sua versatilidade e adaptabilidade para as dinâmicas no ensino de engenharia e as necessidades dos alunos. É necessário que o professor tenha estas estratégias para a aplicação em sala de aula.

Assim, este estudo de caso alcançou seu objetivo principal, que foi apresentar como as principais teorias de aprendizagem se adaptam aos vários modelos de sala de aula, e confirmou que o modelo de teoria híbrida permite a aprendizagem experiencial, maior dinamismo em sala de aula e interesse e empatia dos alunos.

Acredita-se que com o passar do tempo e, consequentemente, com os avanços das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) e o maior acesso à internet, permitirão imaginar que novos modelos de salas de aula sejam criados no futuro, mas sempre com o suporte de alguma teoria de aprendizagem.

REVISTA ACADÊMICA DA Faculdade Canção Nova

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

Marcos Jolbert Cáceres Azambuja
Doutor em Ciências no Programa de Pós-Graduação em Engenharia Elétrica da Universidade de São Paulo – EPUSP

José Aquiles Baesso Grimomi
Doutor em Engenharia Elétrica pela Universidade de São Paulo – EPUSP

REFERÊNCIAS

BIGGE, M. L. **Teorias da aprendizagem para professores**. São Paulo: Pedagógica e Universitária, 1997.

COELHO, L. G.; GRIMONI, J. A. B. **Aprendizagem Ativa na Disciplina Energia, Meio Ambiente e Sustentabilidade da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO EM ENGENHARIA, 2014, Juiz de Fora. Anais [...]. Juiz de Fora, 2014.

GRIMONI, J.A.B; COELHO, L. G. **Aprendizagem Ativa na Disciplina Energia, Meio Ambiente e Sustentabilidade do 1º ano da Engenharia Elétrica da EPUSP**. Revista de Graduação USP, v. 2, n. 1, p. 111-118, 2017.

GUTHRIE, E. R. **The psychology of learning**. New York: Harper, 1935.

HILL, W. F. **Learning: a survey of psychological interpretations**. 7. ed. New York: Pearson, 2002.

LEFRANÇOIS, G. R. **Teorias da aprendizagem: o que a velha senhora disse**. 5. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2009.

MASETTO, M. T. **Competência pedagógica do professor universitário**. São Paulo: Summus, 2003.

MORAIS, L. DA S. **Teorias de Aprendizagem e Arquiteturas Pedagógicas: a relação entre ambas no ensino a distância**. EAD em Foco, v. 2, p. 111–126, 2014. Disponível em: http://eademfoco.cecierj.edu.br. Acesso em: 20 ago. 2024.

MOREIRA, M. A. **Teorias de aprendizagem**. 3. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2023.

NEWSTETTER, W. C.; SVINICKI, M. D. **Learning theories for engineering education practice**. England: Cambridge University Press, 2014.

OSTERMANN, F.; CAVALCANTI, C. J. DE H. **Teorias de Aprendizagem**. Porto Alegre: Evangraf; UFRGS, 2011.

ROGERS, C. R.; FREIBERG, H. J. **Freedom to learn**. 3. ed. [S.l.]: Pearson, 1994.

SOMMER, R.; SOMMER, B. B. **A practical guide to behavioral research: tools and techniques**. 5. ed. New York: Oxford University Press, 2002.

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

Marcos Jolbert Cáceres Azambuja
Doutor em Ciências no Programa de Pós-Graduação em Engenharia Elétrica da Universidade de São Paulo – EPUSP

José Aquiles Baesso Grimomi
Doutor em Engenharia Elétrica pela Universidade de São Paulo – EPUSP

SKINNER, B. F. **The behavior of organisms: an experimental analysis**. New York: Copley Pubblishing Group, 1991.

THORNDIKE, E. L. **The psychology of wants, interests and attitudes**. New York: Appleton-Century Crofts, 1935.

VASCONCELOS, C.; PRAIA, J. F.; ALMEIDA, L. S. **Teorias de aprendizagem e o ensino/aprendizagem das ciências: da instrução à aprendizagem**. Psicologia Escolar e Educacional (Impresso), v. 7, n. 1, p. 11–19, 2003.

WATSON, J. B. **The ways of behaviorism**. New York: Harper & Brothers, 1928.

REVISTA ACADÊMICA DA Faculdade Canção Nova

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

O SISTEMA ÉTICO-FILOSÓFICO DE MAX SCHELER E A ÉTICA CRISTÃ: A PERSPECTIVA FILOSÓFICO-TEOLÓGICA DE KAROL WOJTYLA

Marcius Tadeu Maciel Nahur
Mestre pelo Centro Universitário Salesiano de São Paulo – Lorena/SP.
Professor dos Cursos de Filosofia e Teologia da Faculdade Canção Nova

RESUMO

Este texto, baseado em pesquisa bibliográfica, teve o objetivo de discutir a questão da adequação do sistema ético-filosófico de Max Scheler para a compreensão da ética cristã na perspectiva filosófico-teológica wojtyliana. Karol Wojtyla procurou demonstrar que o sistema ético-filosófico proposto por Max Scheler tem limitações inevitáveis para perfeita compreensão da ética cristã, porque permanece confinado nos quadrantes da fenomenologia. No entanto, ele reconhece que o sistema scheleriano pode trazer algumas contribuições que auxiliam na compreensão dessa mesma ética. Para Karol Wojtyla, quando se busca a plena compreensão da ética cristã, o ponto de partida pode ser a fenomenologia, avançando da experiência para a consciência, mas é imprescindível uma base metafísica, ou seja, um arrimo ontoético para que se alcance a razão de ser mais profunda do exponencial valor da pessoa humana e de sua ação no mundo.
Palavras-chave: Ação; Fenomenologia; Metafísica; Pessoa; Valor.

ABSTRACT

This text, based on bibliographical research, aimed to discuss the question of the adequacy of Max Scheler's ethical-philosophical system for the understanding of Christian ethics in the Wojtylian philosophical-theological perspective. Karol Wojtyla sought to demonstrate that the ethical-philosophical system proposed by Max Scheler has inevitable limitations to a perfect understanding of christian ethics, because it remains confined to the quadrants of phenomenology. However, he recognizes that the schelerian system can bring some contributions that help in the understanding of this same ethics. For Karol Wojtyla, when one seeks a full understanding of christian ethics, the starting point can be phenomenology, advancing from experience to consciousness, but a metaphysical basis, that the phenomenology, it means, an ontoethical support in order to reach the deepest reason of being of the exponential value of the human person and his action in the world.
Keywords: Action; Phenomenology; Metaphysics; Person; Value.

REVISTA ACADÊMICA DA Faculdade Canção Nova

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

O SISTEMA ÉTICO-FILOSÓFICO DE MAX SCHELER E A ÉTICA CRISTÃ: A PERSPECTIVA FILOSÓFICO-TEOLÓGICA DE KAROL WOJTYLA

Marcius Tadeu Maciel Nahur
Mestre pelo Centro Universitário Salesiano de São Paulo – Lorena/SP.
Professor dos Cursos de Filosofia e Teologia da Faculdade Canção Nova

1. INTRODUÇÃO

Correntes do pensamento ético contemporâneas trazem em comum uma visão refratária a um sistema ético fundado numa razão transcendente, capaz de propor um arcabouço teórico de princípios, normas e valores dotados de uma validade racional meta-histórica.

O objetivo desta investigação, baseada em pesquisa bibliográfica, com destaque para obras de Karol Wojtyla, é discutir se, nos tempos atuais, o sistema ético-filosófico scheleriano é adequado para interpretar a ética cristã, entendida como aquela que envolve verdades éticas reveladas por Deus e propostas pela instituição eclesiástica como princípios norteadores do comportamento moral das pessoas. E, em caso de resposta positiva, analisar ainda em que medida se daria essa adequação.

Assim, de início, aborda-se a ética fenomenológica, enquanto uma das principais correntes de pensamento ético contemporâneo e as matrizes teóricas em que ela busca fundamentos para se apresentar como uma das propostas de orientação da conduta moral nos tempos em curso.

Em seguida, apresenta-se o sistema ético elaborado por Max Scheler, na leitura de Karol Wojtyla, indicando seus elementos básicos, a saber, a fenomenologia, a experiência emocional-intencional, o bem, o valor, o valor como fim, o valor ético, o ethos - valores morais dentro do conteúdo da vida emocional da pessoa, o dever, o amor pela pessoa, o ideal ético, a consciência, o seguimento, a referência a Deus, o mandamento do amor e a sanção.

Na sucessiva etapa, uma vez identificada a estrutura do sistema ético scheleriano, examina-se uma das teses de Karol Wojtyla por meio da qual ele procura demonstrar a inadequação do sistema ético proposto por Max Scheler para a perfeita compreensão da ética cristã. Neste caso, são desenvolvidos seus argumentos que justificam sua posição de não reconhecimento da concepção scheleriana como adequada o bastante para a compreensão da ética cristã. Por derradeiro, analisa-se em que medida o sistema ético scheleriano pode auxiliar no estudo da ética cristã. Neste caso, Karol Wojtyla enxerga algumas contribuições que o método fenomenológico empregado por Max Scheler pode ofertar para a compreensão dos valores cristãos.

Na conclusão, são repassadas as principais ideias desenvolvidas ao longo do texto, mormente, aquelas que indicam os posicionamentos de Karol Wojtyla em relação ao sistema ético fenomenológico de Max Scheler.

REVISTA ACADÊMICA DA Faculdade Canção Nova

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

Marcius Tadeu Maciel Nahur
Mestre pelo Centro Universitário Salesiano de São Paulo – Lorena/SP.
Professor dos Cursos de Filosofia e Teologia da Faculdade Canção Nova

2. A ÉTICA FENOMENOLÓGICA: BASES TEÓRICAS

A fenomenologia, considerada uma das mais importantes escolas filosóficas do século XX, foi precedida pela doutrina e ensinamento do filósofo austríaco Franz Clemens Honoratus Hermann Brentano (1838-1917), cuja obra intitulada *Psicología desde el punto de vista empírico*, pela primeira vez, descreveu a noção de intencionalidade, recebida da tradição escolástica, como constitutiva da consciência. Como profundo conhecedor de Aristóteles, ele deixou textos significativos sobre ética, entre eles, *El origen del conocimiento moral*, no qual propõe o conceito de intuição ética. A propósito, este conceito "[...] inspirará diversas versões da Ética fenomenológica" (VAZ, 1999, p. 430).

O fundador da escola fenomenológica, Edmund Husserl (1859-1938), com suas *Investigações Lógicas: investigações para a fenomenologia e a teoria do conhecimento*, inaugurou um novo modo de filosofar que se afastava do psicologismo de matriz positivista e do gnosiologismo neokantiano. As noções de intencionalidade, de intuição eidética, de descrição fenomenológica, de redução, de doação de sentido e o lema ir às coisas mesmas, a saber, presentes nos atos intencionais da consciência, constituem a estrutura conceitual básica do método fenomenológico. Esse método encontrará nos fenômenos éticos um campo privilegiado de aplicabilidade.

Um dos mais notáveis expoentes da ética fenomenológica foi Max Scheler (1874-1928), tido como um dos maiores moralistas da primeira metade do século. Tendo por inspiração as ideias husserlianas, ele desenvolveu um método fenomenológico próprio, aplicando-o de preferência ao campo psíquico e à categoria peculiar do sentimento do valor. Valor e pessoa são dois pilares da elaboração ética scheleriana. Max Scheler empreendeu uma vigorosa crítica ao formalismo moral kantiano a partir da noção de valor como objeto original da intencionalidade da experiência ética, bem como da noção de pessoa como sede da experiência e da intenção dos valores (VAZ, 1999).

Max Scheler acolhe alguma crítica kantiana da ética de bens e fins, porém, sem reservas, rechaça toda sua ética formal. Segundo ele, a ética kantiana está fundada numa série de supostos indiscutidos, o que é preciso trazer à luz e examinar de maneira aberta e objetiva. Não aceita a presumida disjunção kantiana da ética dos bens ou fins e a ética formal. Entretanto, para o rechaço da ética formal, não força, de modo algum, a aceitação de uma ética de bens ou fins; em seu lugar, propõe uma ética material, que não se trata, propriamente, de uma ética de bens ou fins, mas sim de uma ética dos valores.

Max Scheler acolhe alguma crítica kantiana da ética de bens e fins, porém, sem reservas, rechaça toda sua ética formal. Segundo ele, a ética kantiana está fundada numa série de supostos indiscutidos, o que é preciso trazer à luz e examinar de maneira aberta e objetiva. Não aceita a presumida disjunção kantiana da ética dos bens ou fins e a ética formal. Entretanto, para o rechaço da ética formal, não força, de modo algum, a aceitação de uma ética de bens ou fins; em seu lugar, propõe uma ética material, que não se trata, propriamente, de uma ética de bens ou fins, mas sim de uma ética dos valores.

Assim, Max Scheler quer conceber a axiologia ou teoria dos valores como um saber objetivo e

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

Marcius Tadeu Maciel Nahur
Mestre pelo Centro Universitário Salesiano de São Paulo – Lorena/SP.
Professor dos Cursos de Filosofia e Teologia da Faculdade Canção Nova

suficiente para assentar sobre ele não poucas disciplinas, entre elas, a própria ética. A ordenação dos valores passa a ser, pois, uma tarefa primordial da reflexão ética. Ele distingue cinco ordens de valores, quais sejam, os valores sensíveis, relacionados ao prazer; os valores pragmáticos, centrados sobre a utilidade; os valores vitais, vinculados à nobreza da vida; os valores intelectuais, atrelados à verdade e à justiça; e, os valores do sagrado, ligados à santidade e ao amor (SCHELER, 2001).

Além do valor, contudo, é preciso considerar também a pessoa. A pessoa, entendida como ser-ato, torna-se a categoria antropológica fundamental da ética scheleriana, para a qual se apresenta o universo ordenado e hierárquico dos valores (SCHELER, 2001). Outrossim, é necessário levar em conta, ainda, o cosmo. Essa consideração, na ótica scheleriana, é imprescindível, porquanto o ser humano é uma síntese de várias dimensões, desde a esfera natural até a espiritual; é espírito que se move entre as esferas do ser; é um microcosmo que compartilha as múltiplas camadas da realidade do mundo; é o único ser que pode chegar a ser pessoa.

A pessoa é um *microtheos*. Desde a esfera do mundo material inanimado, a esfera atômica, passando pela estruturação orgânica da matéria que perfaz a vida, as dimensões vitais vegetativas e anímicas, a vida psíquica emocional, a dimensão afetiva valorativa, culminando na conexão de todos os elementos vitais à esfera espiritual, tudo isso constitui as diversas esferas microcósmicas da pessoa humana. O ser humano é espírito livre que transita pelas esferas da vida como centro de vontades, intenções, valorações e atos (SCHELER, 2001).

Como se percebe, o universo dos valores é, portanto, o horizonte da pessoa e o valor só é atingido por um ato pessoal, o que envolve uma rigorosa personalização da experiência e da intenção dos valores. Em cada pessoa, a atitude em face dos valores é submetida a uma orientação fundamental para os valores superiores que Max Scheler, resgatando uma expressão agostiniana, denomina ordo amoris.

Nas elevadas personalidades morais, conceito fundamental para Max Scheler, há um exercício pleno da *ordo amoris* e são elas as responsáveis pelo progresso moral da humanidade. Não por outra razão, como sua ética pode ser considerada axiológica e personalista, ele aplicou, com notável propriedade, a análise fenomenológica a muitos fenômenos como ressentimento, remorso, idolatria do conhecimento de si mesmo, entre outros.

3. O SISTEMA ÉTICO-FILOSÓFICO DE MAX SCHELER: ELEMENTOS ESTRUTURANTES

O sistema ético-filosófico de Max Scheler começa com o método fenomenológico. Todo conhecimento científico e toda ciência se baseiam na experiência (SCHELER, 2001). A ética há de basear-se, portanto, também na experiência. Esse mesmo sistema remete à noção de valor (SCHELER, 2001). Em determinado caso, o valor se define pelo objeto prático, ou seja, pelo objeto de que se ocupa, de algum modo, o sujeito agente. Com efeito, em geral, os valores não podem separar-se da experiência vivida, vale dizer, das diversas experiências da pessoa humana.

Essa pessoa humana é regida pelo primado das emoções. Os valores podem ser objeto de

REVISTA ACADÊMICA DA Faculdade Canção Nova

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

Marcius Tadeu Maciel Nahur
Mestre pelo Centro Universitário Salesiano de São Paulo – Lorena/SP.
Professor dos Cursos de Filosofia e Teologia da Faculdade Canção Nova

experiências emocionais pelo fato de que as experiências não se encontram só na forma de estados afetivos, senão também na forma de sentimentos puros de evidente caráter intencional (SCHELER, 2001). É aquilo que se pode chamar de sentimento, estado afetivo ou, ainda, percepção afetiva intencional. A percepção é intencional pelo fato de encontrar-se, de modo bem claro, referida a seu próprio objeto.

Como consequência desses elementos anteriores, surge o conceito de bem. O bem guarda relação com o valor, e não com a coisa. E como o valor está separado da coisa, também o bem se encontra separado dela. Conhece-se o valor de maneira emocional e, portanto, a mesma percepção afetiva intencional que expressa o valor à pessoa humana, manifesta-lhe também o bem. Na medida em que o valor vem dado na mesma experiência vivida, o bem lhe acrescenta o caráter e a posição objetiva (SCHELER, 2001). O bem confere orientação à síntese na unidade objetiva dos diversos valores experimentados. Esta unidade revela, pois, uma certa estrutura "coisísitca", em que pese o conteúdo em si do bem não tenha em si nada de coisa, uma vez que está, sobretudo, penetrado de valor. Os valores não só manifestam à pessoa humana determinados bens, mas também a constituem e são o fundamento de sua essência. O bem não há de entender-se como coisa, mas como valor, porquanto é o valor em si mesmo em sua posição objetiva.

Até aqui se tratou do valor como fim, isto é, do valor como objeto de experiência emocional e, mais em particular, como objeto de conhecimento emocional. No entanto, o valor objetivo é também fim das aspirações. E é o fim da volição, em particular, que se diferencia dos demais tipos de aspiração pelo fato de que o sujeito mesmo coloca nela os fins aos quais deve tender. Para colocá-los deste modo, porém, o sujeito deve realizar a representação deles. Tal representação é, portanto, condição da própria vontade.

Então, é preciso levar em consideração o valor ético. Nesse ponto se encontra o principal elemento diferencial da ética scheleriana em relação à filosofia moral kantiana. Para Kant, o valor moral se reduz somente a um acordo puramente formal com a lei, forma *a priori* da razão prática (KANT, 2016). Por sua vez, para Max Scheler, os valores morais estão, em primeiro lugar, em relação com os valores objetivos (materiais) e, em segundo lugar, constituem eles mesmos tais valores objetivos (SCHELER, 2001). E como os valores morais são também valores objetivos como todos os outros, a eles também se referem os mesmos elementos gerais dos demais valores. Desse modo, também eles se manifestarão na experiência emocional, quer em sua origem no amor, quer como conteúdo de dita experiência vivida, e será possível conhecê-los pela experiência.

Desse modo, ingressa-se no problema central da ética de Max Scheler, a qual assume o nome de ethos, e se reduz à disposição dos valores morais dentro do conteúdo da vida emocional da pessoa. A hierarquia a priori dos valores objetivos, experimentados por um determinado sujeito do ato da vontade, tem uma importância imediata e fundamental para a manifestação dos mesmos valores na experiência desse sujeito. Essa constitui a razão pela qual tal estrutura receba em Max Scheler o nome de ethos, tendo em vista a conexão dos valores morais na experiência com a estrutura hierárquica dos valores objetos da experiência vivida (SCHELER, 2001).

REVISTA ACADÊMICA DA Faculdade Canção Nova

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

O SISTEMA ÉTICO-FILOSÓFICO DE MAX SCHELER E A ÉTICA CRISTÃ: A PERSPECTIVA FILOSÓFICO-TEOLÓGICA DE KAROL WOJTYLA

Marcius Tadeu Maciel Nahur
Mestre pelo Centro Universitário Salesiano de São Paulo – Lorena/SP.
Professor dos Cursos de Filosofia e Teologia da Faculdade Canção Nova

Max Scheler transfere o princípio do valor à vida moral radical e isso se reflete em sua relação com o segundo momento fundamental da vida moral: o dever. Constitui o dever o ponto forte de contraposição de Max Scheler a Immanuel Kant. A ética kantiana é a ética do imperativo. O dever assume fundamental importância nela. Moral é só viver o puro dever KANT, 2016). Para Max Scheler, entretanto, moral é só viver o puro valor. Dever e valor se excluem um ao outro. O valor confere à vida moral esse caráter positivo que o dever, enquanto pura obrigação, lhe retira por completo. O dever é unicamente fonte de pura negatividade na ética (SCHELER, 2001).

Destarte, a ética scheleriana dos puros valores, livre de todo dever, baseia-se em fundamentos emocionalistas. Na concepção de Max Scheler, toda ética é ética de certo amor ou ódio. Da orientação destes dois atos primários da vida emocional depende a configuração do mundo dos valores, tanto nas relações individuais como nas relações sociais. Essa noção é que configura o *ethos*, de tal modo que esse mesmo *ethos* contém já determinados valores morais, positivos e negativos.

O amor pode dirigir-se, antes de tudo, à própria pessoa, fazendo-a assim objeto de um ato de amor. De acordo com as premissas schelerianas sobre o amor, é preciso expor o valor essencial da pessoa. Com efeito, Max Scheler defende que esse amor permite entrar em contato imediato como o que ele chama de ideais da pessoa. Cabe indagar então: o que constitui o valor essencial da própria pessoa e por que tal valor é ideal? É ideal porque o fundam os valores ideais a que se dirigem determinados atos intencionais da pessoa. Nesses atos, a pessoa experimenta seu mundo ideal de valores de maneira que tais valores hão de se ver realizados pela pessoa. Desse modo, e como consequência do amor por si mesma, a pessoa experimenta seu próprio ideal ético (SCHELER, 2001). E por que há de ser ético ou ideal? Pela lei interna do *ethos*: os valores morais se manifestam na realização dos valores objetivos, que constituem o objeto dos mencionados atos emocionais. Por isso é ético tal ideal e ético é o apelo que os valores experimentados contêm. Assim, pode-se dizer que o amor pela própria pessoa tem um significado moral.

O ideal ético de uma pessoa deve servir de critério para avaliar seus atos no terreno ético. As normas gerais não são suficientes para tal fim, posto que todo homem há de ser julgado segundo a relação que exista entre suas ações e o ideal de valores que experimenta no amor à própria pessoa. Ao formular assim suas ideias a esse respeito, Max Scheler não deixa de introduzir sua própria concepção da consciência. Segundo ele, a fonte dos valores morais não é a consciência, e sim o amor, haja vista que é ele, o amor, que possibilita entrar em contato imediato com os valores essenciais da pessoa (SCHELER, 2001). O papel da consciência se reduz a recompilar em si os valores morais, os quais estão contidos, em certo sentido, nas normas gerais transmitidas pela tradição e apoiadas na autoridade, assim como os demais valores morais, que devem sua aparição à vitalidade da esfera pessoal, isto é, à experiência específica da pessoa. No sistema scheleriano, a consciência atua como uma forma econômica da visão moral. Trata-se da atividade normativa da própria da consciência, vale dizer, antes de tudo, a consciência é negativa e se expressa, sobremaneira, nas múltiplas proibições.

O amor à pessoa também traz à tona a questão do seguimento, o que implica o amor por outra pessoa. O seguimento impõe, por certo, um modelo. Nesse caso, o amor se vincula ao mesmo

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

Marcius Tadeu Maciel Nahur
Mestre pelo Centro Universitário Salesiano de São Paulo – Lorena/SP.
Professor dos Cursos de Filosofia e Teologia da Faculdade Canção Nova

valor essencial da pessoa a que se dirige. Sabe-se que nesse valor se fundam os valores ideais, quer dizer, os valores que a pessoa experimenta em seus atos intencionais. Tal é seu ideal pessoal. O amor leva a pessoa que começa a experimentar o mundo ideal dos valores da outra pessoa a inserir-se com seus atos intencionais nesse mundo e a apropriar-se dele. Essa apropriação se dá na medida em que a pessoa experimenta esses mesmos valores que encontra na pessoa modelo. Trata-se do ideal de discípulo. Esse seguimento é o princípio fundamental de expansão de um determinado ethos. Por isso, Max Scheler atribui grande importância aos tipos exemplares. Chega inclusive a elaborar uma tipologia especial de modelos (o santo, o gênio, o herói, o espírito organizador, entre outros), de acordo com os valores fundamentais em que se centra a vida emocional de cada um (SCHELER, 2001).

Max Scheler sublinha, com suma claridade, o princípio personalista na ética, tanto com sua concepção do ideal pessoal, quanto com seu conceito de seguimento, porém, não chega a transferi-lo ao plano da relação com Deus. Em seu sistema ético, Deus não aparece como pessoa-modelo, ainda que se encontre no cume de toda ordem pessoal. Todos os valores espirituais são valores pessoais, vale dizer, se reúnem na pessoa, tendo como base o próprio sujeito. Esta é precisamente a perspectiva eleita por Max Scheler para desenvolver toda sua concepção sobre a relação do homem com Deus. O homem é um ser vivente, mas também pessoa. A pessoalidade do homem encontra-se vinculada à experiência vivida dos valores. A pessoa, definida como ser-ato, constitui-se a categoria antropológica fundamental da ética scheleriana, à qual faz face o universo ordenado de valores.

O mandamento do amor, porém, não tem um significado normativo. O amor é um ato espontâneo e, portanto, não pode ser objeto de mandamento. A frase evangélica que contém o "mandamento do amor" não tem outra razão de ser senão definir, segundo Max Scheler, a regra ética do amor, indicando as consequências da experiência e da intenção de amor por uma pessoa, como por exemplo, o amor à pessoa de Jesus e aos seus ensinamentos (SCHELER, 2001).

Por fim, sanções ético-religiosas não têm sentido, pois, a pessoa, na ação moralmente boa, experimenta a mais profunda felicidade emocional, e, na ação moralmente má, ela experimenta a mais profunda infelicidade emocional. Portanto, nenhum bem ou mal procedente de fora é capaz de suscitar na pessoa experiências emocionais agradáveis ou desagradáveis (SCHELER, 2001). Somente a experiência com as ações boas ou más acarretará para a pessoa uma identificação com aquilo que lhe propicia contentamento ou desesperação.

Pode-se dizer que a ética scheleriana se apresenta como "[...] uma ética axiológica e personalista e foi como tal que exerceu uma influência profunda sobretudo sobre o pensamento ético de inspiração cristã" (VAZ, 1999, p. 431). Significa dizer que o pensamento scheleriano tem como pilares, organizados numa articulação sistemática, a fenomenologia, a experiência emocional-intencional, o bem, o valor, o valor como fim, o valor ético, o *ethos* - valores morais dentro do conteúdo da vida emocional da pessoa, o dever, o amor pela pessoa, o ideal ético, a consciência, o seguimento, a referência a Deus, o mandamento do amor e a sanção.

REVISTA ACADÊMICA DA Faculdade Canção Nova

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

Marcius Tadeu Maciel Nahur
Mestre pelo Centro Universitário Salesiano de São Paulo – Lorena/SP.
Professor dos Cursos de Filosofia e Teologia da Faculdade Canção Nova

4. LIMITAÇÕES DO SISTEMA ÉTICO-FILOSÓFICO SCHELERIANO PARA A ÉTICA CRISTÃ: A CRÍTICA DE KAROL WOYTYLA

Assinaladas essas premissas, agora, passa-se à análise dos argumentos wojtylianos que apontam para as limitações do sistema ético-filosófico scheleriano para uma compreensão aprimorada e plena da ética cristã.

A tese wojtyliana da limitação, basicamente, está ancorada em seis argumentos. Com esses argumentos Karol Wojtyla manifesta sua restrição em se adotar o sistema ético scheleriano como suficiente para a plena compreensão da ética cristã.

O primeiro é de que há, naquele sistema, uma redução fenomenológica da pessoa à unidade da prática de atos em forma empírica de experiência, faltando-lhe a dimensão metafísica da pessoa (WOJTYLA, 1982). Para Karol Wojtyla, na tese personalista scheleriana, a pessoa se reduz à unidade de diversos atos, mas esses atos lhe são dados não em forma metafísica, e sim na forma empírica da experiência. Dessa maneira, a pessoa se apresenta como uma unidade de experiências. Na pessoa assim entendida se manifesta o valor ético. A pessoa percebe o valor ético em si mesma de moo afetivo-intencional. Significa dizer que a pessoa se experimenta como "[...] como origem dos valores éticos" (WOJTYLA, 1982, p. 207, tradução nossa).

O segundo refere-se ao limite do sistema à percepção afetivo-cognoscitiva dos valores, carecendo da inteligibilidade da razão teórico-prática objetiva, capaz de captar e tornar objetiva a relação causal da pessoa a respeito dos valores éticos. Para Karol Wojtyla, não se sabe nem se pode afirmar nada sobre o modo em que os atos procedem causalmente da pessoa. Com mais razão ainda, não se pode dizer nada sobre o modo em que os valores éticos, vinculados a esses atos, dependem da causatividade da pessoa. Ocorre que Max Scheler recusa o ser da pessoa como ser substancial que atua mediante uma soma de atos, vale dizer, "[...] de experiências coexperimentadas na experiência da unidade pessoal" (WOJTYLA, 1982, p. 208, tradução nossa). Essa refutação ao sistema scheleriano, por parte de Karol Wojtyla, se dá porque ele, Max Scheler, se vale de premissas teórico-cognoscitivas da fenomenologia, de tal modo que os valores se manifestam, em especial os valores éticos, apenas como conteúdos de uma percepção afetivo-cognoscitiva.

O terceiro está relacionado com a base emocionalista-intuitiva do sistema, tida como fio condutor de uma intencionalidade na busca dos valores éticos, muito embora fique desidratada aquela noção realista em que a pessoa, como sujeito causal de seus atos, é também causa eficiente dos diversos valores éticos neles contidos. Segundo Karol Wojtyla, dessa maneira, fica-se apartado da "[...] posição realista da ética, que consiste na análise dos valores éticos que se realizam na atividade da pessoa" (WOJTYLA, 1982, p. 209, tradução nossa). Logo, o que se encontra em Max Scheler, na ótica wojtyliana, é um ethos emocionalista. O sistema ético de Max Scheler encontra o valor ético na pessoa, mas somente porque a pessoa o percebe de um modo afetivo-intencional, e não porque a pessoa, como sujeito causal de seus atos, seja a causa eficiente dos muitos valores éticos neles contidos.

REVISTA ACADÊMICA DA Faculdade Canção Nova

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

Marcius Tadeu Maciel Nahur
Mestre pelo Centro Universitário Salesiano de São Paulo – Lorena/SP.
Professor dos Cursos de Filosofia e Teologia da Faculdade Canção Nova

O quarto diz respeito ao amor apenas emocional que o sistema privilegia como sustentáculo da vida ética da pessoa, mas, no fundo, deixa esvaziado o aspecto essencial do amor na consciência com seu exigente caráter normativo, apto a fixar a essência da vida ética na atividade causal da pessoa e sua relação com o bem e o mal. Segundo Karol Wojtyla, quando Max Scheler anula, em seu sistema, o papel da consciência na vida moral da pessoa, ele o faz para subordiná-la à percepção afetivo-intencional, o que caracteriza o seu emocionalismo: "[...] não é a relação causal da pessoa a respeito dos valores éticos o que constitui a essência mesma da experiência ética, senão a experiência emocional de tais valores" (WOJTYLA, 1982, p. 210, tradução nossa). É como dizer que por detrás do ato da consciência não se encontra o amor da pessoa; o amor se encontra detrás dos atos da percepção afetivo-emocional. O amor não tem qualquer relação com a atividade causal da pessoa, com sua vontade nem com seus atos, porque é mera emoção. Esse amor puramente emocional é "[...] a raiz mais profunda da vida ética" (WOJTYLA, 1982, p. 210, tradução nossa). Entretanto, a ética cristã requer a busca do conteúdo ético da vida na atividade que se produz no interior, no mais profundo da pessoa, mediante o amor. Sem reconhecer esse princípio não seria possível interpretar, de forma correta, os ensinamentos da ética cristã, que orienta sobre o bem e o mal, mostrando os meios para o aperfeiçoamento moral de cada pessoa.

O quinto está ligado ao seguimento sugerido pelo sistema, contudo, na realidade, ele se caracteriza como uma aproximação de superfície, sempre na dependência da experiência emocional e intencional dos valores da parte do seguidor, permanecendo-lhe ausente, porém, um profundo e realista vínculo causal dos seguidores com a natureza e o valor transcendente da pessoa, haja vista ser ela que antecipa e condiciona valores éticos. Para Karol Wojtyla, o sistema scheleriano não é suficiente porque o seguimento ético de uma pessoa por parte de outra não está vinculado a uma relação causal dessa pessoa com respeito aos valores éticos, de tal modo que "[...] reduz a experiência intencional de tais valores por parte da pessoa" (WOJTYLA, 1982, p. 211, tradução nossa). Ao coexperimentar, mediante o amor pela pessoa do mestre, seu mundo de valores éticos, o seguidor experimenta intencionalmente, em sua percepção afetiva, aqueles mesmo valores éticos. A isso se reduz o seguimento scheleriano, o que fica ainda um tanto distante de alcançar todo o conteúdo do seguimento oferecido pela ética cristã ensinada pelo seu mestre.

O sexto e último indica que, não obstante o sistema pretenda ordenar uma ética material de valores, remanesce frágil sua condição de possibilidade para alcançar a totalidade da ordem ética objetiva, uma vez que lhe falta ultrapassar a dimensão intencional de percepção afetiva, para alçar-se à perfeição real da pessoa, enquanto um valor ético, de modo que possa levar a marca indelével da causatividade da pessoa. Na concepção de Karol Wojtyla, toda a ordem do bem, na qual a ética cristã põe os valores morais, "[...] não pode ser captado mediante o sistema de Scheler, sobretudo devido a suas premissas fenomenológicas" (WOJTYLA, 1982, p. 213, tradução nossa). É sobre a ordem objetiva que se baseia o mesmo valor ético, porém, não como conteúdo intencional da pessoa afetiva, mas sim como perfeição da pessoa e, nesse sentido, como valor pessoal. A perfeição real da pessoa é um valor moral, porquanto leva consigo a marca da causatividade da pessoa.

REVISTA ACADÊMICA DA Faculdade Canção Nova

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

Marcius Tadeu Maciel Nahur
Mestre pelo Centro Universitário Salesiano de São Paulo – Lorena/SP.
Professor dos Cursos de Filosofia e Teologia da Faculdade Canção Nova

5. CONTRIBUIÇÕES DO SISTEMA ÉTICO-FILOSÓFICO SCHELERIANO PARA A ÉTICA CRISTÃ: O POSICIONAMENTO DE KAROL WOJTYLA

Apesar dessas carências apontadas, as quais tornam o sistema scheleriano limitado para a plena inteligibilidade da ética cristã, Karol Wojtyla reconhece que ele pode oferecer algumas contribuições que auxiliam na sua compreensão. A tese wojtylina do auxílio que o sistema ético-filosófico scheleriano pode dar para a compreensão da ética cristã é sustentada em quatro argumentos.

O primeiro assinala que o sistema facilita a análise dos atos constitutivos dos fatos éticos, por meio da experiência fenomenológica, o que permite retê-los como experiência do valor, não sendo pertinente entender essa captura como mera introspecção, enquanto experiência interior (WOJTYLA, 1982).

O segundo é que o sistema ajuda na constante identificação, pela via fenomenológica, dos valores éticos positivos (como valores mesmo, por exemplo, pureza, respeito, amor, entre outros) e dos valores éticos negativos (como desvalores, por exemplo, corrupção, usurpação, entre outros), valendo destacar, ainda, que não se trata de criação, mas de reconhecimento de valores dados, existentes em sua objetividade (WOJTYLA, 1982).

O quarto e último sinaliza que o sistema contribui para mostrar o valor ético, enquanto manifestação na vida da pessoa, na ocasião de seu agir, o que propicia evoluir desse ponto para uma razão objetiva mais profunda e densa, inclusive, com sua função positiva ou negadora, na medida em que não é suficiente apenas a experiência fenomenológica, exigindo-se algo mais além dela, no caso, o arrimo da dimensão metafísica (WOJTYLA, 1982).

Para levar adiante o projeto de voltar às coisas mesmas e responder à pergunta sobre a identidade do ser humano, Karol Wojtyla aborda o ser humano como pessoa. Ele toma como ponto de partida a experiência do homem, especialmente, o homem que age ou realiza a ação. É o estudo da ação que revela a pessoa, vale dizer, o estudo da pessoa através da ação (WOJTYLA, 2005).

Assim, ao escolher o percurso da ação à pessoa, e não da pessoa à ação, Karol Wojtyla deixa claro que sua intenção é partir da experiência, e não de um conceito já formulado de pessoa. Ancorado no princípio metafísico o agir segue o ser em ato - agere sequitur esse in actu - assentado por Tomás de Aquino na obra Suma contra los gentiles -, Karol Wojtyla parte da experiência do sujeito agente e pretende chegar ao ser desse sujeito que age (WOJTYLA, 2005).

O terceiro aponta que o sistema colabora para transitar da experiência do bem e do mal moral para a consciência dos atos na ordem absoluta, necessária e universal do bem, este entendido como princípio objetivo, de tal modo que não se acesse esse bem apenas como condição de possibilidade, mas, sobretudo, como fundamento transcendente (WOJTYLA, 1982).

Para ele, a experiência não se identifica com o empirismo, pois, reduzir todas as experiências a funções e conteúdos dos sentidos se afigura um equívoco. Quando a pessoa é objeto de investigação, o não reducionismo é algo muito importante a ser considerado. Por isso, a experiência deve ser tida

REVISTA ACADÊMICA DA Faculdade Canção Nova

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

Marcius Tadeu Maciel Nahur
Mestre pelo Centro Universitário Salesiano de São Paulo – Lorena/SP.
Professor dos Cursos de Filosofia e Teologia da Faculdade Canção Nova

como fonte e base de todo conhecimento sobre os objetos, porém, isso não quer dizer que haja uma só e única forma de experiência e que esta "[...] experiência seja denominada 'sensível'. [...] Em oposição ao reducionismo empirista, existem, portanto, muitas formas de experiência nas quais se dão objetos individuais para que sejam tomadas em consideração [...]" (WOJTYLA, 2005, p. 843, tradução nossa).

Há dois aspectos na experiência da pessoa humana: o interior e o exterior. Eles operam em simultaneidade. A experiência interior, contudo, se dá comigo mesmo, e não com outrem. A experiência interna do "eu" é intransferível. As demais pessoas são exteriores, o que significa que se encontram em posição dialética à interioridade do "eu". Elas vêm de fora e são incluídas na experiência do "eu". Interioridade e exterioridade são complementares e compensatórias no conhecimento integral da pessoa humana. A concepção da experiência como um misto de sensação e uma primeira intelecção no mesmo ato significa certo distanciamento de Karol Wojtyla "[...] do esquema clássico que considera que o conhecimento começa com os conteúdos que proporcionam os sentidos sobre os quais depois atua a inteligência" (BURGOS, 2014, p. 91, tradução nossa).

Ao observar a ação, ele encontra o elemento humano chamado consciência, um ato que acompanha o conhecimento sensitivo e intelectivo, gerando um entendimento concomitante. Karol Wojtyla não pretende negar que ter consciência é sempre ter consciência de algo, como entende a fenomenologia em geral; contudo, ele vai além dessa concepção, afirmando que a consciência tem dupla função. Ela se caracteriza pela reflexibilidade e pela reflexão.

A via de acesso à consciência é experiência, a qual permite que se torne objetivo todo o dinamismo humano. Cabe à consciência formar o conhecimento da pessoa e lhe possibilitar a experiência da própria subjetividade. A experiência do "eu" fica condicionada por essa atividade. No exercício da reflexibilidade, a consciência franqueia à pessoa o conhecimento de seu ato de forma mais apropriada e sua própria identidade. Por sua vez, a reflexão possibilita ao intelecto voltar-se para seu conteúdo e conhecê-lo de forma mais elaborada. A reflexão propicia distinguir o ser sujeito do "[...] experimentar o próprio eu enquanto sujeito dos próprios atos e experiências" (WOJTYLA, 2005, tradução nossa).

A reflexividade conduz a experenciar o bem e o mal no eu, enquanto a reflexão, que tem íntima relação com o autoconhecimento, leva à aquisição de um conhecimento elaborado do bem e do mal. A consciência depende do autoconhecimento; no entanto, ele é a intelecção de um particular, que é o eu, e não de um universal. O autoconhecimento tem como base dados exteriores à consciência. Ainda que tenha estreita ligação com a consciência, o conhecer-se a si mesmo ultrapassa seus limites. A emoção pode obnubilar a consciência.

A pessoa humana não só reflete, mas também sente. A emoção se mistura à reflexividade e à reflexão, alterando o caráter de ambas. Sentimentos podem dominar a sua inteligibilidade e interromperem a autoconsciência. Tal fenômeno ocorre de acordo com a intensidade das emoções. Neste ponto, a pessoa humana é consciente de suas emoções, não obstante, por vezes, nem mesmo consiga as controlar. O conhecimento de si mesmo é decisivo, diante desse quadro emocional, cabendo-lhe contribuir para que as emoções não cheguem a dominar a consciência por completo. A

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

Marcius Tadeu Maciel Nahur
Mestre pelo Centro Universitário Salesiano de São Paulo – Lorena/SP.
Professor dos Cursos de Filosofia e Teologia da Faculdade Canção Nova

consciência também não é uma realidade independente e autossuficiente.

O idealismo moderno se equivoca ao pretender tornar a consciência um sujeito autônomo e absoluto. Experiências e valores perdem sua condição de realidade nessa concepção. Deixam de ser algo real e se apresentam apenas como um fenômeno da consciência. Com suas funções de reflexividade e reflexão, a consciência possibilita à pessoa humana que alcance inteligibilidade de suas ações, perceba a dinâmica delas e, ainda, experencie essas mesmas ações como dinamismos pertencentes aos sujeitos agentes.

A função de reflexividade origina a subjetividade da pessoa, conferindo-lhe a oportunidade para se experenciar como sujeito. A função de reflexão, por sua vez, permite que a pessoa humana espelhe, retome e aprofunde os conteúdos já conhecidos. Assim entendida, a consciência é condição da ação voluntária. Com ela, a pessoa humana tem condições de agir de forma consciente, ter consciência de agir e de experenciar-se como como fonte da ação, além de poder vivenciar os valores do bem e do mal como algo dela mesmo.

A consciência é dependente da verdade. Apesar de seu caráter mental, a função de reflexividade condiciona a experiência da verdade, enquanto a função de reflexão adquire seus conteúdos significativos de processos ativos, teóricos e práticos, que estão direcionados para a verdade. Desse modo, "[...] sem a verdade (ou quando não se está em contato com ela), fica impossível perceber e interpretar corretamente a consciência ou, em termos mais gerais, todo o sistema específico da função e da ordem moral" (WOJTYLA, 2005, tradução nossa). A consciência também não é produtora de suas próprias leis. Ela não tem função legisladora, cabendo-lhe descobrir as normas na esfera objetiva da moralidade. Quando se perde essa noção, há o risco do subjetivismo arbitrário e do esfacelamento ôntico do ser pessoal, de tal modo que a rejeição da lei natural na ética conduz a consequências semelhantes (WOJTYLA, 2005). Por conseguinte, é importante notar que "[...] a função da consciência não pode ser reduzida a uma dedução ou aplicação mecânica de normas, cuja veracidade reside em fórmulas abstratas" (WOJTYLA, 2005, tradução nossa). A moralidade possui um núcleo objetivo que é consubstanciado por princípios de atuação indeclináveis, inclusive, aquele que remete à dignidade da pessoa humana. A questão da fundamentação dessa dignidade é de crucial relevância.

Karol Wojtyla demonstra seu propósito de convergir a filosofia do ser com a filosofia da consciência. Ele considera que a filosofia da consciência, notadamente na perspectiva fenomenológica, enriqueceu o conhecimento dos fenômenos empíricos da espiritualidade humana, porém, "[...] não se decidiu dar o passo metafísico dos sintomas aos fundamentos, isto é, na linguagem de Tomás de Aquino, dos efeitos à causa" (GIOVANNI PAOLO II, 2013, p. 49). A compreensão do homem, como ente pessoal, não é só condição, mas também um dos fundamentos para a afirmação do valor e da dignidade da pessoa humana. Karol Wojtyla acolhe a concepção tomista de que a existência do ente se torna possível por sua participação no Ser, o que envolve, inclusive, participar de seu valor. O valor e a dignidade da pessoa humana se manifestam, de modo mais claro, à medida que ela cresce em consciência de que é ente participante do Ser.

Com o ato de consciência, a pessoa coloca diante de si mesma suas ações no mundo, faz

REVISTA ACADÊMICA DA Faculdade Canção Nova

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

Marcius Tadeu Maciel Nahur
Mestre pelo Centro Universitário Salesiano de São Paulo – Lorena/SP.
Professor dos Cursos de Filosofia e Teologia da Faculdade Canção Nova

experiência de si como sujeito e dialoga como seu próprio "eu". Uma indagação, contudo, se apresenta inevitável: que espaço Karol Wojtyla encontra na filosofia do ser tomista para inserir a temática da consciência? A resposta está no clássico tema metafísico do *suppositum*, ou seja, o sujeito do ato de ser, fonte de toda e qualquer perfeição. Quando esse conceito é transportado para a antropologia, diz-se que o ser e as ações humanas subsistem em um sujeito ou *suppositum* (WOJTYLA, 2005).

Com base no sujeito do ato de ser e na consciência, Karol Wojtyla traz a chamada subjetividade ôntica ou metafísica (*suppositum*) e a subjetividade pessoal (consciência), ambas reunidas na noção de "eu", entendido como termo que expressa a pessoa humana.

A pessoa humana se torna "alguém", a partir da experiência, com a qual se soma a consciência, de tal modo que essa conjugação lhe revela sua interioridade, individualidade e irrepetibilidade (WOJTYLA, 2005). Por isso, se fala em inclinação a ser "alguém". No dinamismo da experiência, à qual se junta a consciência, o homem "[...] se torna sempre 'mais alguma coisa' e contemporaneamente 'alguém'" (WOJTYLA, 2005, p. 951, tradução nossa). A essa inclinação a ser "alguém", agora, é possível acrescentar um predicativo, vale dizer, "alguém bom". Entretanto, é preciso perguntar: por que essa inclinação ao bem? Porque somente inserindo o bem na ação a pessoa humana tem condições de levar em frente seu projeto pessoa de realização, isto é, ser pessoa humana em plenitude, tal como se pode observar nos seguintes dizeres:

> Realizando uma ação, nela eu realizo a mim mesmo, se esta ação é 'boa', ou seja, está de acordo com a consciência (acrescentemos: com consciência boa ou também honesta). Mediante esta ação eu mesmo 'me torno' bom e 'sou' bom como pessoa. O valor moral penetra em toda profundidade da estrutura ôntica do *suppositum humanum*. O contrário disso é o ato em desacordo com a consciência (WOJTYLA, 2005, p. 1352, tradução nossa).

Em termos morais, portanto, a pessoa humana se realiza por meio do bem. A ação moral tem como fim a pessoa pela pessoa. Nesse sentido, o agir humano tem vários fins, objetos e valores aos quais se dirige. Entretanto, no tocante a esses vários fins, objetos e valores, em sua ação consciente, a pessoa humana não pode deixar de reportar a si mesma como fim, ou seja, não pode se referir a fins, objetos e valores sem decidir sobre si mesma. Nessa esteira, se a pessoa se submeter à verdade do bem, por ela mesma apreendida, e deixar que essa verdade conduza suas ações, a pessoa se torna mais livre, ou seja, se realiza em maior grau. A realização de si não coincide com a realização do ato, posto que depende do seu valor moral. Por isso, com clareza meridiana, é possível entender o seguinte: "Eu me faço, eu me realizo, não pelo fato que realizo uma ação, mas pelo fato que eu me torno bom quando este ato é moralmente bom" (WOJTYLA, 2005, p. 1353, tradução nossa).

É a escolha da verdade que assegura a liberdade da pessoa humana. A doação, entrega ao outro chama-se amor. Trata-se de uma ação que coloca em movimento a liberdade. Por seu turno, esse movimento indica algo muito significativo para o entendimento da liberdade: "[...] a liberdade é um meio; o amor é um fim" (WOJTYLA, 2005, p. 596, tradução nossa). Para se doar, a pessoa humana precisa dispor de si mesma, ou seja, ser livre para essa doação. Dessa maneira, a liberdade é para o

REVISTA ACADÊMICA DA Faculdade Canção Nova

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

Marcius Tadeu Maciel Nahur
Mestre pelo Centro Universitário Salesiano de São Paulo – Lorena/SP.
Professor dos Cursos de Filosofia e Teologia da Faculdade Canção Nova

amor e no amor ela encontra o seu sentido mais pleno.

O pensamento de Karol Wojtyla considera a pessoa não apenas sob a ótica fenomenológica, mas também ontológica, um sujeito pessoal e ôntico, inclinado a ser alguém moralmente bom, por meio do exercício da liberdade, orientada pela verdade, coexistindo e agindo junto com o outro. O fundamento da ação moral é a verdade do bem e é ela que assegura à pessoa humana a capacidade de conhecer, de escolher e de se realizar na relação "eu-tu", vale dizer, uma relação de caráter personalista, vivida com experiência, consciência e liberdade. Uma relação que tem a pessoa como valor e reconhece o valor da pessoa. Na relação "eu-tu", as partes são subjetividade ôntica ou subjetividade metafísica (*suppositum*) e subjetividade pessoal (consciência) e geram a comunidade autenticamente pessoal, a *communio*, isto é, "[...] uma relação entre as pessoas que é própria apenas delas; e também indica o bem que essas pessoas trocam umas com as outras ao dar e receber em uma relação recíproca" (WOJTYLA, 2007, p. 60, tradução nossa).

A ação humana não está apenas direcionada a um fim ou bem, mas unido está um fim pessoal ou bem pessoal, pois, uma relação que tem a pessoa como valor e reconhece o valor da pessoa. Dada sua natureza de participante do Ser, a pessoa não pode ser instrumentalizada. Por ser fim em si mesma e por sua intrínseca dignidade, ela não pode ser levada à coisificação. O nome pessoa exprime uma perfeição ontológica própria do ser humano, que é diminuído a objeto se reduzido a patamar inferior ao que lhe é próprio, caracterizando-se como instrumento ou coisa.

Em sentido objetivo, a pessoa humana não pode ser usada como meio para algum fim, sob o risco de ser violentada em sua dignidade das mais diversas formas. Pela lei natural, ela é sempre fim da ação e sua estrutura ontológica lhe assegura ser tratada como fim. Neste caso, Karol Wojtyla demonstra sua adesão ao personalismo moderno kantiano, mas não em sua inteireza, haja vista que a matriz personalista wojtyliana indica o amor como norma, não se limitando ao dever de não usar a pessoa como meio.

Em seu acolhimento parcial do personalismo moderno, com base na obra *Fundamentação da metafísica dos costumes*, de Immanuel Kant, ao falar do amor e responsabilidade, Karol Wojtyla assinala que "[...] ninguém pode servir-se de uma pessoa como um meio, nem sequer o Deus -Criador" (WOJTYLA, 2005, p. 471, tradução nossa). Para ele, o imperativo kantiano, ao afastar o tratamento da pessoa como meio,

> [...] tem um caráter negativo e não esgota o inteiro conteúdo do mandamento do amor. Se Kant desse modo ressalta fortemente que a pessoa não pode ser tratada como objeto de gozo, faz isso para contrapor-se ao utilitarismo anglo-saxão e, desse ponto de vista, pode ter alcançado seu objetivo. Kant, todavia, não interpretou plenamente o mandamento do amor. Na verdade, ele não se limita a excluir todo comportamento que reduz a pessoa a mero objeto de prazer, porém, exige mais ainda: exige a afirmação da pessoa por si mesma (JONH PAUL II, 1995, p. 186, tradução nossa).

REVISTA ACADÊMICA DA Faculdade Canção Nova

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

Marcius Tadeu Maciel Nahur
Mestre pelo Centro Universitário Salesiano de São Paulo – Lorena/SP.
Professor dos Cursos de Filosofia e Teologia da Faculdade Canção Nova

Em sentido subjetivo, o uso da pessoa significa "[...] vivenciar o prazer, esse prazer que em vários matizes está unido à ação e ao objeto da ação" (WOJTYLA, 2005, p. 487, tradução nossa). Tudo se torna meio para um resultado prazeroso, inclusive a pessoa, podendo condicionar a ação humana nas diversas situações existenciais. O prazer não é algo mau em si, podendo se manifestar na ação de modo ocasional. Ele não deve ser, entretanto, o fim último do agir humano.

A consciência moral pode exigir, até mesmo, a prática de um bem que implique renúncia deste ou daquele prazer. O amor verdadeiro consiste na afirmação do ser humano como pessoa: quem ama não usa. O amor da pessoa pela pessoa se mostra, em sua veracidade, pela ação de quem afirma amar. O amor deve ter como fim a outra pessoa, o próximo, o que envolve dupla solução: a negativa e a positiva. A solução negativa é não usar, pois, quem usa não ama. A solução positiva é amar, porquanto, só a pessoa é capaz de partilhar o amor.

O amor da pessoa para a pessoa permite entender o ser humano como um bem que não pode ser colocado no mesmo nível de um objeto de uso, equivalente a um meio para se alcançar um fim. Somente o amor é apto a estabelecer e manter uma relação própria e plena entre pessoas que, no ato de amor, realizam a atualização de suas potencialidades. O amor verdadeiro é orientado para o bem autêntico e possibilita o desenvolvimento da essência da pessoa. É preciso que o ato de amar corresponda à natureza do ser pessoal. Por corresponder à natureza e aos valores da pessoa, o amor manifesta a intrínseca relação entre a antropologia e a ética. Não por outro motivo, no pensamento wojtyliano, é possível identificar o seguinte:

> O mandamento do amor constitui também a medida das tarefas e das exigências com que se deve enfrentar todo o homem – todas as pessoas e todas as comunidades – para que se converta em uma realidade todo o bem contido no atuar e no existir junto com os outros (WOJTYLA, 2005, p. 1135, tradução nossa).

Não obstante ser um mandamento, a norma do amor emerge do interior da pessoa, porém, não se reduz a uma experiência emocional. A amor é o bem maior para a pessoa e é "[...] a única energia que, por si só, permite aproximar-se muito de uma pessoa, entrar em seu mundo e, de certa forma, (moralmente) identificar-se com seu ser" (WOJTYLA, 1997, p. 302, tradução nossa).

A compreensão wojtyliana da pessoa humana não se conclui nos limites da fenomenologia, exigindo-se sua elevação ao plano metafísico, a partir dessa abordagem fenomenológica, do mesmo modo que é preciso ir dos efeitos às causas primeiras das coisas. A pessoa é preservada na participação. Participar não consiste apenas em associar-se. Mais que isso, quer dizer ser pessoa. A concepção antropológica wojtyliana dá sustentação a uma ética da realidade do humano, haja vista que o homem-pessoa se caracteriza, sobretudo, pela inteligência, consciência, liberdade, integração dos dinamismos corpóreos, psíquicos e espirituais, cuja ação se orienta pelo ser. Não é possível uma ética autêntica para a pessoa sem uma antropologia autêntica. A pessoa humana não é apenas um exemplar da espécie. Sua dignidade e seu valor estão inscritos em sua estrutura ontológica.

REVISTA ACADÊMICA DA Faculdade Canção Nova

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

Marcius Tadeu Maciel Nahur
Mestre pelo Centro Universitário Salesiano de São Paulo – Lorena/SP.
Professor dos Cursos de Filosofia e Teologia da Faculdade Canção Nova

A compreensão fenomenológica do ser humano precisa ser continuada pelo aprofundamento metafísico. Assim, a pessoa é entendida como uma síntese dinâmica de corpo, alma e espírito. Para Karol Wojtyla, o entendimento personalista não se apresenta tanto como "[...] uma teoria particular da pessoa ou uma ciência teórica sobre a pessoa. Ele possui um amplo significado prático e ético: trata da pessoa como um sujeito e objeto da ação [...]" (WOJTYLA, 1997, p. 304, tradução nossa). A pessoa é o sujeito ôntico do valor ético. Ela não se limita a ser seu sujeito fenomenológico, o que se manifesta na experiência do ser humano, a partir da qual a ética inicia sua constituição.

É preciso buscar um fundamento metafísico para se compreender, de maneira mais realista e integral, o homem-pessoa. Por mais que esse processo investigativo comece pela fenomenologia, avançando da experiência para a consciência, ela não tem o condão de conduzir essa compreensão às raízes da razão de ser desse homem-pessoa. Destarte, para Karol Wojtyla, é imprescindível escavar uma base ontoética para se alcançar o fundamento mais profundo no tocante à compreensão da pessoa humana em sua exponencial dignidade e valor.

6. CONCLUSÃO

Karol Wojtyla analisou a adequação do sistema ético-filosófico scheleriano para interpretar a ética cristã, entendida como aquela que envolve verdades éticas reveladas por Deus e propostas pela instituição eclesiástica como princípios norteadores do comportamento moral das pessoas.

Ele reconhece que a ética fenomenológica é uma das principais correntes de pensamento ético contemporâneo e as suas matrizes teóricas trazem certos fundamentos para orientação da conduta moral nos tempos em curso.

Para Karol Wojtyla, sistema ético elaborado por Max Scheler, particularmente, traz elementos básicos para esse propósito, bastante desafiador, nos tempos hodiernos, vale frisar, de direcionar o comportamento moral, tais como, a fenomenologia, a experiência emocional-intencional, o bem, o valor, o valor como fim, o valor ético, o ethos - valores morais dentro do conteúdo da vida emocional da pessoa, o dever, o amor pela pessoa, o ideal ético, a consciência, o seguimento, a referência a Deus, o mandamento do amor e a sanção.

Depois de identificada a estrutura do sistema ético scheleriano, Karol Wojtyla procurou demonstrar a limitação do sistema ético proposto por Max Scheler para a perfeita compreensão da ética cristã.

O sistema scheleriano caracteriza-se por uma redução fenomenológica da pessoa à unidade da prática de atos em forma empírica de experiência, faltando-lhe a dimensão metafísica da pessoa.

Há o aprisionamento do sistema à percepção afetivo-cognoscitiva dos valores, faltando-lhe a inteligibilidade da razão teórico-prática objetiva, indispensável para se captar e tornar objetiva a relação causal da pessoa a respeito dos valores éticos.

Percebe-se a base emocionalista-intuitiva do sistema, fio condutor de uma intencionalidade na busca dos valores éticos, mas que deixa enfraquecida aquela noção realista em que a pessoa, como sujeito causal de seus atos, é também causa eficiente dos diversos valores éticos neles contidos.

REVISTA ACADÊMICA DA Faculdade Canção Nova

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

Marcius Tadeu Maciel Nahur
Mestre pelo Centro Universitário Salesiano de São Paulo – Lorena/SP.
Professor dos Cursos de Filosofia e Teologia da Faculdade Canção Nova

Nota-se o amor apenas emocional que o sistema enfatiza como âncora da vida ética da pessoa, porém, no fundo, deixa esvaziado o aspecto essencial do amor na consciência com seu exigente caráter normativo, capaz de firmar a essência da vida ética na atividade causal da pessoa e sua relação com o bem e o mal.

De fato, há o seguimento sugerido pelo sistema, mas, na realidade, ele se caracteriza como uma aproximação superficial, porque fica na dependência da experiência emocional e intencional dos valores da parte do seguidor, faltando-lhe um profundo e realista vínculo causal dos seguidores com a natureza e o valor transcendente da pessoa, à qual cabe antecipar e condicionar valores éticos.

Além disso, não obstante o sistema pretenda ordenar uma ética material de valores, ele permanece frágil sua condição de possibilidade para alcançar a totalidade da ordem ética objetiva, haja vista que lhe falta ultrapassar a dimensão intencional de percepção afetiva, para elevar-se à perfeição real da pessoa, enquanto um valor ético, de maneira que possa levar a marca indelével da causatividade da pessoa.

Apesar dessas carências identificadas, as quais fazem o sistema scheleriano ter limitações para a plena inteligibilidade da ética cristã, Karol Wojtyla reconhece que ele pode auxiliar na sua compreensão.

O sistema facilita a análise dos atos constitutivos dos fatos éticos, por meio da experiência fenomenológica, o que permite retê-los como experiência do valor, não sendo pertinente entender essa captura como mera introspecção, enquanto experiência interior.

Ele possibilita a constante identificação, pela via fenomenológica, dos valores éticos positivos (como valores mesmo, por exemplo, pureza, respeito, amor, entre outros) e dos valores éticos negativos (como desvalores, por exemplo, corrupção, usurpação, entre outros), cabendo assinalar, ainda, que não se trata de criação, e sim de reconhecimento de valores dados, existentes em sua objetividade.

Outrossim, colabora para a migração da experiência do bem e do mal moral para a consciência dos atos na ordem absoluta, necessária e universal do bem, este entendido como princípio objetivo, de tal maneira que não se acesse esse bem apenas como condição de possibilidade, mas, mormente, como fundamento transcendente.

E, de igual modo, contribui para mostrar o valor ético, enquanto manifestação na vida da pessoa, na ocasião de seu agir, o que viabiliza a evolução desse ponto para uma razão objetiva mais profunda e densa, inclusive, com sua função positiva ou negadora, haja vista que não é suficiente somente a experiência fenomenológica, exigindo-se algo mais além dela, no caso, o sustentáculo da metafísica.

Para Karol Wojtyla, é imprescindível buscar um fundamento metafísico para se compreender, de maneira mais realista e integral, o homem-pessoa. Ainda que esse processo de busca tenha como ponto de partida a fenomenologia, avançando da experiência para a consciência, ela não é sozinha capaz de encaminhar essa compreensão até as raízes da razão de ser desse homem-pessoa. Afinal, na ótica wojtyliana, é indispensável uma base ontoética para que se chegue ao fundamento mais profundo de compreensão da indeclinável dignidade e do inestimável valor da pessoa humana.

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

Marcius Tadeu Maciel Nahur
Mestre pelo Centro Universitário Salesiano de São Paulo – Lorena/SP.
Professor dos Cursos de Filosofia e Teologia da Faculdade Canção Nova

REFERÊNCIAS

AQUINO, Tomás de. **Suma contra los Gentiles**. Traducción de Fr. Jesús M. Pla Castellano. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1953. v. II. 1015 p.

BRENTANO, Franz Clemens Honoratus Hermann. **Psicología desde el punto de vista empírico**. Traducción de Sergio Sánchez Migallón. Salamanca: Sígueme, 2020. 320 p.

BRENTANO, Franz Clemens Honoratus Hermann. **El origen del conocimiento moral**. Traducción de Manuel García Morente. Madrid: Tecnos, 2013. 128 p.

BURGOS, Juan Manuel. **Para compreender a Karol Wojtyla: una introducción a su filosofia**. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2014. 160 p.

GIOVANNI PAOLO II. **Memoria e identità: colloqui nella transizione del millenio**. Milano: BUR, 2013.

HUSSERL, Edmund Gustav Albrecht. **Investigações Lógicas: investigações para a fenomenologia e a teoria do conhecimento**. Tradução de Pedro M. S. Alves e Carlos Aurélio Morujão. Rio de Janeiro: Gen/ Forense Universitária, 2012. 450 p.

JOHN PAUL II. **Crossing the Threshold of Hope**. New York. Knopf, 1995. 256 p.

KANT, Immanuel. **Fundamentação da metafísica dos costumes**. Tradução de Paulo Quintela. Lisboa: Edições 70, 2019. 138 p.

KANT, Immanuel. **Crítica da Razão prática**. Tradução de Monique Hulshof. Petrópolis: Vozes, 2016. 240 p.

SCHELER, Max. **Ética** – Nuevo ensayo de fundamentación de um personalismo ético. Traducción de Hilario Rodríguez Sanz. Madrid: Caparrós, 2001. 758 p.

VAZ, Henrique Cláudio de. **Escritos de filosofia IV** - Introdução à ética filosófica 1. 7. ed. São Paulo: Loyola, 1999. 488 p.

WOJTYLA, Karol. **Alle fonti del rinnovamento**. Studio sull'attuazione del Concilio Vaticano Secondo. Soveria Mannelli: Rubbettino, 2007. 449 p.

WOJTYLA, Karol. Persona e Atto. In: STYCZEN, Tadeusz; REALE, Giovanni (org.). **Metafisica della**

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

Marcius Tadeu Maciel Nahur
Mestre pelo Centro Universitário Salesiano de São Paulo – Lorena/SP.
Professor dos Cursos de Filosofia e Teologia da Faculdade Canção Nova

Persona: tutte le opera filosofiche e saggi integrativi. 3. ed. Milano: Bompiani, 2005. 1789 p.

WOJTYLA, Karol. **Mi visión del hombre**. Hacia uma nueva ética. Traducción de Pilar Ferrer. 3. ed. Madrid: Palabra, 1997. 367 p.

WOJTYLA, Karol. **Max Scheler y la ética cristiana**. Traducción de Gonzalo Haya. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1982. 223 p.

REVISTA ACADÊMICA DA Faculdade Canção Nova

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

SOCIEDADE E CULTURA: AS TROPAS COMO FATOR HISTÓRICO-CULTURAL NO CAMINHO VELHO DO OURO – EIXO PARATY-CUNHA-GUARATINGUETÁ

Henrique Alckmin Prudente
Doutor em Ciências pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

RESUMO

As tropas, assim como elementos da cultura tropeira, configuram-se como objetos de estudo tratados pela disciplina Sociedade e Cultura, componente curricular institucionalizado em cursos de graduação da Faculdade Canção Nova. O Caminho Velho do Ouro, no trecho entre Paraty-RJ, Cunha-SP e Guaratinguetá-SP, assim como antigas trilhas utilizadas pelos povos autóctones, consistiu em ligação estruturante entre o litoral e o médio Vale do Paraíba desde o fim do Século XVI até meados do Século XX. Este artigo objetiva apresentar as tropas, dentro do contexto geográfico deste eixo, como fatores histórico-culturais, ancorando tanto iniciativas pedagógicas, contribuindo para o estudo do Brasil Colonial, como para a compreensão da identidade cultural de lugares potencializando o Turismo Regional, fator social inserido na contemporaneidade. A pesquisa está metodologicamente amparada em fundamentações teóricas, sobretudo quanto ao conceito de identidade cultural, trazendo contribuições de pesquisadores e aportes através de experiências e de trabalhos de campo realizados pelo autor.

Palavras-chave: Brasil Colonial; Estrada Real; História do Brasil; Patrimônio Cultural; Turismo Regional.

ABSTRACT

The troops, as well as elements of tropeira culture, are configured as objects of study treated by the subject Society and Culture, a curricular component institutionalized in undergraduate courses at Faculdade Canção Nova. The Caminho Velho do Ouro, in the stretch between Paraty-RJ, Cunha-SP and Guaratinguetá-SP, as well as ancient trails used by indigenous peoples, consisted of a structuring link between the coast and the middle Paraíba Valley from the end of the 16th century until mid 20th century. This article aims to present the troops, within the geographical context of this axis, as historical-cultural factors, anchoring both pedagogical initiatives, contributing to the study of Colonial Brazil, and to the understanding of the cultural identity of places, enhancing Regional Tourism, a social factor inserted in contemporary times. The research is methodologically supported by theoretical foundations, especially regarding the concept of cultural identity, bringing contributions from researchers and contributions through experiences and fieldwork carried out by the author.

Keywords: Colonial Brazil; Cultural Heritage; History of Brazil; Regional Tourism; Royal Road.

REVISTA ACADÊMICA DA Faculdade Canção Nova

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

SOCIEDADE E CULTURA: AS TROPAS COMO FATOR HISTÓRICO-CULTURAL NO CAMINHO VELHO DO OURO – EIXO PARATY-CUNHA-GUARATINGUETÁ

Henrique Alckmin Prudente
Doutor em Ciências pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

1. INTRODUÇÃO

A disciplina Sociedade e Cultura, componente curricular adotado institucionalmente em cursos de graduação da Faculdade Canção Nova, visa a compreensão da sociedade com ênfase em fatos sociais, categoria de análise minuciosamente levada à tona pelo sociólogo francês Émile Durkheim na obra Les Règles de La Mèthode Sociologique publicada em 1875. Na fase inicial deste componente curricular a abordagem teórica está estruturada em duas exposições iniciais pelo docente: uma voltada à compreensão da problemática antropológica, embasada em elaborações do antropólogo alemão Franz Boas, e a exposição seguinte através da entrada do tema cultura, investida que é fundamentada em Néstor Garcia Canclini e outros autores. Neste momento é oportunizada a discussão do tropeirismo como fator de identidade cultural e histórica com destaque para o eixo Paraty-Cunha-Guaratinguetá. Tal eixo é fundamental para o estudo da primeira grande expedição, rumo à lendária Serra de Sabarabuçu com vistas ao El Dorado, efetivando as iniciativas da Coroa Portuguesa para ocupação e exploração dos territórios coloniais. A célebre empreitada foi protagonizada por Martim Correia de Sá da Costa, membro da Casa Real Portuguesa e Comendador da Ordem de Cristo, em 1596, partindo de Paraty. Esta abordagem se faz necessária em virtude da contextualização dos temas previstos em Plano de Ensino da disciplina Sociedade e Cultura para uma temática regional, mais concreta e presente na realidade do perfil do discente dos cursos de graduação. Tais referências permitem ao discente elaborar junções entre o aporte teórico e a concretude de fatos sociais e, concomitantemente, fatos históricos dentro de área de abrangência da Faculdade Canção Nova.

Os caminhos de tropas, que desencadearam mudanças na configuração urbana em parcela significativa do território brasileiro, consistiram-se em processos sociais ancorados historicamente no meio natural-material e no desenvolvimento de atividades econômicas, contribuindo para o aparecimento de estabelecimentos estratégicos como: casas de registro, hospedarias, pousos e ranchos. Tais logradouros fomentaram o aparecimento de povoados e vilas, sobretudo no Centro Sul do Brasil, a partir de meados do Século XVII, dado o desfecho da questão Monsanto-Vimieiro, trazida pelo pesquisador José Luiz Pasin (1977) e também por João José de Oliveira Veloso (2010). A contenda envolvia disputas territoriais entre o Conde de Monsanto e a Condessa de Vimieiro com o litígio encerrado em 1620 pelo governador geral do Brasil, Dom Luiz de Souza. O episódio fomentou a ocupação das terras valeparaibanas, que ficaram sob a guarda da Condessa de Vimieiro, o que culminou com a fundação da Vila de São Francisco das Chagas de Taubaté, em 1645, pelo capitão Jacques Félix, tornando-se importante núcleo irradiador de bandeiras e de expedições sertão adentro. Em 1651 era fundada a Vila de Santo Antônio de Guaratinguetá pelo capitão Domingos Luís Leme com o erguimento do pelourinho e instalação de Casa da Câmara.

Em abordagens da disciplina Sociedade e Cultura, as tropas e o tropeirismo são temas trazidos à tona no momento da segunda exposição, conforme apontado anteriormente, dentro da cadência da disciplina: no momento em que são tratados temas voltados à construção da cultura como um processo de ordem material-simbólica em significativos desdobramentos na sociedade. (GARCIA

REVISTA ACADÊMICA DA Faculdade Canção Nova

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

Henrique Alckmin Prudente
Doutor em Ciências pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

CANCLINI, 1988).

Neste trabalho, destaca-se o contexto histórico e a importância do tropeirismo na região que compreende Guaratinguetá e Cunha, no estado de São Paulo, e Paraty, no estado do Rio de Janeiro; região que perfaz eixo turístico cultural, ecológico e religioso, além de outras tipologias turísticas, permitindo ligação entre o litoral Sul fluminense e o litoral Norte paulista com o médio Vale do Paraíba tecendo, portanto, conexão com o Circuito Turístico Religioso (SECRETARIA DE TURISMO, 2024) constituído pelos municípios: Aparecida (Estância Turística), Guaratinguetá (Estância Turística) e Cachoeira Paulista (Município de Interesse Turístico).

2. BREVES NOTAS SOBRE O TROPEIRISMO

O tropeirismo, uma prática ancestral de transporte de mercadorias e tropas por meio de trilhas e estradas, desempenhou um papel fundamental na formação e no desenvolvimento econômico e social do Brasil Colonial. O transporte por tropas no Brasil passa a ganhar importância a partir do Século XVIII como fator sintomático do deslocamento do eixo econômico do Nordeste para a região Sudeste, episódio nucleado pela exploração aurífera no Século XVIII e pela expansão cafeeira no Século XIX. O tropeirismo representava não apenas uma atividade comercial, mas também um elo vital na conexão entre diferentes regiões do Brasil e, em particular, do Vale do Paraíba. A região em foco desempenhou um papel crucial no contexto das tropas devido à localização estratégica entre o interior e o litoral, facilitando o comércio e o transporte de mercadorias entre essas áreas.

O Vale do Paraíba apresenta uma formação cultural, econômica, política e social fortemente vinculada com os caminhos em diferentes gêneses (Tabela 1): desde as trilhas primitivas utilizadas pelos grupos autóctones – povos indígenas, originários, primitivos ou silvícolas – até os caminhos vinculados com o comércio de produtos como ouro e café. Ademais esta região apresenta sólida densidade histórica a ponto de se revelar como território privilegiado para o desenvolvimento do transporte por tropas, principalmente devido à proximidade com a capital do Brasil, Rio de Janeiro, e com os portos de Mambucaba e Paraty, no Rio de Janeiro, e de Santos e de Ubatuba, em São Paulo. Neste trabalho, destaca-se o contexto histórico e a importância do tropeirismo na região que compreende Guaratinguetá e Cunha, no estado de São Paulo, e Paraty, no estado do Rio de Janeiro; região que perfaz eixo turístico cultural, ecológico e religioso, além de outras tipologias turísticas, permitindo ligação entre o litoral Sul fluminense e o litoral Norte paulista com o médio Vale do Paraíba tecendo, portanto, conexão com o Circuito Turístico Religioso (SECRETARIA DE TURISMO, 2024) constituído pelos municípios: Aparecida (Estância Turística), Guaratinguetá (Estância Turística) e Cachoeira Paulista (Município de Interesse Turístico).

O transporte por tropas consistiu na principal modalidade de circulação no Brasil até a conclusão da Estrada de Ferro D. Pedro II em 1877, com estação terminal em Cachoeira Paulista, conectando-se com a Estrada de Ferro do Norte, vinda de São Paulo, nesta outrora imponente estação atualmente em ruínas. A ferrovia, contudo, não consistiu em ruptura total com o transporte de tropas. O mesmo

REVISTA ACADÊMICA DA Faculdade Canção Nova

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

Henrique Alckmin Prudente
Doutor em Ciências pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

continuou existindo na região valeparaibana em regiões não servidas pelo trem.

No Século XX a contínua expansão ferroviária, até a década de 1960, e o rodoviarismo, impulsionado pelo motor à combustão, traduzem fatores determinantes para o acentuado declínio do transporte por tropas no Brasil e no Vale do Paraíba. A despeito da expansão dos modais ferroviário e rodoviário, o transporte por tropas consolidou as bases de atuais centros urbanos regionais, favorecendo o intercâmbio, embora precário, de produtos comercializados, principalmente gêneros agrícolas. A partir de antigas hospedarias, pousos e ranchos, povoados são edificados; vilas passam a ter autonomia política e administrativa e casarios passam a orbitar o núcleo social convergente por meio das capelas, marcos de processos de sacralização do espaço, símbolos de devoção religiosa e plataformas concretas de convívio social. Como vetores indispensáveis para a consolidação de relações de toda ordem, os caminhos, além de induzir ocupação e povoamento, relacionam-se com a construção de identidade cultural por meio do patrimônio material e imaterial vinculado com as estratégias de penetração, comunicação e transporte.

Tabela 1 – Síntese dos caminhos da região do eixo Paraty-Cunha-Guaratinguetá

Tipologia	Gênese	Patrimônio relacionado
Trilhas indígenas (utilizadas por portugueses a partir de meados do Século XVI) - Caminho dos Guaianás	Construídas por povos primitivos como forma de estabelecer vias de comunicação, permitindo câmbio e transporte de alimentos e utensílios	Vestígios dos caminhos Antigos objetos – instrumentos de caça, peças de cerâmica etc.
Caminhos de exploração, ocupação e povoamento (a partir do final do Século XVI até o Século XVII) - Caminho Geral do Sertão ou Estrada Real do Sertão	Finalidade de contribuir para conquista territorial, apresamento de índios e busca por riquezas minerais	Vestígios dos caminhos Capelas coloniais e casario urbano em formação
Comércio e transporte de mercadorias (a partir de meados do Século XVII até o final do Século XIX) - Caminho Velho do Ouro - Descaminhos de contrabando - Caminhos do Café	Transporte de mercadorias diversas e, sobretudo, ouro, demais riquezas minerais e café até os portos de Paraty e Mambucaba no litoral fluminense.	Vestígios dos caminhos Casario urbano em consolidação, vestígios e ruínas de casas de registros, capelas, ranchos e pousos

Fonte: Sistematização do autor.

REVISTA ACADÊMICA DA Faculdade Canção Nova

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

Henrique Alckmin Prudente
Doutor em Ciências pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

3. IDENTIDADE CULTURAL E LUGARES DE MEMÓRIA

A identidade cultural é uma categoria de análise situada no campo das ciências sociais e humanas: atua diretamente com os atributos físico-territoriais em associação com elementos de ordem cultural e social. Os atributos físico-territoriais assumem lapidar importância dentro do conceito de lugar, categoria do pensamento geográfico que traduz instância espacial ímpar e única, associando-se com conquistas e inovações técnicas e científicas. Cada lugar é dotado de uma essência, construída a partir de referenciais históricos singulares que o diferenciam dos demais lugares existentes.

Dentro da dimensão cultural convém a professores-pesquisadores aproximarem os estudos e estratégias de ensino e aprendizagem das rugosidades presentes em cada lugar, construindo junto à comunidade local uma leitura especial que traz à tona o que caracteriza com caráter e nobreza os lugares: atributos paisagísticos, origens, patrimônio histórico-arquitetônico, além de elementos de ordem imaterial como: contos, devoções, festas populares, técnicas rudimentares, tradições ancestrais etc.

O *lugar de memória* é uma categoria historiográfica que transita pelo campo cultural tendo sido estabelecida por Pierre Nora (1993), notável pesquisador da escola francesa, para designar unidade de relevância construída coletivamente por uma dada sociedade e matizada pelo território, categoria geográfica que estabelece portentosa instância na qual são dadas relações culturais, econômicas, políticas e sociais com permanente vínculo jurídico e institucional. No Vale do Paraíba este conceito é trabalhado com altivez pelo historiador Francisco Sodero Toledo, em âmbito das atividades do IEV, Instituto de Estudos Valeparaibanos, no bojo de pesquisas acerca do patrimônio material e imaterial na região.

A sociedade contemporânea vem desconstruindo representativa identidade cultural enrijecida sobre o sustentáculo das experiências sociais que, ao longo da História, contribuíram para edificar legado de ordem material e imaterial. A perda de sentido, posto que a negligência e o comportamento relapso das autoridades vêm aniquilando sistematicamente rastros e vestígios do patrimônio histórico, caminha também para alienação de gerações de crianças e jovens que são facilmente seduzidas diante dos apelos do consumismo descabido, um dos expedientes da comunicação midiática e do globalismo. Os modismos são motivados por costumes amparados na modernidade urbana e que trazem abominação ao legado de origem do autêntico homem rural do Brasil: a ingenuidade, a rusticidade e o elo indissociável entre homem e natureza.

REVISTA ACADÊMICA DA Faculdade Canção Nova

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

Henrique Alckmin Prudente
Doutor em Ciências pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

4. OS CAMINHOS COMO CONSTRUÇÕES DO TECIDO HISTÓRICO E SOCIAL

Os processos de ocupação e de uso do espaço implicam, necessariamente, na construção de vias de comunicação possibilitando a realização de fluxos para o transporte no sentido de viabilizar devida circulação de bens econômicos e de pessoas. No caso do Brasil Colonial, no litoral do Sudeste, os colonizadores portugueses utilizaram primeiramente trilhas rudimentares construídas por povos primitivos. Na região do eixo Paraty-Cunha-Guaratinguetá destacou-se a presença dos guaianazes ou guaianás[1] que habitavam terras litorâneas desde Angra dos Reis, Estado do Rio de Janeiro, até Cananéia, litoral Sul paulista[2].

Estes silvícolas haviam edificado, antes da chegada do europeu, caminho unindo a região planaltina onde foi constituído em fins do Século XVII o povoado do Facão, emancipando-se da Vila de Santo Antonio de Guaratinguetá em 1785 com a designação de Vila de Nossa Senhora da Conceição de Cunha, até o litoral Sul fluminense onde localiza-se Paraty.

O respectivo Caminho dos Guaianás foi utilizado por Martim Correia de Sá em 1596 por meio de expedição rumo aos sertões mineiros, sobrepondo as íngremes encostas da Serra do Mar e passando pela planície do Rio Paraíba do Sul, conforme os citados estudos de José Luiz Pasin (2004) e também conforme a significativa obra de João José de Oliveira Veloso (2010).

Segundo Pasin (2004) em 1601 o sertanista André de Leão, atendendo ordens imperiosas da Corte Lusitana, desenvolveu formidável entrada partindo da Vila de São Paulo de Piratininga até o Vale do Paraíba utilizando o conhecido Caminho Geral do Sertão. Tal vereda consistia no próprio curso do Rio Paraíba do Sul e em pequenos caminhos que seguiam a margem desta via fluvial. Trata-se de importante caminho para ocupação e povoamento.

O trajeto sentido interior saia da Vila de Nossa Senhora dos Remédios de Paraty, pelo Pouso da Aparição, passando pelo então povoado do Facão, (Cunha), atingindo importante divisor de águas entre as bacias do Paraitinga e Paraibuna e a bacia do Rio Paraíba do Sul, chegando à Vila de Taubaté. Este caminho percorria a região de Itacuruçá, antiga sesmaria e atual bairro rural do município de Cunha.

Com a fundação da Vila de São Francisco das Chagas de Taubaté, em 1645, e da Vila de Santo Antonio de Guaratinguetá, em 1651, dado contexto da Questão Monsanto-Vimieiro, é aberta importante vereda entre Guaratinguetá e Cunha, então povoado do Facão, quando ainda estas terras pertenciam à Vila de Guaratinguetá. Este caminho foi aberto graças a Domingos Velho Cabral que recebera relevante sesmaria na região sendo: *paulista, bandeirante e cunhado do Capitão Domingos Luiz Leme, fundador da Vila de Santo Antonio de Guaratinguetá, em 1651*. (PRUDENTE, 2006, p. 131).

Cabe assinalar que a entrada Paraty-Facão-Taubaté, sentido litoral para interior, é mais antiga em relação à vereda de Guaratinguetá a Cunha com sentido inverso: do interior para o litoral. Tal

1 Em relação a este grupo são encontradas em fontes diversas as seguintes grafias: gayonos, goanás, goianas, goyanás, goianazes, goyanazes, guaianã, guanás, guarazes, guayaná, guayanãs, guayanaz, guayanazes e wianasses.

2 Fonte: REIS, Paulo Pereira. O Indígena do Vale do Paraíba. São Paulo: Governo do Estado, 1979, p. 28. Col. Paulística, v. XVI.

REVISTA ACADÊMICA DA Faculdade Canção Nova

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

SOCIEDADE E CULTURA: AS TROPAS COMO FATOR HISTÓRICO-CULTURAL NO CAMINHO VELHO DO OURO – EIXO PARATY-CUNHA-GUARATINGUETÁ

Henrique Alckmin Prudente
Doutor em Ciências pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.



Figura 1 – Martin Correia de Sá (autor desconhecido) protagonista da grande entrada para o sertão, em 1596, saindo do porto de Paraty acompanhado de portugueses e índios.
Fonte: Family Search. Disponível em: <ancestors.familysearch.org/en/LH2B-N7Q/martim-correia-de-s%C3%A1-da-costa-1572-1632>. Acesso em: 02 jun. 2024.

assertiva é corroborada pelos trabalhos de Álvaro Freitas (2005) e, mais tarde, comprovada pelos levantamentos de gabinete das pesquisas de Francisco Sodero Toledo e de Henrique Alckmin Prudente (PRUDENTE; SODERO TOLEDO, 2006) no bojo do estudo da Estrada Real no território paulista. Trabalhos de pesquisa do Prof. João Veloso (2010) também confirmam esta análise.

As pesquisas de Pasin (PASIN, 2004) assinalam que duas expedições ratificam o papel que o povoado do Facão, atual núcleo urbano de Cunha, realizava: a viagem do Conde de Azambuja, Dom Antonio Rolim de Moura, em 1751, e a jornada do Governador da Província de São Paulo, Martim Lopes Lobo de Saldanha, à Vila de Nossa Senhora dos Remédios de Paraty em 1775.

O povoado do Facão exercia, no contexto da exploração aurífera em Minas Gerais, cujo apogeu ocorreu entre 1735 e 1744[3] , importante função para o escoamento do produto até Paraty. Nas duas jornadas citadas merece destaque a região rural da Aparição, junto da atual estrada de rodagem SP-171, designada no trecho de Cunha até a divisa com Paraty de Rodovia Vice-Prefeito Salvador Pacetti. Na Aparição havia importante pouso de parada imperiosa para as tropas, tanto no sentido litoral-

3 Fonte: MELLO E SOUZA, Laura. **Desclassificados do Ouro**: A pobreza mineira do Século XVIII. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

REVISTA ACADÊMICA DA Faculdade Canção Nova

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

Henrique Alckmin Prudente
Doutor em Ciências pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

interior como para as jornadas que vinham do interior até o porto de Paraty.

O então povoado do Facão foi desmembrado da Vila de Santo Antonio de Guaratinguetá, atingindo emancipação política em 1785 por determinação do Governador da Província de São Paulo, Francisco da Cunha Menezes. Concomitantemente a este movimento, muitos descaminhos de contrabando ligando regiões do Vale do Paraíba ao porto de Mambucaba, litoral fluminense, foram abertos. Neste contexto, a região de Campos de Cunha, distrito localizado a Leste da sede municipal, próximo dos domínios do Parque Nacional da Bocaina, consistiu em ponto de entroncamento entre inúmeros descaminhos que tinham como intuito sonegar os tributos à Coroa Portuguesa. Mais tarde, com o Império e com o advento da cultura cafeeira, a sobredita região operava dentro de formidável densidade de caminhos para transporte de café, produzido pelas fazendas do atual Vale Histórico, aos portos do Sul fluminense.

Com a decadência da economia mineradora em fins do Século XVIII e o início do surto cafeeiro nos primeiros quartéis do Século XIX são abertas novas veredas para o transporte do café. Estas ligavam fazendas produtoras até o litoral tendo em vista a importância que o Vale do Paraíba passa a ter neste processo.



Figura 2 – Tropeiros Pobres de São Paulo, de Jean-Baptiste Debret (1823).
Fonte: Instituto Cultural Itaú. Disponível em: <enciclopedia.itaucultural.org.br/obra61237/tropeiros-pobres-de-sao-paulo>. Acesso em: 31 mai. 2024.

REVISTA ACADÊMICA DA Faculdade Canção Nova

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

SOCIEDADE E CULTURA: AS TROPAS COMO FATOR HISTÓRICO-CULTURAL NO CAMINHO VELHO DO OURO – EIXO PARATY-CUNHA-GUARATINGUETÁ

Henrique Alckmin Prudente
Doutor em Ciências pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

Alguns elementos se destacam, complementando-se: fazendas auto-sustentáveis, fortalecimento de oligarquia agrária, monocultura, sociedade estamental e trabalho escravo; são aspectos que se interagem compondo importante cenário econômico, político e social.

Referência para estudos nesta área a obra *Vida e Morte do Tropeiro*, de autoria de Aluísio de Almeida, oferece uma visão detalhada e cativante da vida dos tropeiros de forma geral. A obra retrata os desafios enfrentados pelos tropeiros em suas jornadas pelas trilhas e estradas precárias, bem como as aventuras e perigos que enfrentavam ao transportar mercadorias e tropas entre o interior e o litoral. Aluísio de Almeida mergulha nas intrincadas redes sociais e econômicas que sustentavam o tropeirismo, destacando a importância desses homens corajosos e habilidosos na integração e no desenvolvimento das regiões por onde passavam. O autor também aborda as características únicas da cultura tropeira, incluindo crenças, costumes, músicas e festividades, que deixaram um legado duradouro na história e na identidade cultural das comunidades locais. Ao oferecer um olhar intimista e humano sobre a vida dos tropeiros, Aluísio de Almeida evidencia um mundo fascinante e muitas vezes desconhecido, revelando as histórias e os personagens que, em particular, moldaram o cenário cultural e econômico regional de Paraty, Cunha e Guaratinguetá.

Sobre os caminhos em operação em pleno Século XIX, diante da relevante produção cafeeira das fazendas valeparaibanas, Aluísio Almeida (1971) assinala que a importância das ligações entre o Vale do Paraíba e o litoral em ásperas veredas que permeavam íngremes e úmidas vertentes com vegetação exuberante, compacta e densa, oferecendo indizíveis percalços aos destemidos tropeiros:

> A estrada do Rio de Janeiro era também uma estrada do Mar. Atingia a província fluminense por Areias, Barreiros e Bananal. Tinha trânsito intenso. De Caçapava um caminho procurava o porto de S. Sebastião passando pelos rios Paraitinga e Paraibuna, Jambeiro, serra de Caraguatatuba, porto de S. Francisco. De Santo Antonio da Paraibuna saia outra, aproveitando duas léguas da precedente, a alcançar Ubatuba, 11 léguas e meia. Outra ligava S. Bento do Sapucaí a Ubatuba, passando por Pindamonhangaba e S. Luiz do Paraitinga, com ramais para Guaratinguetá e Embaú. De Bananal, em território fluminense, os tropeiros atingiam o mar por Jurumirim.
> Também o porto fluminense de Mambucaba se ligava a S. Paulo por duas estradas, uma que passava pela serra do Quebra-Cangalhas, Cachoeira, Embaú e atingia o alto da serra de Itajubá, com ramais para Queluz e Silveiras e outra que chegava ao Salto e ponte do Paraíba entre Queluz e Rezende. (ALMEIDA, 1971, p. 34).

Almeida qualifica de estrada do Rio de Janeiro o Caminho Novo da Piedade, estudado por dois ilustres pesquisadores valeparaibanos – Francisco Sodero Toledo (2009) e Paulo Pereira dos Reis (1971) – que ligava Lorena, passando por unidades administrativas do Vale Histórico, até a Fazenda Santa Cruz dos Padres Jesuítas.

A estrada referida por Almeida que partia do Porto de Mambucaba consistia em parte do Caminho Velho do Ouro, uma vez que singrava trechos da atual Serra do Quebra-Cangalha além de localidades estratégicas como o Embaú, povoado situado entre Lorena e a garganta de mesmo nome na Serra da Mantiqueira, pertencente ao município de Cachoeira Paulista.

REVISTA ACADÊMICA DA Faculdade Canção Nova

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

Henrique Alckmin Prudente
Doutor em Ciências pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

5. BARREIRAS, POUSOS E RANCHOS

O minucioso trabalho de pesquisa de Veloso (2010) aponta, no atual município de Cunha, para localização de importantes lugares de memória relacionados ao movimento tropeiro. Pousos, ranchos e o Registro do Taboão que, posteriormente, no Século XIX, passa a se denominar Barreira do Taboão, são logradouros que exerciam função primordial na organização dos transportes de mercadorias (Tabela 2) e na circulação de animais de carga tanto no Brasil Colonial, Brasil Império e período republicano. Até o terceiro quartel do Século XX ainda era possível visualizar o movimento de tropas no trajeto entre Cunha e Guaratinguetá, passando pelos divisores Alto do Guaranjanga e Serra do Quebra-Cangalha. Os locais de partida ou de chegada eram o bairro da Pedreira, destacando-se o Rancho da Pedreira, em Guaratinguetá, e junto da atual Cooperativa de Laticínios de Cunha, possível entroncamento de caminhos junto à planície do Córrego do Rodeio, núcleo urbano cunhense.

Tabela 2 – Produção comercializada em ranchos do Eixo Paraty-Cunha-Guaratinguetá no Século XIX (considerando os principais produtos primários e derivados)

Produtos	Derivados	Animais e Rebanhos	Derivados
Açúcar	Melado e Rapadura	Bovino	Couro, leite, queijo e requeijão
Aguardente		Camarões secos	
Algodão		Caprino	Leite
Alho		Frangos	Ovos caipiras
Banana	Bananada	Ovino	Lã
Batata		Patos	
Café		Peixes salgados	
Cebola		Perus	
Feijão		Suíno (capados e leitoas)	Couro, banha, linguiça e toucinho
Fumo			
Goiaba	Goiabada		
Jabuticaba			
Mandioca	Farinha de Mandioca		

REVISTA ACADÊMICA DA Faculdade Canção Nova

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

Henrique Alckmin Prudente
Doutor em Ciências pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

Marmelo	Marmelada		
Milho	Farinha de Milho		
Pera			
Pêssego	Pessegada		
Pinhão			
Sal			

Fonte: Sistematização do autor.

Sobre o Rancho da Pedreira, de propriedade de Antônio Francisco de Castro e situado às margens do Ribeirão São Gonçalo, o Dr. José da Silva Lacaz (1998) assinala que:

> Os que vinham (tropeiros) de Cunha, Lagoinha e imediações, ou seja, Rocinha, Pessegueiro, enfim aqueles bairros situados do outro lado do Paraíba, as tropas vinham para o rancho chamado da Pedreira. [...] Cunha era o maior centro de abastecimento de toda a região, cereais principalmente e frangos caipiras... (LACAZ, 1998).

Os ranchos eram locais de comércio e de trocas. A função mercantil era preponderante nestes estabelecimentos o que incluía também o trato dos animais através do aluguel de pastos em terrenos próximos. Antigos tropeiros pesquisados pelo Autor, através de depoimentos no âmbito da História Oral, descrevem os ranchos como pontos comerciais em que eram vendidos inúmeros produtos alimentícios, tecidos, utensílios para trabalho em roças e também de utilização doméstica e muitos outros itens. Os ranchos também atendiam necessidades dos tropeiros quanto ao repouso e à alimentação, fato subsidiado pelas considerações de Lacaz (1998):

> Os próprios ranchos eram as pousadas dos tropeiros. Eles armavam as redes ou dormiam sobre as capas que cobrem as cargas e a cangalha. Outros faziam do travesseiro o próprio arreio. Eles chegavam e já armavam o tripé, assavam na panela de ferro e já começavam a fumegar carne seca no feijão enquanto eles estavam ali, tirando o arreamento, as cangalhas, vendo o animal de ferradura com ferimentos no lombo, outros com ferimentos nos pés. (LACAZ, 1998).

Ainda sobre o importante Rancho da Pedreira, Thereza Regina de Camargo Maia e Tom Maia (1995), pesquisadores com citação obrigatória em qualquer estudo sobre a história valeparaibana, assinalam que:

> Em decorrência do movimentado comércio com Lagoinha e Cunha, considerada como "o celeiro" de Guaratinguetá, muitos negociantes, principalmente de cereais, foram se estabelecendo na Pedreira, onde era intensa a atividade das tropas e tropeiros com sua carga, tendo ficado na memória da cidade o famoso Rancho da Pedreira, de Antônio Francisco de Castro, pai do Professor Roque de Castro. (MAIA; MAIA, 1995, p. 19).

REVISTA ACADÊMICA DA Faculdade Canção Nova

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

Henrique Alckmin Prudente
Doutor em Ciências pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

O pesquisador Francisco Sodero Toledo (2004) enumera os seguintes ranchos em operação na primeira metade do Século XIX no trecho de Paraty, Cunha e Guaratinguetá. Os três primeiros estavam localizados no importante bairro da Pedreira, nucleado pelas atividades econômicas desenvolvidas junto ao Rancho da Pedreira, o principal destes estabelecimentos.

Ranchos localizados no bairro Pedreira em Guaratinguetá:

- Rancho do Mané Gama;
- Rancho do Mané Arruda;
- Rancho do José Romano;

Ranchos localizados na região da Serra do Quebra-Cangalha:

- Rancho do Paiol, localizado no início da subida da Serra do Quebra-Cangalha na região do atual bairro do Paiol, designado conforme sinalização viária indicativa vertical na SP-171, Rodovia Paulo Virgínio;
- Rancho do Brumado, situado na Serra do Quebra-Cangalha;
- Rancho do Alto da Serra, localizado imediatamente após o Rancho do Brumado na mesma região; provavelmente os dois ranchos em questão, do Brumado e do Alto da Serra, conectavam-se com os bairros rurais em direção a Oeste, sentido Lagoinha, configurando relação também com próspera fazenda de criação de rebanhos e de produtos alimentícios de João de Moura Lemes, no bairro do Cordeiro; é provável também que o Rancho do Alto da Serra, descrito pelo Prof. Francisco Sodero Toledo, seja o rancho dos irmãos José Pereira Gabriel e João Pereira Gabriel conforme pesquisa realizada por Luiz Antonio de Moura (1992);
- Rancho da Caneleira, situado na divisa dos municípios de Guaratinguetá e de Cunha; recorrendo-se novamente ao trabalho de Luiz Antonio de Moura (1992), é provável que o Rancho da Caneleira, designado por Sodero Toledo, seja o citado na monografia conforme segue:

> No traçado principal da estrada, a que ia em direção à Rocinha, estava situado o sítio do Sr. João Batista de Moura, mais conhecido como "João Gabriel", onde funcionava outro rancho de tropas e uma pequena "venda". Esse rancho atendia os tropeiros que vinham de Cunha e adjacências. (MOURA, 1992, p. 2).

Cabe ressaltar que a venda citada se tratava da famosa venda do Sr. Joaquim Faria, importante entreposto comercial onde se vendia toucinho, feijão e milho trazidos pelos tropeiros de Cunha.

Ranchos localizados no município de Cunha:

- Rancho do Jacuí; em domínios cunhenses é citado na obra de João Veloso (2010);
- Rancho do Chico do Sapé: localizado na cidade de Cunha;
- Rancho do Facão; também localizado na cidade de Cunha;

REVISTA ACADÊMICA DA Faculdade Canção Nova

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

Henrique Alckmin Prudente
Doutor em Ciências pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

- Rancho do Jacuí; em domínios cunhenses é citado na obra de João Veloso (2010);
- Rancho do Chico do Sapé: localizado na cidade de Cunha;
- Rancho do Facão; também localizado na cidade de Cunha;
- Rancho do Taboão; situado junto da Barreira do Taboão;
- Rancho do Mato Limpo; situado junto da divisa com Paraty;
- Rancho do Mané Greto;
- Ranchos localizados em Paraty às margens do caminho antigo:
- Rancho da Estiva Preta;
- Rancho da Penha; junto à Igreja da Penha;
- Rancho do Zé Lapero.

No sentido litoral, de Guaratinguetá a Cunha, seguia-se por traçado semelhante ao atual, pela rodovia SP-171, percorrendo-se o caminho de terra a partir do pé da Serra do Quebra-Cangalha, nas proximidades do Paiol, atingindo, a mais de mil metros de altitude, a região do Brumado. Os bairros da Rocinha, Cedro e Paraitinga eram transpostos até se atingir, após o bairro do Samambaia, o Alto do Guaranjanga. De Cunha até Paraty seguia-se, a partir do trecho próximo da Serra do Mar, por nova vereda construída para facilitar o transporte de gêneros agrícolas, suscitando preocupação das autoridades do Império do Brasil diante da tarefa imperiosa de manutenção das vias de comunicação e transporte. Neste contexto é aberta em 1835 a Estrada Nova da Serra[4] que partia da Fazenda Murycana, em Paraty, com extensão de oito quilômetros até as imediações da Pedra da Macela para se encontrar com o caminho antigo em terras paulistas.

4 Para mais informações consultar:
BARROS, Armando Martins. **A História como Curso, Povoamento como Percurso, Os Caminhos como Discurso**: Notas de Paraty e seu patrimônio. Paraty: Planejamento e patrimônio mundial: Paraty, 2001.

REVISTA ACADÊMICA DA Faculdade Canção Nova

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

SOCIEDADE E CULTURA: AS TROPAS COMO FATOR HISTÓRICO-CULTURAL NO CAMINHO VELHO DO OURO – EIXO PARATY-CUNHA-GUARATINGUETÁ

Henrique Alckmin Prudente
Doutor em Ciências pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.



Figura 3 – Rancho de Tropeiros, de Charles Landseer (1827).
Fonte: Instituto Cultural Itaú. Disponível em: <enciclopedia.itaucultural.org.br/obra3257/rancho-de--tropeiros>. Acesso em: 01 jun. 2024.

Os pousos eram locais primordialmente utilizados para descanso e pernoite das tropas; era comum, na região do Vale do Paraíba, localização antes de escarpas de serras ou planaltos, sugerindo aos viajantes local para restauro após uma subida extenuante, ou antes de uma descida imprevisível. Geralmente os tropeiros se estabeleciam nestes locais para restabelecer as condições físicas, recompondo vigor e, imediatamente após o raiar do dia, alcançar novamente o caminho para prosseguir áspera jornada.

Os principais logradouros em Cunha citados na obra de João Veloso (2010) são pousos, ranchos e o Registro do Taboão que, mais tarde, passou a se denominar Barreira do Taboão.

Registro do Taboão (VELOSO, 2010)

Os registros eram estabelecimentos integrantes da estratégia Metropolitana de exercer no Século XVIII controle rigoroso da circulação de metais preciosos e de outras mercadorias que circulavam nos caminhos do interior do Brasil ao litoral; desta forma o Registro do Taboão de Cunha,

REVISTA ACADÊMICA DA Faculdade Canção Nova

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

Henrique Alckmin Prudente
Doutor em Ciências pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

distante aproximadamente 24 quilômetros de Paraty em bairro rural de mesmo nome, realizava imperiosa missão de controlar o trânsito das tropas para efetiva cobrança dos quintos reais destinados ao Tesouro Português.

Barreira do Taboão (VELOSO, 2010)

Instalada em 1835 tinha finalidade de cobrança de taxas de manutenção de estradas a fim de se evitar precariedade das condições de trânsito dos leitos carroçáveis; a Barreira do Taboão, instalada no mesmo local do antigo Registro do Taboão, exercia a função designada por meio do registro das mercadorias consistindo-se em uma das mais movimentadas da região, conforme assinala Veloso (2010):

> Dentre as Barreiras do Vale do Paraíba, a Barreira do Taboão de Cunha era uma das mais movimentadas. Isso se pode perceber pelo número de animais carregados que por ela circulavam, anualmente.
> Os itens principais, transportados, na sua grande maioria, eram gêneros alimentícios produzidos na região valeparaibana, segundo dados do Livro da Barreira do Taboão de Cunha, entre os anos de 1837 a 1849, foram os seguintes: Toucinho, Entrecosto (de suíno), Perna (idem), Língua (de bovinos), Cevados/Porcos, Reses, Galinha, Farinha de Mandioca, Pinhão, Canjica, Pêssego, Marmelo, Ameixa, Cebola, Alho, Café, Milho, Feijão, Amendoim e Fumos.
> Desde o início do funcionamento da Barreira do Taboão, em 1837, os principais produtos da região de Cunha foram milho, porcos, fumo e toucinho. (VELOSO, 2010, p. 221).



Figura 4 - Barreira do Taboão; outrora localizada no Caminho Velho do Ouro, estrada Cunha-Paraty, altura do km 65. Foto: Marcos Santilli, década de 1980.
Fonte: Jacuhy Net. Disponível em: <jacuhy.net/2022/09/11/cunha-no-ano-da-independencia-do-brasil>. Acesso em: 31 mai. 2024.

REVISTA ACADÊMICA DA Faculdade Canção Nova

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

Henrique Alckmin Prudente
Doutor em Ciências pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

Pouso da Aparição (VELOSO, 2010)

Local estratégico para as tropas em direção a Paraty ou em direção ao sertão, o Pouso da Aparição localizava-se, sentido litoral para interior, após o Registro do Taboão, passando pelo Campo Alegre e situando-se em região servida por cursos d'água e por planícies que favoreciam o guarnecimento das tropas e das mercadorias e o descanso com pernoite. Veloso retrata o Pouso de Aparição em diversas oportunidades na referência citada, cabendo ressaltar que:

> Assim que as tropas galgavam os íngremes e acidentados caminhos da serra de Paraty, prosseguiam até Taboão afora, até enveredar-se, à direita, pelas trilhas que conduziam até o Campo Alegre, de onde seguindo num espaço quase plano, atingiam logo abaixo o pouso da Aparição. (VELOSO, 2010, p. 175).

Pouso da Boa Vista (VELOSO, 2010)

Localizava-se após o Pouso da Aparição, próximo ao Morro do Divino Mestre, junto da antiga capela construída por Luiz da Silva Porto, em 1724, em louvor à Sagrada Família. Estava posicionado aproximadamente seis quilômetros do núcleo urbano de Cunha, antecedendo estratégico entroncamento de caminhos conhecido como Encruzilhada, de onde partia a estrada que passou a ligar, no Século XVII, Paraty a Taubaté.

Pouso do Paraitinga (VELOSO, 2010)

Assumiu importância capital no percurso de Cunha até Guaratinguetá; encontrava-se junto de curso d'água, o então caudaloso Rio Paraitinga formador do Rio Paraíba do Sul, servindo de ponto de descanso e também operando como rancho de tropas; o estabelecimento encontrava-se nas imediações da Capela de Nossa Senhora de Sant'Anna, fator que atribuía ainda mais importância ao local ao agregar o caráter religioso aos aspectos norteadores de circulação mercantil no âmbito das tropas para Veloso:

> Também conhecido, historicamente, como Sítio do Paraytinga ou da Piratininga, o local, junto com o pouso da Aparição são considerados os principais pontos estratégicos em que as tropas descansavam e pernoitavam no percurso entre Paraty-Facão-Guaratinguetá. (VELOSO, 2010, p. 59).

Os ranchos tinham como finalidade principal o comércio de mercadorias trazidas pelos tropeiros, funcionando como entreposto mercantil, de apoio ao tropeiro, além de se consistir em estabelecimento para reparo de instrumental da tropa, serviço realizado por mão-de-obra específica para cada finalidade. Thereza Regina de Camargo Maia e Tom Maia (1981) assinalam algumas funções de apoio ao transporte de tropa:

- Balaieiros: Também eram conhecidos como cesteiros ou jacazeiros; eram artesãos que utilizavam matérias-primas como bambu e taquara para produção de cestas e jacás, tipo de cesta utilizado nos animais de carga.

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

Henrique Alckmin Prudente
Doutor em Ciências pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

- Cangalheiro: Cuidava da armação de madeira da cangalha além de preparar ganchos para transporte de lenha ou cana.
- Ferrador: Tratava da ferradura dos animais, executando difícil tarefa de trocar ferraduras antigas por novas, necessitando imobilizar um dos pés do animal.
- Ferreiro: Tinha incumbência de produzir a ferradura por meio da forja do ferro; a ferradura era utensílio imprescindível às tropas.
- Funileiro: Produzia utensílios como canecas, cincerros, lamparinas, tachos e outros objetos utilizados pelos tropeiros, geralmente feitos de ferro ou cobre.
- Trançador: Outra modalidade de artesão, assim como os balaieiros; contudo diferenciavam-se por trabalharem com couro confeccionando chicotes, laços, peitorais e rédeas.
- Seleiro: Cuidava do arreamento dos animais de sela e de carga através do manuseio da cangalha e de outros apetrechos; comumente o arreamento consistia em atividade complexa exigindo do seleiro extrema habilidade.

Além das categorias de mão de obra associadas à cadeia produtiva tropeira havia também, segundo os notáveis pesquisadores, divisão acerca dos homens envolvidos diretamente com a jornada, configurando três categorias distintas de tropeiros, porém, associadas:

- Arreador: Supervisionava as funções do madrinheiro e do tocador; com frequência era o proprietário da tropa; era responsável pela carga transportada e executava as funções de negócio, comprando mercadorias e pagando aluguéis de pastos nos ranchos, arcando também pelo pernoite nos pousos; era responsável pelo ferramental da tropa e pela execução dos curativos nos animais.
- Madrinheiro: Geralmente mais jovem, exercia função de guia e nos pousos atuava como cozinheiro; incumbia-se de guardar os mantimentos e de madrinhar a tropa.
- Tocador: Mais experiente, se responsabilizava pela tropa; monitorava a carga transportada e zelava pela condução do comboio na jornada.

No município de Cunha João Veloso (2010) demarca alguns ranchos como:

Rancho do Rio Jacuí (VELOSO, 2010)

Operava entre o núcleo urbano cunhense e o estratégico aglomerado do Paraitinga; a área de influência deste estabelecimento abrangia porções dos bairros rurais Jacuí, Samambaia, Sapezal e adjacências.

Rancho do Paraitinga (VELOSO, 2010)

A obra do Prof. João Veloso faz várias citações ao Rancho do Paraitinga; todas convergem para função capital deste estabelecimento, quer seja do ponto de vista histórico, dentro da dimensão de antigas expedições oficiais que passaram pela região, quer seja do ponto de vista logístico dentro da operação das tropas. Assim como descreve José da Silva Lacaz (1998), atestando em alguns casos a justaposição entre as funções de pouso e de entreposto mercantil em uma mesma edificação, o Rancho do Paraitinga, descrito em pormenores pelo pesquisador cunhense, acaba também por se caracterizar dentro deste aspecto:

REVISTA ACADÊMICA DA Faculdade Canção Nova

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

Henrique Alckmin Prudente
Doutor em Ciências pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

> Margeando o Paraitinga, rio acima, no seu lado direito afora, até atingir mais além o Posto ou Pouso do Paraitinga – rancho de tropas ou local de descanso –, já se formara pequeno núcleo de moradores, com a construção da Capela de Nossa Senhora Sant'Anna do Paraitinga, na década de 1730. (VELOSO, 2010, p. 110).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cultura tropeira, alicerçada em resquícios materiais e imateriais de toda ordem, juntamente com os próprios vestígios de caminhos, são atributos culturais que adquirem na contemporaneidade obstinado valor como recursos didáticos-pedagógicos para o estudo do meio, para o ensino de História e de outras disciplinas com especial ênfase para Artes, Geografia e Língua Portuguesa, além de potencial cenário para desenvolvimento de tipologias do Turismo. Este papel atua no sentido de sensibilizar alunos, gestores e professores das redes públicas municipais e estaduais e também da rede privada para apreensão consciente de tais atributos, além do próprio setor do Turismo através da gestão privada e pública, a ponto de contribuir para a preservação de tão imprescindível legado e para o desenvolvimento sustentável regional com ênfase na preservação do ambiente e do patrimônio cultural.

Pelos caminhos os tropeiros – agentes sociais fundamentais – transportavam não apenas mercadorias; consistiram em projetores de culturas, hábitos e tradições, desencadeando práticas cotidianas que construíram a identidade cultural do Vale do Paraíba e de regiões litorâneas.

Diversas unidades administrativas que integram atualmente a Região Metropolitana do Vale do Paraíba e do Litoral Norte, no estado de São Paulo, apresentam gênese neste movimento, desde os primórdios da ocupação pelo Caminho Geral do Sertão até a edificação de outras ligações terrestres como o trecho paulista do Caminho Velho do Ouro e o Caminho de Nossa Senhora da Piedade.

O Vale do Paraíba e, em especial, o eixo analisado, continua na atualidade a exercer função de região integradora do Brasil; uma região de passagem e de trânsito, com uma dimensão religiosa primorosa e um sentido de construção permanente da identidade cultural, do Turismo Regional e do sentimento de nacionalidade e de brasilidade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Aluísio. **Vida e Morte do Tropeiro**. São Paulo: EDUSP, 1971.

BARREIRA DO TABOÃO. In: JACUHYNET. <jacuhy.net/2022/09/11/cunha-no-ano-da-independencia-do-brasil>. Acesso em: 31 mai. 2024.

CASTRO, Roque. **O Rancho da Pedreira**. Monografia. Arquivo Memória de Guaratinguetá.

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

Henrique Alckmin Prudente
Doutor em Ciências pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

Guaratinguetá: Museu Frei Galvão, 1986, n. 70.

CIPRO, Edílio. **Rancho da Picuta**. Monografia. Arquivo Memória de Guaratinguetá. Guaratinguetá: Museu Frei Galvão, 1988, n. 81.

FAMILY SEARCH. Disponível em: <ancestors.familysearch.org/en/LH2B-N7Q/martim-correia-de-s%C3%A1-da-costa-1572-1632>. Acesso em: 02 jun. 2024.

FREITAS, Álvaro. **Domingos Velho Cabral e a Vila de Guaratinguetá**. Monografia. Arquivo Memória de Guaratinguetá. Guaratinguetá: Museu Frei Galvão, 2005, n. 253.

GARCIA CANCLINI, Nestor; RONCAGLIOLO, Rafael. **Cultura Transnacional y Cultura Popular**. Lima: IPAL, 1988.

LACAZ, José da Silva. Depoimento Oral. 06/07/1998. In: PRUDENTE, Henrique Alckmin. **A Evolução dos Meios de Transportes e a Transformação Urbana de Guaratinguetá-SP**. Trabalho de Graduação Individual – Departamento de Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1999.

MAIA, Thereza Regina de Camargo; MAIA, Tom. **Memórias do Comércio de Guaratinguetá**. Sindicato do Comércio Varejista de Guaratinguetá e Associação Comercial e Industrial de Guaratinguetá. Guaratinguetá: Edição dos Autores, 1995.

MAIA, Thereza Regina de Camargo; MAIA, Tom. **O Folclore das Tropas, Tropeiros e Cargueiros no Vale do Paraíba**. Rio de Janeiro: MEC-SEC: FUNARTE; Instituto Nacional do Folclore; São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura: Universidade de Taubaté, 1981.

MELLO E SOUZA, Laura. **Desclassificados do Ouro**: A pobreza mineira do Século XVIII. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

MOURA, Luiz Antonio. **Os Ranchos de Tropas do Bairro do Brumado**. Monografia. Arquivo Memória de Guaratinguetá. Guaratinguetá: Museu Frei Galvão, 1992, n. 110.

NORA, Pierre. **Entre Memórias e História**: A problemática dos lugares. In: Projeto História. São Paulo: PUC-SP n. 10, 1993.

PASIN, José Luiz. **Vale do Paraíba – A Estrada Real**: Caminhos & roteiros. Aparecida: Edição do Autor, 2004.

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

Henrique Alckmin Prudente
Doutor em Ciências pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

PASIN, José Luiz. **Algumas Notas para a História do Vale do Paraíba** – Desbravamento e povoamento. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura-Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1977, p. 34-24.

PRUDENTE, Henrique Alckmin (org.) **Memória Tropeira** – Um projeto pedagógico na rede escolar de Cunha. Guaratinguetá: Expedições, 2013.

PRUDENTE, Henrique Alckmin. **Bandeiras, Comidas & Folias**. A festa do Divino Espírito Santo e a festa do pinhão em Cunha. Taubaté: Casa Cultura, 2011.

PRUDENTE, Henrique Alckmin. **Estrada Real**: Apontamentos & paisagens – Travessias no tempo & no espaço. In: SANCHES, Fabio de Oliveira; TOLEDO, Francisco Sodero; PRUDENTE, Henrique Alckmin. Estrada Real: O caminho do ouro. Lorena: Edição dos Autores, 2006.

RANCHO de Tropeiros. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2024. Disponível em: <enciclopedia.itaucultural.org.br/obra3257/rancho-de-tropeiros>. Acesso em: 01 jun. 2024.

REIS, Paulo Pereira dos. **O Indígena do Vale do Paraíba**. São Paulo: Governo do Estado, 1979. Col. Paulística, v. XVI.

REIS, Paulo Pereira dos. **O Caminho Novo da Freguesia da Piedade no Nordeste da Capitania de São Paulo**. São Paulo: Secretaria de Cultura, Esportes e Turismo, 1971.

SECRETARIA DE TURISMO E DE VIAGENS. Governo do Estado de São Paulo. Disponível em: <turismo.sp.gov.br/municipiosturisticos>. Acesso em: 29 mai. 2024.

TOLEDO, Francisco Sodero. **Estrada Real** – O Caminho Novo da Piedade. Campinas: Alinea, 2009.

TOLEDO, Francisco Sodero. **Estrada Real**. Relatório Parcial. UNISAL, Núcleo de Pesquisa Regional: Lorena, 2004.

TROPEIROS Pobres de São Paulo. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2024. Disponível em: <enciclopedia.itaucultural.org.br/obra61237/tropeiros-pobres-de-sao-paulo>. Acesso em: 31 mai. 2024.

VELOSO, João José de Oliveira. **A História de Cunha 1600-2010**. São Paulo: JAC Gráfica e Editora, 2010.